

ALINE PEIXOTO GRAVINA

**A NATUREZA DO SUJEITO NULO
NA *DIACRONIA* DO PB:
*estudo de um corpus mineiro (1845 – 1950)***

Dissertação apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da
Universidade Estadual de Campinas para a obtenção do Título de
Mestre em Lingüística.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Charlotte Marie Chambelland Galves

Campinas
2008

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL – Unicamp

G789n

Gravina, Aline Peixoto.

A natureza do sujeito nulo na diacronia do PB: *estudo de um corpus mineiro* (1845 – 1950) / Aline Peixoto Gravina. -- Campinas, SP : [s.n.], 2008.

Orientador : Charlotte Marie Chambelland Galves.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Lingüística histórica. 2. Sujeito nulo. 3. Gramática gerativa. I. Galves, Charlotte Marie Chambelland. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

tjj/iel

Título em inglês: The nature of null subject in diacronic BP: *a study on a corpus from Minas Gerais* (1845 – 1950).

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Historic Linguistic; Null Subject; Generative grammar.

Área de concentração: Lingüística.

Titulação: Mestre em Lingüística.

Banca examinadora: Profa. Dra. Charlotte Marie Chambelland Galves (orientadora), Profa. Dra. Maria Eugênia Lamoglia Duarte, Profa. Dra. Maria Clara Paixão de Sousa.

Data da defesa: 11/12/2008.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Lingüística.

BANCA EXAMINADORA:

Charlotte Marie Chambelland Galves

Ch. Galves

Maria Clara Paixão de Sousa

M. C. Paixão de Sousa

Maria Eugenia Lamoglia Duarte

M. Eugenia Lamoglia Duarte

Juanito Ornelas de Avelar

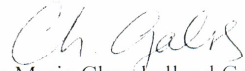
Silvia Regina de Oliveira Cavalcante

**IEL/UNICAMP
2008**

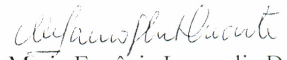
Parecer

A banca destaca a contribuição do trabalho para a história linguística e social do português brasileiro, com a constituição de importante amostra e uma análise inovadora do sujeito pronominal. Os resultados trazem novas luzes sobre a mudança gramatical que afeta a realização do sujeito referencial no português do Brasil.

Campinas, 11 de dezembro de 2008,



Charlotte Marie Chambelland Galves



Maria Eugênia Lamoglia Duarte



Maria Clara Paixão de Sousa

À minha família, obrigada por tudo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, ser onipresente em minha vida.

Aos meus amados pais, Antonia e Samuel e meu querido maninho Antoniel pelo apoio, incentivo, carinho e principalmente por respeitar e acreditar em meus projetos e sonhos estando sempre ao meu lado. Com certeza, sem estas bases que sustentam minha fortaleza eu não conseguiria ter chegado até o final dessa etapa.

Após agradecer às origens, é imprescindível lembrar das pessoas e instituições que proporcionaram os materiais, as reflexões, orientações e sugestões para desenvolver esse trabalho; assim agradeço:

À professora Charlotte Galves um agradecimento mais que especial, pois além de ser orientadora dessa pesquisa foi uma orientadora para a vida. Um exemplo de dedicação, competência e profissionalismo em sua área de atuação.

Às professoras Maria Clara Paixão de Sousa e Silvia Regina de Oliveira Cavalcante, um agradecimento duplo, pois ambas aceitaram participar tanto da banca de qualificação quanto de defesa dessa dissertação. Obrigada pela leitura cuidadosa e pelas sugestões de enorme valor para a finalização desse trabalho. À Maria Clara ainda agradeço pelo conhecimento transmitido em suas disciplinas na pós do IEL e, é claro, pela paciência e atenção a mim dispensadas.

À professora Maria Eugênia Lamoglia Duarte por ter me dado a honra de tê-la em minha banca de defesa. Ícone da questão do sujeito nulo no PB, seus trabalhos serviram de inspiração para a elaboração dessa pesquisa.

Ao professor Juanito Avelar que gentilmente aceitou fazer parte da banca examinadora; obrigada pela contribuição.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq pelo apoio financeiro.

À Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, na figura do funcionário Rutonio Sant'Anna, que disponibilizou, dentro do prazo que a burocracia brasileira e a greve desse estabelecimento permitiu, a digitalização em cd-rom dos artigos do *Jornal Mineiro* e do *Tribuna de Ouro Preto* para a composição do *corpus* desse trabalho.

À Universidade Federal de Ouro Preto, mais especificamente ao Professor Leopoldo Comitti e ao colega Ednaldo Cândido integrantes do CELLB (Centro de Estudos Literários Luso-brasileiros) localizado no Instituto de Ciências Humanas e Sociais, por ter me disponibilizado os originais microfilmados do *Recreador Mineiro* para que pudesse ser feita a digitalização desse material aqui na UNICAMP.

À professora Márcia Abreu por ter cedido seus monitores para me auxiliar no trabalho de digitalização dos microfilmes.

À Crislayne Gloss pela ajuda nos arquivos e documentos históricos, sem seu auxílio o levantamento dos dados biográficos dos redatores dos jornais teria sido muito mais árduo.

À professora e orientadora na graduação Mônica Alkmim, primeira grande incentivadora em meus estudos acadêmicos.

Não há como não agradecer aos amigos e familiares pelas discussões, apoio moral, pelas conversas sem noção em casa ou mesmo pelos devaneios na Arcádia. Obrigada a todos que compartilharam de minhas derrotas e conquistas acadêmicas. Dentre tantos, especificamente agradeço:

À Kassandra (Kassy), minha grande acolhedora em terras campineiras, pela confiança e afeição à primeira vista! Nossos finais de semana de 2006 regados a “comidinhas”, nos rendeu além de discussões sobre preconceitos e “pré” conceitos dos mais diversos, uma amizade para toda vida!

À Liliane (Lili) pela paciência em ouvir meus desabafos, meus resumos de novelas; por sempre receber e tratar bem minhas mais diversas visitas e por me deixar compartilhar de suas alegrias, como no dia em que se tornou titia! Ah! Não posso deixar de falar das quartas-feiras muito mais animadas que você me proporcionou! Morar com uma torcedora fanática do São Paulo que namora um corinthiano não tem preço!

À Julie por me mostrar que nem todas mocinhas nem todas as vilãs dos filmes e novelas são tão fictícios, e que até mesmo, podemos ter essa personalidade dúbia, sem a obrigação da mocinha ser boazinha ou a vilã ser, propriamente, má. Conviver com essa colombiana abasileirada (cheia de contatos mundiais), conquistadora e muitas vezes passional é sempre uma caixinha de surpresa.

À Paula pela tolerância e pela coragem de vir morar com alguém que está no último ano do mestrado!

À “Nath” que mesmo estando distante, sempre se faz presente em minha vida com sua amizade mais que especial.

Às ex-alunas e moradoras da república “Intocáveis” em Mariana pelo aconchego, abrigo, festas e por me aceitarem nessa família.

À Rita de Cássia pelo carinho, pela cumplicidade, pelas nossas intermináveis conversas que ligavam um assunto no outro e por todos os momentos de angústias, superações e alegrias que compartilhamos uma com a outra, durante todo o nosso mestrado.

Aos colegas do Projeto Padrões Rítmicos, Fixação e Mudança Gramatical, pela troca de idéias e experiências. Em especial agradeço à Gilcélia de Menezes (GIL), inicialmente, por ter me ensinado como trabalhar com programação XML e por ter me ajudado com todos os detalhes imprescindíveis para iniciar a composição do *corpus* dessa dissertação. Posteriormente, agradeço por sua amizade sincera e pela preocupação que sempre demonstra ter por mim. Obrigada pelos conselhos e por sempre poder contar contigo.

Ainda dentro do Projeto temático, agradeço ao Pablo Faria pela compreensão, paciência e principalmente pela grande ajuda nos suportes computacionais para a finalização desse trabalho. Além, é claro, das conversas informais e formais, seja na sala do projeto ou na cantina do IEL.

Aos colegas de curso Aroldo, Aquiles, Adriana, Fábio Fortes, Priscila e André pelos grupos de estudos, pelas discussões produtivas e improdutivas, pelo apoio moral em apresentações de seminários e em congressos.

Não poderia deixar de contemplar as novas e profícuas amizades desse ano de 2008. Lílian, Júlia, Karla, Greci, e Marcos, a companhia de vocês faz da Arcádia um lugar bem melhor para se frequentar! Em particular agradeço à Lílian e a Júlia por suportar durante toda a semana (incluindo finais de semana e feriados) minhas dúvidas “cosmogônicas”, minhas paranóias, incertezas e por fazer com que eu tenha uma vida social mais ativa em Campinas.

Por último, mas essencial nessa jornada, agradeço ao meu namorado e grande companheiro Renato. Obrigada pela atenção, pela paciência, pelo incentivo e principalmente por sua lealdade. Agradeço a leitura e as tentativas de entender meu tema e minhas problemáticas, mesmo sendo de uma área diferente da sua. Agradeço, por fim, o “colo” e a força que me dispensou nos momentos que mais precisei.

**“Não existe mais ninguém tão inocente para ainda
colocar o sujeito EU na condição de ‘Penso’”.**

Friedrich Nietzsche

Resumo

Nesse trabalho serão apresentados os resultados e as análises da distribuição do número de sujeitos nulos e sujeitos realizados (pronominais e/ou lexicais anafóricos) em textos diacrônicos do Português Brasileiro (doravante PB). O *corpus* montado para a pesquisa foi composto por jornais que circularam em Ouro Preto, Minas Gerais, em três períodos distintos: “O Recriador Mineiro” (1845 – 1848); “O Jornal Mineiro” (1897 – 1900) e “Tribuna de Ouro Preto” (1945 – 1948). A partir dos contextos de sujeito nulo apresentados por Maria Cristina Figueiredo Silva (1996), Marcelo Barra (2000) e Cilene Rodrigues (2004), em análises sincrônicas, foi feito um paralelo entre a sintaxe dos jornais nesse período histórico e a mudança no estatuto do sujeito nulo observada por esses autores para o PB atual. As análises dos dados levaram à conclusão de que o PB seria uma língua de sujeito nulo com contextos específicos de realização, assim nos ambientes em que há restrição ao sujeito nulo, a tendência é ser usada alguma estratégia de preenchimento (pronominal ou lexical anafórica). Essa análise foi reforçada pelos resultados quantitativos, que revelaram uma inversão de preferência nos dados históricos do PB: na primeira metade do século 19 um uso preponderante de sujeitos nulos; na primeira metade do século 20, a preferência é o preenchimento do sujeito, principalmente com o uso do sujeito lexical anafórico. Para embasar nossas hipóteses e explicações a respeito da mudança das propriedades do uso do sujeito nulo ao longo do tempo, nos pautamos na teoria da Gramática Gerativa.

ABSTRACT

In this work, we present the results and analysis of distribution in the number of null subjects and overt subjects (both pronominal and/or anaphoric lexical ones), present in diachronic texts in Brazilian Portuguese (from now on: BP). Our corpus consists of newspapers which were published in Ouro Preto, Minas Gerais, in three different times: “O Recreador Mineiro” (1845 – 1848); “O Jornal Mineiro” (1897 – 1900) and “Tribuna de Ouro Preto” (1945 – 1948). From the null subject contexts, presented by Maria Cristina Figueiredo Silva (1996), Marcelo Barra (2000) and Cilene Rodrigues (2004), in diachronic analysis, we built a parallel between the syntax of the newspapers in this historical period and the change in use of null subject, prescribed by these same authors for current BP. The data analysis led us to the conclusion that BP could be a null subject language only in specific contexts of realization. Thus, in environments in which there is a null subject constraint, there is also the tendency to use any fulfilling strategy (either pronominal or anaphoric lexical one). Such analysis could be confirmed by the quantitative results, from which we could observe that BP in historical data has undergone an inversion in preference: whereas a prevailing use of null subjects happened in the first half of 19th century, in the first half of 20th century the most common situation is the fulfilling of subjects, principally by the usage of anaphoric lexical subjects. We grounded our hypothesis and explanations for the properties of null subject change in PB on the Generative Grammar Theory.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Propostas de periodização da língua portuguesa.....	10
Tabela 2	Variação sujeito nulo/ pronominal realizado em todas as orações analisadas no Recreador Mineiro.....	75
Tabela 3	Variação sujeito nulo/ pronominal realizado em todas as orações analisadas no Jornal Mineiro.....	76
Tabela 4	Variação sujeito nulo/ pronominal realizado em todas as orações analisadas no Tribuna de Ouro Preto.....	76
Tabela 5	Variação sujeito nulo/ pronominal realizado no Recreador Mineiro.....	77
Tabela 6	Variação sujeito nulo/ pronominal realizado no Jornal Mineiro.....	78
Tabela 7	Variação sujeito nulo/ pronominal realizado no Tribuna de Ouro Preto...	78
Tabela 8	Variação do sujeito nulo/ pronominal em relação ao tipo de oração no Recreador Mineiro.....	80
Tabela 9	Variação do sujeito nulo/ pronominal em relação ao tipo de oração no Jornal Mineiro.....	80
Tabela 10	Variação do sujeito nulo/ pronominal em relação ao tipo de oração no Tribuna de Ouro Preto.....	81
Tabela 11	Distribuição das pessoas do discurso pela variação sujeito nulo/ pronominal no Recreador Mineiro.....	82
Tabela 12	Distribuição das pessoas do discurso pela variação sujeito nulo/ pronominal no Jornal Mineiro.....	82
Tabela 13	Distribuição das pessoas do discurso pela variação sujeito nulo/pronominal no Tribuna de Ouro Preto.....	83
Tabela 14	Distribuição da variação sujeito nulo/ pronominal pelas pessoas do discurso no Recreador Mineiro.....	84
Tabela 15	Distribuição da variação sujeito nulo/ pronominal pelas pessoas do discurso no Jornal Mineiro.....	84
Tabela 16	Distribuição da variação sujeito nulo/ pronominal pelas pessoas do discurso no Tribuna de Ouro Preto.....	85
Tabela 17	Variação sujeito nulo/ pronominal realizado no Recreador Mineiro (sem a 1ª. Pessoa).....	87
Tabela 18	Variação sujeito nulo/pronominal realizado no Jornal Mineiro (sem a 1ª. Pessoa).....	87
Tabela 19	Variação sujeito nulo/ pronominal realizado no Tribuna de Ouro Preto (sem a 1ª. Pessoa).....	88
Tabela 20	Variação sujeito nulo/pronominal em relação ao tipo de oração no Recreador Mineiro(sem a 1ª. Pessoa).....	90
Tabela 21	Variação sujeito nulo/pronominal em relação ao tipo de oração no Jornal Mineiro (sem a 1ª. Pessoa).....	91
Tabela 22	Variação sujeito nulo/pronominal em relação ao tipo de oração no Tribuna de Ouro Preto (sem a 1ª. Pessoa).....	91
Tabela 23	Distribuição dos sujeitos nulos/pronominais e sujeitos lexicais anafóricos no Recreador Mineiro.....	94

Tabela 24	Distribuição dos sujeitos nulos/pronominais e sujeitos lexicais anafóricos no Jornal Mineiro.....	95
Tabela 25	Distribuição dos sujeitos nulos/pronominais e sujeitos lexicais anafóricos no Tribuna de Ouro Preto.....	95
Tabela 26	Distribuição dos sujeitos nulos/pronominais e sujeitos lexicais anafóricos no Recreador Mineiro (sem a primeira pessoa).....	99
Tabela 27	Distribuição dos sujeitos nulos/pronominais e sujeitos lexicais anafóricos no Jornal Mineiro (sem a primeira pessoa).....	99
Tabela 28	Distribuição dos sujeitos nulos/pronominais e sujeitos lexicais anafóricos no Tribuna de Ouro Preto (sem a primeira pessoa).....	99
Tabela 29	Distribuição do sujeito nulo/preenchido nas orações –wh/ relativas e clivadas no Recreador Mineiro.....	105
Tabela 30	Distribuição do sujeito nulo/preenchido nas orações –wh/ relativas e clivadas no Jornal Mineiro.....	105
Tabela 31	Distribuição do sujeito nulo/preenchido nas orações –wh/ relativas e clivadas no Tribuna de Ouro Preto	106
Tabela 32	Distribuição do sujeito nulo/preenchido nas orações –wh/ relativas e clivadas no Recreador Mineiro (sem a primeira pessoa).....	106
Tabela 33	Distribuição do sujeito nulo/preenchido nas orações –wh/ relativas e clivadas no Jornal Mineiro (sem a primeira pessoa).....	107
Tabela 34	Distribuição do sujeito nulo/preenchido nas orações –wh/ relativas e clivadas no Tribuna de Ouro Preto(sem a primeira pessoa).....	107
Tabela 35	Distribuição da variação sujeito nulo/pronominal nas orações encaixadas completivas verbais.....	109
Tabela 36	Distribuição da variação sujeito nulo/pronominal nas orações encaixadas – wh	110
Tabela 37	Distribuição da variação sujeito nulo/preenchido nas orações encaixadas com adjuntos finitos.....	114
Tabela 38	Sujeito realizado (pronominal + lexical anafórico) x sujeito nulo nas orações matrizes do Recreador Mineiro.....	116
Tabela 39	Sujeito realizado (pronominal + lexical anafórico) x sujeito nulo nas orações matrizes do Jornal Mineiro.....	116
Tabela 40	Sujeito realizado (pronominal + lexical anafórico) x sujeito nulo nas orações matrizes do Tribuna de Ouro Preto.....	117

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Proposta de Periodização para o PE.....	12
Figura 2	Gráfico do decréscimo do uso do sujeito nulo no PB.....	27
Figura 3	Foto da primeira página do periódico O Recriador Mineiro.....	45
Figura 4	Foto do Programa do Recriador Mineiro – Secção Memória – História...	47
Figura 5	Foto do Programa do Recriador Mineiro –Secção Razão – Philosophia..	48
Figura 6	Foto do Programa do Recriador Mineiro –Secção Imaginação – Poesia..	49
Figura 7	Foto da primeira página do periódico Jornal Mineiro.....	55
Figura 8	Foto de uma propaganda política estampada no Jornal Mineiro.....	56
Figura 9	Foto da primeira página do periódico Tribuna de Ouro Preto.....	59
Figura 10	Foto da última página de uma edição do periódico Tribuna de Ouro Preto.....	67

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Variação sujeito/sujeito pronominal no <i>corpus</i>	88
Gráfico 2	Variação sujeito/sujeito pronominal no <i>corpus</i> (sem a primeira pessoa)...	89
Gráfico 3	Periódicos x Variação sujeito nulo/pronominal.....	96
Gráfico 4	Distribuição dos sujeito nulo/ pronominal e lexical anafórico nos Periódicos (com a primeira pessoa).....	97
Gráfico 5	Sujeito nulo x contextos preenchidos (pronominal + lexical anafórico)....	98
Gráfico 6	Periódicos x Variação sujeito nulo/pronominal (sem a primeira pessoa)..	100
Gráfico 7	Distribuição dos sujeitos nulo/ pronominal e lexical anafórico nos Periódicos (sem a primeira pessoa).....	101
Gráfico 8	Sujeito nulo x Sujeito preenchido (pronominal + lexical anafórico).....	102
Gráfico 9	Distribuição dos sujeitos nulos x sujeitos preenchidos na diacronia (sem a primeira pessoa).....	103
Gráfico 10	A Ocorrência do sujeito nulo na primeira e terceira pessoa do discurso no <i>corpus</i>	117
Gráfico 11	A ocorrência de sujeito preenchido na primeira e terceira pessoa.....	118

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
 1 QUADRO TEÓRICO	
1.1 – LINGÜÍSTICA HISTÓRICA, MUDANÇA LINGÜÍSTICA E PERIODIZAÇÃO PORTUGUÊS.....	5
1.1.1 – Mudança Lingüística.....	5
1.1.2 – Periodização	9
1.1.3 - Periodização do Português Brasileiro.....	15
1.2 – O PARÂMETRO DO SUJEITO NULO.....	19
1.3 – RESULTADOS QUANTITATIVOS DE SUJEITO NULO NO PB.....	25
1.4 – A INTERPRETAÇÃO DO SUJEITO NULO NO PB.....	28
1.5 – RESTRIÇÕES E NATUREZA DO SUJEITO NULO NA SINCRONIA.....	31
1.6 – RESUMO DO CAPÍTULO.....	40
 2 APRESENTAÇÃO DO <i>CORPUS</i> E CLASSIFICAÇÃO DOS DADOS	
2.1 – COMPOSIÇÃO DO <i>CORPUS</i>	43
2.2 – APRESENTAÇÃO GERAL DE CADA PERIÓDICO NO <i>CORPUS</i>	44
2.2.1 – Recreador Mineiro.....	44
2.2.2 – Jornal Mineiro.....	55
2.2.3 – Tribuna de Ouro Preto.....	59
2.3 - METODOLOGIA.....	67
2.3.1 – Metodologia de classificação dos dados no <i>corpus</i>	68
2.4 – RESUMO DO CAPÍTULO.....	73
 3 RESULTADOS E ANÁLISES	
3.1 – RESULTADOS DOS CONTEXTOS DE VARIAÇÃO.....	75
3.1.1 – Resultados Iniciais.....	75
3.1.2 – Contextos de realização do sujeito nulo x sujeito pronominal realizado.....	79
3.2 – O PREPONDERANTE USO DA PRIMEIRA PESSOA.....	85
3.2.1– Os altos índices de sujeito nulo de primeira pessoa nos dados.....	85
3.2.2– Os resultados iniciais sem a primeira pessoa.....	83
3.3 – O SUJEITO LEXICAL ANAFÓRICO.....	92
3.3.1 – Apresentação.....	92
3.3.2 – Resultados encontrados.....	94
3.3.3 – Ausência da primeira pessoa nos resultados com sujeito lexical anafórico...	98
3.4 –DISCUSSÃO.....	104
3.4.1 Orações encaixadas – Orações wh.....	104

3.4.2 – Orações encaixadas – completivas verbais	108
3.4.3 - Orações com adjuntos finitos.....	113
3.4.4-Orações matrizes.....	115
3.5 –RESUMO DO CAPÍTULO.....	119
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 121
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	 127

INTRODUÇÃO

A questão do sujeito nulo no Português Brasileiro (PB) é um tema intensamente debatido, mas ainda com muitas perguntas para responder. Na década de 90, Duarte (1993;1995) defendeu que o PB teria deixado de ser uma língua com características *pro-drop*. Em outras palavras, não seria uma língua de sujeito nulo como o PE. Para realizar esse trabalho a autora analisou os diálogos de peças teatrais do século 19 e 20 e verificou uma redução bastante significativa no uso do sujeito nulo no PB.

No entanto trabalhos, como o de Nicolau (1997), discordaram dessa visão de Duarte (1995). Para essa autora os números encontrados por Duarte não revelam que o PB teria deixado de ser *pro-drop*, pois a diminuição no uso de sujeito nulo, não significa propriamente a alteração da marcação de um parâmetro na língua.

O presente trabalho pretende trazer dados novos e substanciais para a discussão da mudança que afeta o sujeito no PB. Este se insere na linha de análise que vê na diminuição do sujeito nulo o reflexo de uma mudança de gramática. Acreditamos que o PB atual configure uma situação peculiar em relação ao parâmetro do sujeito nulo. Seria uma língua de sujeito nulo diferente das demais, e principalmente diferente do PE. Nosso objetivo nesse trabalho é analisar a evolução da mudança de uma língua com características *pro-drop* para uma língua de sujeito nulo diferente.

A diferença do sujeito nulo do PB foi inicialmente apontada por Galves (1987) na comparação com o sujeito nulo do PE. Esse trabalho propõe que existem diferenças de interpretação no sujeito nulo de terceira pessoa do singular entre essas duas línguas. A autora relaciona as diferenças no uso do clítico “se” e do pronome pessoal “ele”, no que diz respeito a alternância determinação/indeterminação nas duas línguas. Logo, a realização do sujeito nulo no PB não estaria ligada a uma questão de licenciamento, mas sim às questões de identificação.

Ainda dentro do quadro gerativista, outros autores como Figueiredo Silva (1996; 2000); Negrão (1997); Modesto (2000); Barra Ferreira (2000) e Rodrigues (2004) discutiram a questão da identificação/interpretação do sujeito nulo no PB. Em suas discussões, todos esses autores apontam para o fato de que o PB atual não possui o mesmo

tipo de sujeito nulo encontrado no PE. As ocorrências de sujeito nulo no PB estariam restritas a contextos específicos. Ao tratar dos contextos de restrições do sujeito nulo no PB, há algumas convergências e divergências na literatura a respeito dos ambientes sintáticos em que ainda ocorrem sujeitos nulos.

Esta pesquisa foi elaborada com o intuito de elucidar, ou pelo menos apontar indícios mais concretos a respeito dos ambientes sintáticos de restrições do sujeito nulo no PB, a partir de dados históricos. Para realizar a análise dos contextos de restrição tivemos como base três autores: Figueiredo Silva (1996; 2000), Barra Ferreira (2000) e Rodrigues (2004).

O *corpus* desse trabalho foi constituído por jornais que circularam na cidade de Ouro Preto em Minas Gerais em três períodos distintos: *O Recriador Mineiro* (1845 a 1848); *Jornal Mineiro* (1897 a 1900) e *Tribuna de Ouro Preto* (1945 a 1948).

Ao realizar a classificação dos ambientes sintáticos nesse *corpus* percebeu-se a diminuição de sujeitos nulos e pronominais no decorrer do tempo, assim foram levadas em consideração todo tipo de estratégia de preenchimento do sujeito. Além dos pronomes, quantificamos outras expressões nominais anafóricas. Portanto, o uso de estratégias de preenchimento de maneira mais freqüente nos evidenciou que os redatores dos jornais, principalmente, os redatores da primeira metade do século 20, utilizavam uma gramática com o sujeito mais preenchido. Essa estratégia de preenchimento foi denominada nessa pesquisa de *Sujeito Lexical Anafórico (SLA)*.

Um sujeito foi classificado como Lexical Anafórico, quando podia ser substituído ou por um sujeito nulo ou por um pronome lexical realizado.

Ex.:

Maria Eduarda é doutoranda do curso de lingüística na Universidade Estadual de Campinas. **A pesquisadora** trabalha essencialmente na área de morfologia. **Esta** é sempre solicitada nos mais diversos congressos de sua área.

No exemplo acima, tanto “A pesquisadora” quanto “Esta” fazem referência à “Maria Eduarda”. Nos ambientes sintáticos em que estas variantes aparecem, podemos substituir esses sujeitos tanto por um sujeito nulo quanto por um sujeito pronominal realizado (ela). Logo, os ambientes que demonstraram tais especificações foram classificados como *Sujeito Lexical Anafórico*. Além de apontar a variação nos dados

quantitativos, essa variante nos possibilitou fazer as análises qualitativas de forma criteriosa e confiável.

É importante ressaltar que Duarte (1986) desenvolveu um trabalho de grande relevância para o uso do objeto em PB. A pesquisadora analisou as formas pelas quais foram realizados os objetos co-referenciais com um SN mencionado no discurso. O trabalho foi desenvolvido a partir de um corpora de entrevista e falas veiculadas na televisão, além de correlacionar tais resultados com dados da língua escrita. Com base em um modelo de pesquisa laboviano a autora atestou “o quase desaparecimento do clítico acusativo na língua falada e sua substituição, mais freqüentemente, por uma categoria vazia, que é também usada na língua escrita” (Duarte 1986, p.ii). Além da categoria vazia, a autora também verificou um alto índice de realização do objeto por SNs lexicais plenos em detrimento de pronomes clíticos e pessoais nas variedades estudadas. Ou seja, quando o objeto não está nulo a preferência ao realizá-lo fonologicamente é através de um SN lexical pleno.

O presente trabalho correlaciona-se com Duarte (1986) no sentido de que, apesar da ocorrência do sujeito ir em direção oposta a do objeto - pois há um aumento em seu preenchimento enquanto o objeto apresenta um alto índice de realizações nulas – ambos quando realizados em um contexto de co-referenciação, evita-se o uso de pronomes e a utilização de SNs plenos aparece de forma bastante preponderante.

Assim, a estrutura dos capítulos dessa dissertação está esquematizada da seguinte maneira:

No capítulo 1, serão apresentados os pressupostos teóricos seguidos nessa dissertação. O quadro teórico gerativista norteará tanto as análises sintáticas quanto a concepção de mudança aqui adotada. Em seguida será feita uma revisão bibliográfica a respeito dos trabalhos que trataram do sujeito nulo no PB, em seus aspectos quantitativos e qualitativos, no que tange à questão de licenciamento e interpretação/identificação do sujeito nulo no PB.

No capítulo 2, serão apresentados o *corpus* e a metodologia utilizada nessa pesquisa. Em relação ao *corpus*, os três periódicos estudados serão contextualizados por meio de uma pesquisa biográfica dos redatores dos jornais de cada época. Essa pesquisa será efetuada com o propósito de levantar dados sobre nacionalidade, datas de nascimento,

dentre outras informações, para assim poder identificar os períodos da língua –E que serão abordados nesse trabalho, informação de suma importância para nossa metodologia e nossos pressupostos teóricos.

No capítulo 3 serão apresentados nossos resultados e nossas análises a respeito das variantes e dos fenômenos encontrados em nossos dados. E finalmente, nas considerações finais apresentaremos as conclusões a respeito de nossos resultados e análises. Para tal discussão nos basearemos nos pressupostos teóricos seguidos nessa dissertação.

Capítulo 1

QUADRO TEÓRICO

O presente trabalho trata da mudança diacrônica, dentro da perspectiva da Lingüística Histórica e do quadro teórico gerativista. Este capítulo apresenta uma pequena abordagem sobre os termos e os temas, que estarão direta ou indiretamente ligados a este trabalho.

1.1 – LINGÜÍSTICA HISTÓRICA, MUDANÇA LINGÜÍSTICA E PERIODIZAÇÃO DO PORTUGUÊS

O eixo primordial das pesquisas na diacronia são as línguas e suas respectivas gramáticas. As línguas não são estáticas, estão continuamente alterando suas configurações estruturais ao longo do tempo e é essa dinâmica que configura o objeto de estudo da Lingüística Histórica.

Segundo Kroch (2001), o campo da sintaxe histórica pode ser dividido em duas partes: *o estudo das gramáticas de línguas do passado* e *o estudo das mudanças nas gramáticas existentes nos registros históricos*. A primeira seria um ramo da sintaxe comparada, na qual se busca evidenciar as gramáticas das línguas utilizadas em épocas pretéritas, através dos registros deixados em textos. A segunda estuda a instabilidade diacrônica da sintaxe e a transição de gramáticas. Na prática, essas duas partes não podem ser separadas totalmente, uma vez que o estudo da transição entre gramáticas implica no conhecimento prévio das gramáticas envolvidas, tanto no estágio inicial quanto no final.

Assim sendo, o aspecto diacrônico da sintaxe histórica é de grande interesse para a lingüística como um todo, já que é nesse domínio que a sintaxe histórica contribui com algo não disponível no estudo sincrônico das línguas existentes.

1.1.1– Mudança Lingüística

O conceito de “gramática” que guiará essa pesquisa é aquele postulado pela teoria gerativa. Tal conceito nos remete a possibilidade de se gerarem estruturas, daí o

nome *gerativismo*. No entanto, essa possibilidade é limitada pela “Gramática Universal” (GU), que estaria presente na mente/cérebro dos falantes, fazendo parte das faculdades inatas de todo indivíduo. Essa gramática seria composta por *princípios* – estes universais e imutáveis – e *parâmetros* – estes variáveis, sendo fixados diferentemente em gramáticas particulares. Segundo Chomsky e Lasnik (1993), os parâmetros são os responsáveis por determinar os limites de variação entre as gramáticas particulares. Nesse sentido, cada gramática representa um conjunto particular de valores parametrizados, que emergem no processo de aquisição da linguagem do falante, a partir da interação entre os princípios da GU e os dados lingüísticos a que a criança tem acesso, dados esses produzidos pelas gerações anteriores à sua.

Dentro do quadro gerativista, Chomsky (1985) associou seu conceito de gramática ao que chamou de Língua-Interna, ou Língua-I, por oposição à Língua-Externa ou Língua-E. A competência mental adquirida no processo de aquisição é o que caracterizamos como Língua-I. Por outro lado, a Língua-E remete aos enunciados produzidos por essa Língua-I.

Logo, quando tratamos de mudança, partindo do pressuposto da gramática gerativa, parece que estamos sendo contraditórios, pois, se a gramática do falante se consolida na aquisição da linguagem, como ocorrem as mudanças lingüísticas de uma geração para outra? A tendência não seria termos uma língua constantemente homogênea?

Kroch (2001) afirma que *A mudança lingüística é por definição uma falha na transmissão de traços lingüísticos através do tempo*. Em grupos de falantes adultos monolíngues, essas falhas poderiam ocorrer no momento em que, por algum motivo, efetua-se a substituição de um traço por outro na língua, como acontece quando novas palavras substituem velhas. Porém quando se trata de traços sintáticos e gramaticais, tal inovação não é verificada nesse grupo. Logo, as falhas na transmissão parecem ocorrer no curso da aquisição da linguagem, isto é, são falhas no aprendizado.

Daí surge uma questão: as línguas são estáveis ou instáveis em sua natureza? A discussão da literatura existente não obteve ainda resposta para essa pergunta. Obviamente se a interpretação dos enunciados lingüísticos é alterada em decorrência do contato com outra comunidade de fala, então ocorrerá mudança, já que a experiência lingüística das crianças dessa comunidade estará sujeita a modificação. Andersen (1973) aponta que a

mudança pode ocorrer por questões endógenas. O autor sugere que, uma vez exposta a dados lingüísticos do seu meio, a criança pode hipotetizar uma gramática diferente daquela dos falantes de onde seu input vem. Se a nova gramática difere da gramática original apenas levemente no seu output, o aprendiz pode não notar a diferença e não corrigir seu erro, logo haveria uma transmissão imperfeita.

Ao tratar da questão do processo imperfeito de aquisição da linguagem para a implementação da mudança, deve-se ir além da idealização gerativista padrão de aquisição instantânea por um falante ideal. Segundo Kroch (2001), em uma comunidade na qual todos os membros adultos aprenderam uma gramática G para uma língua L, essa situação se mantém estável durante pelo menos uma geração. A língua não está passível de mudança, pois uma criança nessa comunidade irá adquirir essa gramática G. Caso contrário, como os pais dessa criança conseguiram aprender G, dado que por hipótese, eles foram expostos a L? Assim Kroch, diferente de Andersen (1973), acredita que a mudança no processo de aquisição só ocorre se a língua sofrer influências externas, ou seja, é um processo exógeno.

Lightfoot (1991; 1999) propõe que a mudança nas gramáticas ocorre quando no processo de aquisição há uma alteração suficiente nos dados usados pelo aprendiz para estabelecer os parâmetros gramaticais. Sem tal fenômeno, a transmissão ocorre de maneira estável. Essa visão também elimina a mudança endógena na sintaxe. O que faz aflorar um problema: como são derivadas as mudanças que não se originam de fontes externas como contato lingüístico ou mudanças na morfologia ou fonologia, se não há mudança endógena? Para Lightfoot podem ocorrer desvios freqüentes no uso de vários tipos de sentenças. Eventualmente, essa distorção de freqüências se torna tão marcada que os aprendizes não são expostos a dados cruciais e assim adquirem uma gramática diferente daquela de gerações anteriores.

Kroch (1989, 2001) propõe que quando a evidência para a fixação de um dado parâmetro se torna fraca, alguns aprendizes não vão ser expostos a dados suficientes para fixar o parâmetro corretamente. O resultado será uma população mista na qual alguns falantes têm a fixação paramétrica antiga e outros a nova. Nessa população mista, a próxima geração provavelmente será menos exposta aos dados necessários para fixar o parâmetro do jeito antigo. Evidentemente, essa população mista irá demonstrar nos textos

essa diglossia de gramáticas. Assim, como parte da população ainda estaria marcando um determinado parâmetro positivamente e outra parte negativamente, a presença de duas gramáticas em nossos dados será algo esperado, já que pretendemos apontar para uma mudança no uso do sujeito nulo no PB.

O quadro teórico de aquisição e mudança ainda não tem uma hipótese absoluta a respeito da fixação de um parâmetro ocorrer por questões endógenas ou exógenas. Mas para nossa pesquisa, algo parece ser incontestável: a Mudança Gramatical encontra-se ligada diretamente ao processo de aquisição da linguagem, o que pode ser resumido na afirmação de Galves, Namiuti e Paixão de Sousa (2005, p.04) a respeito da mudança gramatical: “... é uma função da relação entre a capacidade inata e a experiência lingüística vivenciada pelas sucessivas gerações de falantes. O estudo da mudança depende fundamentalmente de uma teoria de aquisição de linguagem”.

Para aprofundar essa idéia, é preciso ter em mente que a “gramática”, nesse quadro, é um objeto mental, uma gramática internalizada (Língua-I), enquanto que os dados de língua são um objeto empírico a ser interpretado, a língua-externa (Língua-E). Os estudos gerativistas buscam levantar hipóteses sobre a Língua-I a partir das análises da Língua-E, que lhe é subjacente. Dessa forma, para que tais análises sejam confiáveis, é indispensável a intuição do falante. A intuição é a ferramenta chave da metodologia nessa teoria.

Quando lidamos com línguas pretéritas, evidentemente não dispomos dessa ferramenta. Assim para efetuar nossas análises, necessitamos averiguar com atenção as *pistas* deixadas pela Língua-E dos textos. Para tentar definir a Língua-I subjacente àquele texto, averigua-se a marcação paramétrica correspondente ao conjunto de dados. Com efeito, só podemos dizer que houve mudança em uma língua se houver alteração de marcação de um parâmetro nos textos. Ao admitirmos a possibilidade dessa mudança, estamos admitindo que ela deva ocorrer de forma abrupta. Isto porque os parâmetros têm valores binários. Logo se altera a marcação é de um para outro, não há meio termo.

Diante dessas afirmações, nos vemos diante da seguinte questão: Se a mudança gramatical, para a teoria gerativa, ocorre de maneira abrupta, por que na diacronia dos dados vemos essa mudança ocorrer de forma gradual? Para entendermos a “mudança

histórica”, a interpretação dos dados necessita de uma metodologia que permita abordar o problema da *variação diacrônica*.

Assim, para darmos conta desse aspecto, nos baseamos em Kroch (1989) que salienta que a *variação nos textos* não deve ser confundida com a *variação nas gramáticas*. Isto quer dizer que mudanças instanciadas nos documentos como variação gradual são reflexos de mudanças que podem ocorrer de modo abrupto.

Quando vemos nos textos a variação de duas formas que correspondem a diferentes fixações de um mesmo parâmetro, temos duas gramáticas diferentes se manifestando. Estamos diante das diferentes fixações de um mesmo parâmetro, geradas por gramáticas diferentes. Esse processo é denominado por Kroch (1994) de *competição de gramáticas*. No processo de competição de gramáticas a forma antiga vai dando lugar, gradualmente, à variante inovadora.

Dessa forma, ao examinar os dados, deve-se ficar atento ao “surgimento” de novas formas, pois tal forma pode ser um sinal da emergência de uma nova gramática na língua. Pode ser que a forma inovadora e a forma antiga entrem em competição por algum tempo, mas as formas antigas representarão resquícios dos padrões produzidos pela gramática anterior. Para Galves, Namiuti e Paixão de Sousa (2005), a variação entre duas formas no uso escrito já pode ser interpretada como resultado da emergência de uma nova gramática no plano da oralidade.

1.1.2– Periodização

Tradicionalmente em lingüística histórica se definem diversos períodos ou ciclos para dar conta da evolução das línguas. Realizamos essa pesquisa de caráter histórico na expectativa de entender melhor o processo de mudança sofrido pelo PB. Do ponto de vista das gramáticas envolvidas, é indispensável para nosso estudo estabelecer a gramática inicial e final com a qual trabalharemos, daí a importância de se elucidar a periodização da língua portuguesa.

Para o Português Europeu, pesquisadores como Vasquez Cuesta (1971), Teyssier (1982), Castro (1991) e Mattos e Silva (1994) consideraram que o período histórico da língua surge com os registros dos primeiros documentos e vai até fins da idade média, sendo chamado este primeiro período de *Português Arcaico*. Após este, se iniciaria

um novo período, e este iria até o século 19, período chamado de *clássico*, em seguida haveria uma terceira fase que seria composta pelo português europeu moderno. Esses três grandes ciclos de periodização representam a visão tradicional para o tema.

A seguir temos um quadro (Castro, 2006:73), em que estão apresentadas diferentes propostas de periodização para a história da língua portuguesa:

Tabela 1

Propostas de periodização da língua portuguesa

Época	Leite de Vasconcelos	Silva Neto	Pilar V.Cuesta	Lindley Cintra
Até s. IX (882)	pré - histórico	pré-histórico	pré-literário	pré-literário
Até 1200 (1214-1216)	proto-histórico	proto-histórico		
Até 1385-1420	português arcaico	trovadoresco	galego-português	português antigo
Até 1536/1550		português comum	português pré-clássico	português médio
Até s.XVIII	português moderno	português moderno	português clássico	português clássico
Até s.XIX/XX			português moderno	português moderno

Fonte: Castro, 2006

A proposta de Leite de Vasconcelos divide a história da língua portuguesa em dois grandes períodos: arcaico e moderno. O marco dessa divisão se dá a partir da segunda metade do século 16. Os autores seguintes subdividem essas duas grandes divisões, totalizando em vez de dois, quatro períodos. Apesar das diferentes denominações, os autores apresentam marcações temporais parecidas em suas propostas. Tal fato nos leva a deduzir que os séculos 15 e 16 apresentam fenômenos lingüísticos muito diferentes entre si, da mesma forma que entre o século 18 e 19, daí a necessidade de se efetuar tais subdivisões.

Os pioneiros a esboçar uma periodização para o PE, especificamente no quadro gerativista, foram Martins (1994), Torres Morais (1995), Ribeiro (1996). Essas autoras assumem a proposta feita pelos primeiros trabalhos para a divisão do PE – Português Arcaico, Português Clássico e Português Europeu Moderno – além de reconhecer uma quarta variante, o Português Brasileiro.

Galves, Namiuti e Paixão de Sousa (2005), enfatizam que para o estudo gerativo um período ou um ciclo é relevante, quando este apresenta uma gramática diferente do período anterior. A proposta das autoras para a periodização do PE, também define três grandes ciclos: Português Arcaico, Português Médio e Português Europeu Moderno. No entanto os pontos de inflexão, ou seja, de mudança de um ciclo para o outro não coincidem com os períodos dos autores citados anteriormente. As autoras acreditam que em meados do século 14, já emergia a gramática do Português Médio, enquanto que na perspectiva tradicional esse período ainda compreende o Português Arcaico. Outro ponto de divergência, e de grande interesse para o nosso estudo, é o século 18. As autoras afirmam que este século já apresentaria a gramática do Português Moderno, enquanto a visão tradicional marca o início do português contemporâneo apenas no século 19. A seguir apresentaremos a proposta das autoras em comparação às propostas dos estudos tradicionais.

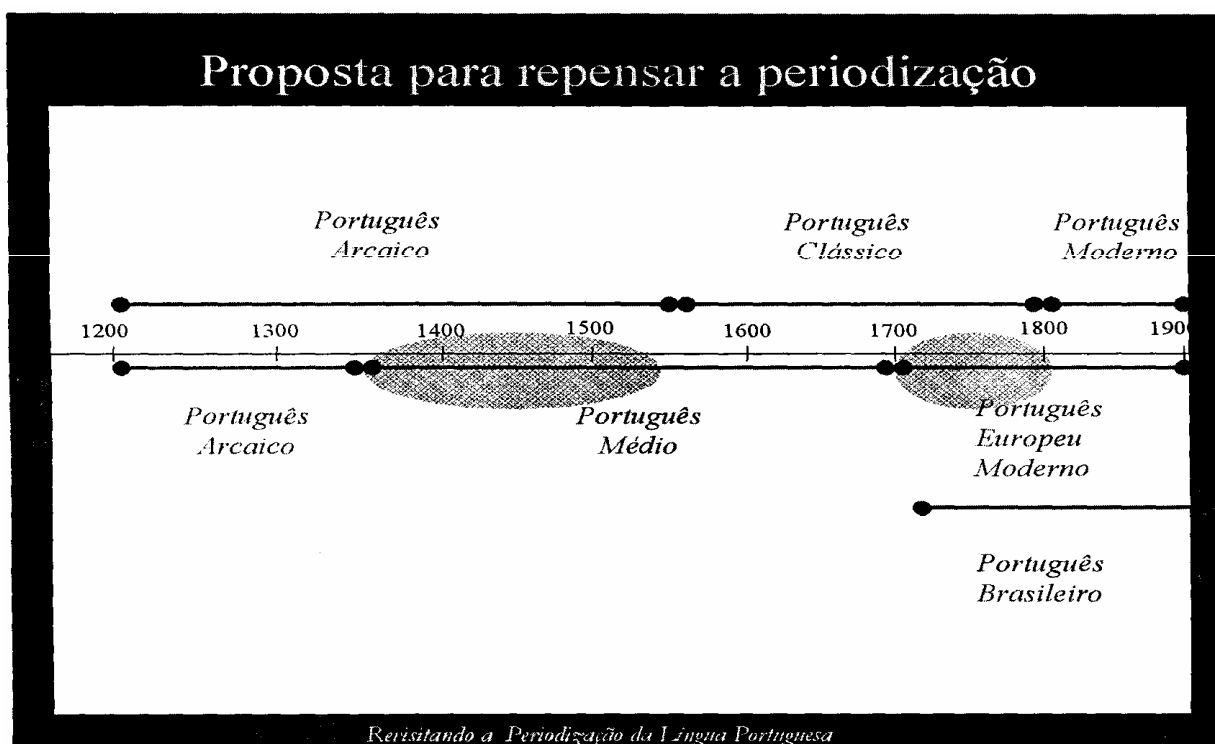


Fig. 1 – Proposta de Periodização para o PE
 Fonte: Galves, Namiuti e Paixão de Sousa, 2005.

Esse panorama da formação da língua portuguesa é fundamental para nosso estudo. Já que entender a periodização do PE é crucial para localizar o ponto de partida do PB. Ou seja, é necessário definir a partir de que período teríamos a emergência de uma língua brasileira, na vertente de nosso quadro teórico.

Nesse trabalho, dentre outros objetivos, procuramos estabelecer diferenças sintáticas existentes no PB, como uma característica que o distingue do PE. Logo, é imprescindível tratarmos de periodização lusitana e brasileira, ou seja, em que momento(s) houve essa “separação”, ou o surgimento de uma nova língua? Essa questão é uma das peças-chave de desenvolvimento de nossa pesquisa. Após apresentarmos os resultados e análises, poderemos, através de um suporte teórico e pautados por outros trabalhos na área, ter indícios que ajudem a responder, ou pelo menos, esclarecer melhor essa questão. Muitos estudiosos têm elaborado trabalhos e formulado hipóteses a fim de responder a essa pergunta. Nesse momento para direcionar o nosso estudo vamos expor duas hipóteses: Mateus (2003) e Galves (2007). As autoras abordam e discutem essa problemática de

maneira distinta. Segundo Mateus (2003) a Língua Portuguesa divide-se em quatro períodos:

- Português Antigo – primeiras manifestações escrita do Português até o fim do século 14.
- Português Médio – período que compreende o século 15.
- Português Clássico – período que compreende o início do século 16 até meados do século 18.
- Português Moderno – a partir do século 18.

Ao estabelecer essa divisão, a autora expõe que todos esses períodos tiveram suas fases de transição. Assim, variantes antigas e modernas conviveram juntas, antes de se implementar uma mudança em determinado contexto lingüístico, esse momento de transição é o que chamamos de “competição de gramáticas”.

A partir dessa periodização, Mateus (2003) afirma que a transição entre o Português Antigo e o Português Médio iniciou a separação do Português e do Galego, e entre o Português Clássico e o Português Moderno se iniciou a separação do Português Europeu (PE) e do Português Brasileiro (PB).

Galves (2007)¹, em seu artigo intitulado *A língua das caravelas: Periodização do português europeu e origem do português brasileiro*, evidencia aspectos que diferem da argumentação de Mateus (2003). Em vez de quatro, a autora propõe a divisão em três períodos para o Português Europeu:

- Português Arcaico -primeiras manifestações escritas do Português até o fim do século 14.
- Português Médio – período que compreende o século 15 até meados do século 18.
- Português Moderno – a partir do século 18.

Como podemos ver, o Português Antigo (ou Arcaico) e o Português Moderno coincidem nas duas periodizações, mas para a Galves o Português Clássico seria uma subdivisão do Português Médio. Em consequência dessa diferença de periodização, o PB inicia sua separação do PE a partir do Português Médio e não do Português Moderno, como considera Mateus (2003).

Essa periodização proposta por Galves tem como foco a gramática utilizada em cada período. A autora trabalha com o conceito de gramática internalizada, ou seja, a

¹Proposta inicial nos trabalhos de Galves (2004) e Galves, Namiuti e Paixão de Sousa (2005)

competência mental que permite ao indivíduo colocar em prática a língua materna adquirida no processo de aquisição. Como já mencionado acima, em *Linguística Histórica*, o conjunto de textos a que temos acesso é considerado como trechos de Língua-E dos falantes daquela época. E a partir das análises dessa Língua-E, pretende-se identificar a Língua-I desses falantes, ou seja, a gramática que utilizavam. Isso porque, assumindo que, em um certo período, os falantes de uma determinada comunidade compartilham da mesma Língua-I, esta seria a gramática do período em questão.

A autora segue esses critérios com o intuito de elaborar sua proposta de periodização, logo o grande diferencial de sua proposta para as outras, especialmente a de Mateus (2003), é o fato de haver uma mudança de foco nas análises, ou seja, há um deslocamento do enfoque da língua externa para a língua interna. Repetiremos as palavras da autora para esclarecer como devemos proceder em *Linguística Histórica* - quando a intuição do falante é impossível de ser resgatada:

Para inferir a Língua-I de um autor, e da sua época, a partir da Língua -E de seus textos, a noção de “competição de gramáticas” introduzida por Kroch (1994, 2001) é essencial porque, em geral, os textos não são a expressão pura da Língua-I adquirida pelos seus autores no seu processo natural de aquisição, mas vêm misturados com elementos produzidos por uma outra gramática, de maior prestígio na comunidade. A tarefa do lingüista é então separar o trigo do joio para, interpretando adequadamente a variação entre diferentes formas instanciada pelos textos, descobrir qual é a gramática, entendida como Língua-Interna, dos falantes de uma determinada época. (Galves, 2007, p. 513 -514).

A noção de competição de gramáticas, como vimos, é o ponto crucial para identificarmos a Língua-I, de um determinado período. Ao retornarmos ao trabalho de Mateus (2003), podemos dizer que o período caracterizado pela autora como “fase de transição” é o que Galves (2007), segundo Kroch, caracteriza como *competição de gramáticas*, pois é o momento em que temos duas variáveis ocorrendo nos mesmos contextos. O fato é que Mateus vê essa transição como parte da mudança, uma língua particular apresentando duas formas diferentes para um mesmo fenômeno, caracterizando a mudança no momento em que essa “transição” acaba, isto é, em que, a forma inovadora substitui a forma antiga. Para Galves o fato de termos duas variantes ocorrendo nos textos já seria indício de uma nova gramática sendo instaurada. O reflexo da mudança aparece no

momento em que a variante nova é apresentada nos dados e não no momento em que a variante antiga cai em desuso.

Ao longo dessa pesquisa, buscaremos sempre ter esse olhar atento aos detalhes e *pistas* deixados pela Língua-I, para não nos deixar confundir pela complexidade dos enunciados da Língua-E. Isto será feito no intuito de separarmos o “trigo do joio” para interpretarmos adequadamente a variação que investigamos.

1.1.3 - Periodização do Português Brasileiro

Trataremos agora especificamente das propostas de periodização para o PB. É de grande interesse esse tópico, pois o *corpus* desse trabalho é composto por textos produzidos no Brasil nos séculos 19 e 20. Logo é importante discutirmos o que nos traz a bibliografia a respeito desses séculos.

Em se tratando especificamente de português brasileiro, não há muita bibliografia sobre sua periodização, e as que existem são diferentes e não parecem chegar a um consenso. Para realizar esse estudo revisitamos quatro propostas: Serafim da Silva Neto (1950); Paul Teyssier (1982); Marlos de Barros Pessoa (1997) e Tânia Conceição Freire Lobo (2001):

Serafim da Silva Neto (1950)

1ª. Fase – 1532 (início da colonização portuguesa) até 1654 (expulsão dos holandeses);

2ª. Fase – 1654 até 1808 (chegada da família real portuguesa);

3ª. Fase – A partir de 1808

Paul Teyssier (1982)

1ª. Fase – Início da colonização até a chegada da família real portuguesa em 1808;

2ª. Fase – Da chegada de D. João VI em 1808 até à independência em 1822;

3ª. Fase – A partir da independência do Brasil em 1822.

Marlos de Barros Pessoa (1997)

1ª. Fase – Início da colonização portuguesa em 1534 até a descoberta de ouro em Minas Gerais e a modernização do Estado português com as reformas pombalinas em 1750;

2ª. Fase – De 1750 a 1922, sendo que este período se divide em três subfases:

- I Subfase: Da reforma pombalina em 1750 até a chegada da família real portuguesa em 1808;

- II Subfase: De 1808 até o fim do tráfico de escravos em 1850;

- III Subfase: De 1850 até o surgimento do movimento modernista brasileiro em 1922, momento em que surgiria uma estabilização da língua comum e das normas locais.

3ª. Fase – A partir de 1922, estágio de elaboração da língua literária.

As três propostas apresentam uma periodização marcada por questões sócio-históricas, como a invasão holandesa, a chegada da Família Real Portuguesa, a Independência, a Semana de Arte Moderna, ou seja, não há uma preocupação de demarcar os períodos por fatos lingüísticos, explorando as mudanças lingüísticas que esses eventos possam a vir a provocar na construção da língua brasileira. É evidente que fatores sócio-históricos são desencadeadores de transformações lingüísticas. Não estamos negando tal fato, no entanto, consideramos que para se elaborar uma proposta de periodização seja necessário dimensionar e ponderar a real intervenção e contribuição que esses fatos venham a trazer para a língua, para que estes representem marcos de separação de uma época para outra.

Serafim da Silva Neto (1950), por exemplo, demarca como fim de sua primeira fase a “expulsão dos holandeses”, um fato pontual e localizado para se afirmar categoricamente que tal acontecimento tenha interferido na formação da língua nacional. Paul Teyssier condiciona que a segunda fase da periodização do português brasileiro estaria compreendida entre 1808, chegada da corte, e 1822, data da independência, mais uma vez, temos um período de tempo muito curto - 14 anos – para afirmarmos que esse período provocou uma profunda mudança na evolução da língua portuguesa “brasileira”.

A periodização de Barros Pessoa (1997) estabelece que a elaboração da língua literária constituiria o início da terceira fase para o PB. Ao fazer tal asserção, o autor está considerando que apenas a partir de 1922, teríamos uma produção literária mais elaborada em terras brasileiras. No entanto, sabe-se que bem antes dessa data já se tinha uma escrita literária de grande qualidade produzida por autores nascidos e escolarizados no Brasil. No século 19, por exemplo, tem-se José de Alencar e Machado de Assis.

A partir desses exemplos, reforçamos a idéia de que as propostas apresentadas apontam como marco de mudança de fase/ período, questões muito mais relacionadas a aspectos de importância político-cultural do que propriamente lingüísticos. A relação dos fatos históricos com as mudanças lingüísticas não é muito clara.

A seguir veremos a proposta de Lobo (2001). Em sua pesquisa a autora busca traçar um quadro em que as questões externas sejam vistas de forma mais aprofundada no aspecto lingüístico, de maneira que um marco de mudança só é considerado como tal no momento em que, segundo a autora, representará uma real modificação lingüística no país. Ao partir desse ideal, a lingüista estipula que o PB estaria dividido em 2 grandes fases:

Tânia Conceição Freire Lobo (2001)

1ª. Fase – Início da colonização portuguesa até o fim do tráfico negreiro em 1850. Esta fase é constituída pelo multilingüismo generalizado; não-urbanização; não-escolarização e não-estandardização lingüística;

2ª. Fase – A partir de 1850. Esta fase é constituída pelo multilingüismo localizado; urbanização; escolarização e estandardização lingüística.

Como se vê, a autora estipula essa divisão a partir de três critérios: a) história demográfico-lingüística brasileira; b) o crescimento populacional associado ao processo de urbanização do país; c) o processo de escolarização associado ao processo de estandardização lingüística.

Ao propor apenas essas duas divisões para o PB, a autora reconhece a necessidade de se subdividir cada uma das fases apresentadas e acrescenta: “considera-se

que tal subdivisão será mais corretamente proposta, na medida em que distintas histórias lingüísticas regionais forem sendo conhecidas”. (LOBO, 2001, p.34).

Mas, por que 1850? Por que seria esta a data escolhida pela autora para demarcar o fim de uma fase e o início da outra?

Ao colocar em evidência os três aspectos estabelecidos pela autora para constituírem o critério de sua periodização, a data de 1850 configura o marco desses processos por ela analisados (demográfico-lingüístico; populacional x urbanização; escolaridade x standardização da língua). Para a autora, o fim do tráfico negreiro extingue, ou pelo menos torna bastante limitado geograficamente, o multilingüismo no Brasil. Tal acontecimento contribuiu para que, a partir dessa data, a língua portuguesa se tornasse hegemônica. Isso somando ao fato de que o contato intenso com a língua indígena já havia sido extinto, quando o Marquês de Pombal, em 1759, expulsou os jesuítas, proibindo o uso da língua geral e estipulando o português como a língua oficial do Brasil. Nas palavras da autora a primeira fase é caracterizada da seguinte maneira:

A primeira fase, portanto, estende-se do século XVI à metade do século XIX e define-se, fundamentalmente, como o tempo de contato entre línguas indígenas, línguas africanas e a língua portuguesa, tendo, ao final, prevalecido esta última. A compreensão dessa fase subordina-se a dois aspectos centrais: identificação das variadas formas locais de contato lingüístico que se estabeleceram, caracterização do processo de aprendizagem informal do português como segunda língua por parte de uma massa de falantes que, em diversos momentos históricos, chegou a superar numericamente os falantes nativos do português. (Lobo 2001, p.36)

Assim, voltamos à questão: Quando teríamos a “emergência” da gramática do PB? Lobo (2001) afirma que apesar de apresentar a data de 1850 como marco da divisão das fases de sua periodização, o ‘surgimento’ da gramática brasileira seria bastante anterior à passagem do século 19 ao século 20. A autora enfatiza que a passagem do século 19 ao 20 é considerada como um momento de *reflexo* dessa gramática, o momento em que as mudanças definiriam tal gramática, e esta estaria se difundindo em meio à população (LOBO, 2001). O sentido da palavra *reflexo* nesse texto estaria voltado para o fato de que seria o momento em que se vê a manifestação da nova gramática nos dados escritos. Os textos escritos não são reflexos de competição de gramáticas entre pais/filhos, mas sim o reflexo de competição entre os falantes da época. Galves (1998) diz que os textos escritos trazem uma mistura entre “competência lingüística” e “conhecimento lingüístico”. Nesse

sentido, tem-se a competição de gramáticas na língua-E, com a mistura da gramática adquirida com a gramática aprendida pelo falante.

Levando em conta essa acepção de competição de gramáticas e a periodização estipulada em uma vertente mais lingüística por Lobo (2001), espera-se que a interpretação dos dados a partir de 1850 tenha uma vertente na direção de uma língua com características mais brasileiras e menos lusitanas; ou ao menos, que seja possível ver nos dados a competição dessas gramáticas nos textos.

Nessa pesquisa serão encontrados reflexos da língua-E e conseqüentemente pistas sobre a língua-I utilizada por falantes dos séculos 19 e 20 no Brasil. O fenômeno sintático a ser estudado nesses dados diacrônicos será a forma de preenchimento e/ou não preenchimento do sujeito nesses textos. Nos basearemos, para realizar nossas análises, na teoria gerativa, mais especificamente, na proposta de Chomsky (1981) quando o autor estipula o parâmetro do sujeito nulo. A seguir, será apresentado um breve histórico a respeito do surgimento do termo com suas especificações na teoria.

1.2– O PARÂMETRO DO SUJEITO NULO

Ao tratar de sujeito nulo, estaremos nos remetendo à categoria vazia *pro*, ou seja, categoria pronominal não realizada lexicalmente. Na proposta de Chomsky (1982), os DP's sem matriz fonética apresentam tipologia semelhante à dos DP's lexicais:

- + anafóricos/ - pronominais = vestígios de DP's
- - anafóricos/+ pronominais = *pro*
- - anafóricos/ - pronominais = vestígios de *Wh*
- + anafóricos/ + pronominais = PRO

Nas últimas décadas, a literatura lingüística gerativista vem apresentando trabalhos sobre a questão do sujeito nulo nas línguas. Esses trabalhos fundamentam-se em Chomsky (1981), que propôs, dentro de um modelo teórico denominado “Teoria de Princípios e Parâmetros”, que as línguas teriam *princípios* universais – os quais seriam inatos na mente humana – e *parâmetros* - propriedades abstratas e primitivas do sistema gramatical, cuja fixação numa determinada língua implica em agrupamentos específicos de

propriedades lingüísticas concretamente observáveis. Em outras palavras, esses parâmetros seriam os responsáveis pelas diferenças entre as várias línguas existentes no mundo, ou seja, a escolha de um ou outro parâmetro, assumindo que sejam binários, representaria a diferença primitiva entre sistemas gramaticais de uma língua em comparação a outras.

(1)

a) *I like coffee, but I prefer tea.*

b) *pro gosto de café, mas pro prefiro chá. (PE)*

No exemplo acima, vê-se que em inglês há a obrigatoriedade da existência do pronome pessoal preenchendo a posição do sujeito nas duas sentenças, já em PE a preferência está em deixar o sujeito nulo. A possibilidade de ocorrência de sujeitos nulos em uma língua foi estipulada por Chomsky (1981) como um parâmetro: o *parâmetro do sujeito nulo*. Desse ponto de vista, as línguas seriam divididas em dois grupos: a) as que permitem a não-realização lexical do sujeito (as de sujeito nulo) e que teriam marcação positiva ao referido parâmetro; e b) as que exigem a realização do sujeito, que seriam marcadas de forma negativa com respeito ao parâmetro do sujeito nulo. As línguas que marcam positivamente o parâmetro de sujeito nulo são chamadas de “pro-drop”. O termo “pro-drop” vem do inglês e possui como significado “pronominal dropping”, ou seja, queda do pronome.

Segundo a proposta de Chomsky (1981), as línguas marcadas com valor positivo para esse parâmetro, além de apresentarem sentenças com sujeito nulo, apresentam como efeito de seu valor a inversão livre² do sujeito e a ausência do efeito << that -t >>. Esse último efeito significa que em línguas de sujeito não nulo, como o inglês, a extração de um complementador de uma subordinada não é possível, quando o “that” está presente na sentença:

(2)

a) * *who₁ do you think that t₁ did it?*

b) *Quem₁ (é que) você pensa que t₁ fez isso?*

²Ambar (1990) afirma que a “inversão livre” não é uma característica própria de uma língua de sujeito nulo.

Ao contrário, em línguas de sujeito nulo, como o PE, a extração é permitida, como vemos em (1b). De acordo com Chomsky (1981), a propriedade de o sujeito não ser foneticamente realizado estaria ligada à riqueza flexional de uma determinada língua. Ao se comparar, por exemplo, o paradigma verbal do inglês com o do italiano, percebe-se que o italiano apresenta uma forma verbal para cada pessoa de seu paradigma, diferentemente do inglês. Assim, a “riqueza” flexional apresentada pelo italiano seria o condicionador de essa língua apresentar *sujeito nulo*, ou melhor, ter o seu parâmetro de sujeito nulo marcado de forma positiva e ser classificada como *língua pro-drop*. Já uma língua como o inglês, por não apresentar riqueza flexional, não possui sujeito nulo e é marcada negativamente quanto ao parâmetro *pro-drop*.

No entanto, depois de trabalhos como de Huang (1984), a relação entre riqueza flexional e sujeito nulo deixou de ser exclusiva, uma vez que o autor apresenta línguas como o chinês, que tem o *sujeito nulo*, apesar de um paradigma verbal sem flexão. Em seguida, Jaeggli e Safir (1987)³ estipulam que a condição de licenciamento do sujeito nulo não seria a presença de uma morfologia rica (AGR), mas sim a uniformidade morfológica dos paradigmas verbais de uma língua.

Há línguas ainda em que a ocorrência de *sujeito nulo* é restrita a certos tempos verbais e a certas pessoas gramaticais que contêm um marcador de pessoa. Um exemplo é a língua hebraica (Borer, 1989) em que o sujeito nulo é legitimado por certas pessoas do paradigmas e não é legitimado por outras.

A partir desses estudos, observou-se que a categoria vazia na posição de sujeito poderia ter uma natureza diversa, tendo sua interpretação garantida não por flexão, mas por um antecedente expresso no contexto sintático, discursivo ou pragmático.

Além das categorias pronominais, há também as categorias vazias anafóricas. Para a gramática gerativa, o que diferencia um pronome de uma anáfora é o potencial de referência autônomo que o termo possui. Assim, os elementos lingüísticos que não

³Para os autores um paradigma morfológicamente uniforme se constitui ou de formas derivadas (desinência de número, pessoa, tempo, modo, aspecto etc.) ou de formas não derivadas. No primeiro caso o sujeito nulo ocorreria pela presença de AGR e no segundo caso pela correferência com um elemento nominal em posição A ou A' c-comandando o sujeito. Se o paradigma for misto, apresentar formas morfológicamente complexas (divisíveis em radical e afixo) e formas simples, o sujeito nulo não é licenciado.

possuem um potencial de referência autônomo e que necessitam buscar obrigatoriamente esse referencial em uma outra expressão linguística, são chamados de anáforas. Sendo assim, as anáforas compreenderiam os pronomes *reflexivos e os recíprocos* – assim como expressões *uns com os outros, uns pelos outros*, dentre outras. Por outro lado, os pronomes seriam os elementos linguísticos, que podem, mas não necessitam ter um antecedente – os chamados pronomes pessoais na Gramática Tradicional, exceto os reflexivos e os recíprocos.

Como veremos nas revisões bibliográficas a seguir, nosso objeto de estudo “O sujeito nulo no PB” está diretamente ligado a questões de referenciação e antecedência. Ao tratar de “dependência referencial”, estaremos utilizando *mecanismos de indexação*. Segundo Raposo (1992), os mecanismos de atribuição de índices são três:

- (i) Indexação livre
- (ii) co-indexação por mover α
- (iii) concordância

Antes de identificarmos cada um desses mecanismos, é importante salientar a noção formal de *antecedência*, caracterizada por Raposo (1992) como uma definição de caráter “parcial” em termos de atribuição de índices:

O antecedente de um DP a é um DP b com índice idêntico.

Por conseguinte, em uma indexação livre, numa determinada expressão linguística, temos as seguintes situações:

- (i) Se dois DPs têm índices idênticos, são co-referentes.
- (ii) Se dois DPs têm índices distintos, possuem referência disjunta.

(3)

- a) [*O luís*]₁ *pensa que ele*₁ *é o mais inteligente do colégio.* (co-referentes)
- b) [*O luís*]₁ *pensa que ele*₂ *é o mais inteligente do colégio.* (disjunta)

Na co-indexação por Mover α , a atribuição de índice acontece da seguinte maneira, segundo Raposo (1992): Ao mover um constituinte, atribuir um índice idêntico ao constituinte movido e ao seu vestígio.

(4)

a) O que ₁ João fez t₁ ?

Na atribuição de índices por concordância, o autor expõe: Atribuir a Infl o índice do DP sujeito, se o valor de [pessoa] e [número] de [+Arg] em Infl for idêntico ao valor dos traços correspondentes no DP sujeito.

(5)

a) [As crianças]₁ infl₁ foram obrigadas t₁ a dizer à professora que elas₁ tinham pegado o giz.

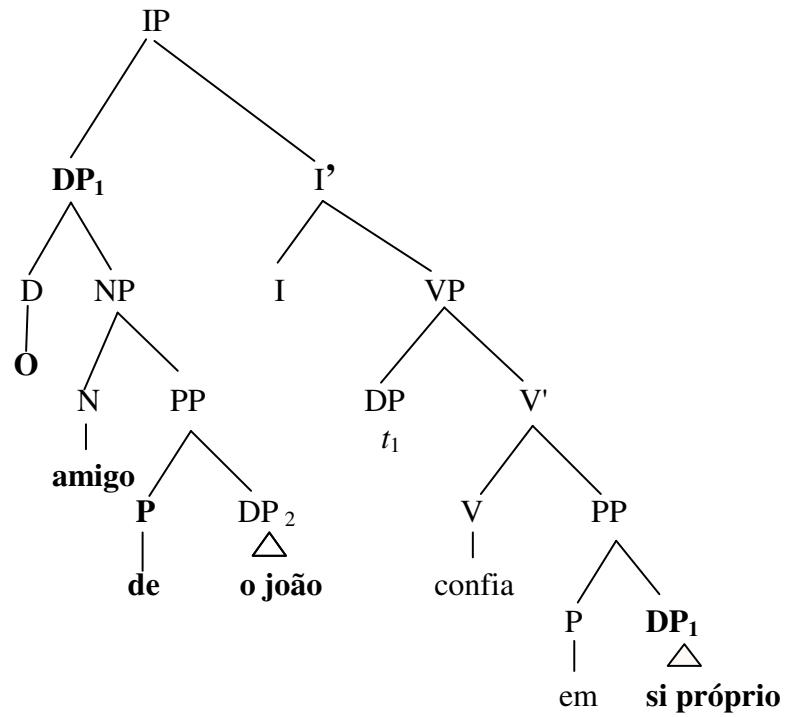
Além da co-indexação, outro conceito indispensável seria a noção de c-comando, principalmente para entendermos as propostas elaboradas por Barra Ferreira (2000) e Rodrigues (2004). Observe os períodos abaixo:

(6)

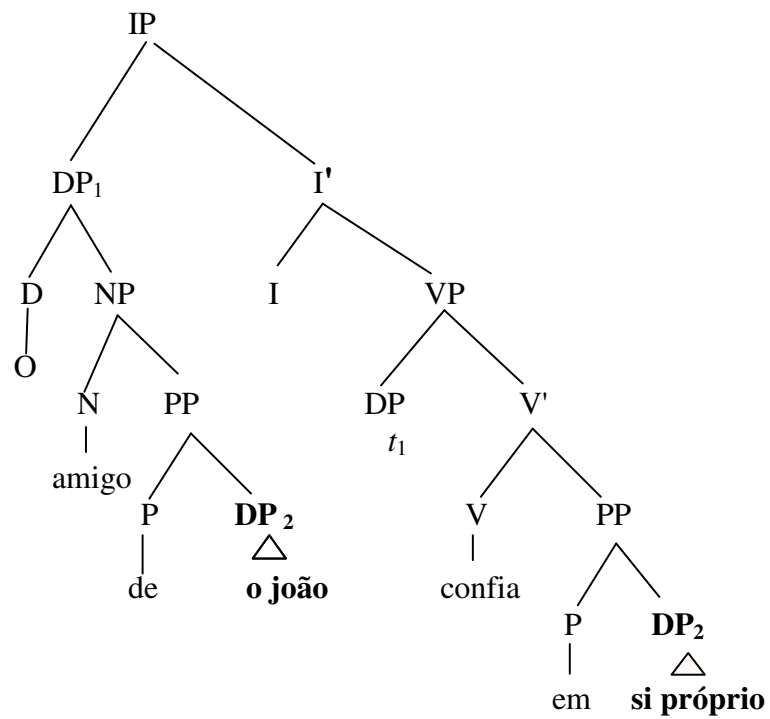
*a) [O amigo d[o João]₁] ₂ confia [em si próprio] ₂
b)* [O amigo d[o João]₁] ₂ confia [em si próprio] ₁*

A diferença entre essas duas orações é estrutural. Enquanto, na oração (6a), o antecedente compreende toda a expressão *o amigo do João*, localizando-se mais acima da sentença, na oração (6b), o antecedente é apenas o DP *o João* localizado mais abaixo na expressão. Configuracionalmente, podemos observar melhor a diferença entre elas:

a.



b.



Ao olhar para as duas sentenças acima, percebe-se que apenas a primeira é gramatical. A anáfora “si próprio” precisa ter como antecedente todo o sintagma do DP₁, para se obter a interpretação seguinte: *O amigo do João confia no amigo do João*. Na sentença “b” o co-referente da anáfora na sentença é o DP₂, daí a agramaticalidade, isto é, a sentença não pode receber a interpretação de que *O amigo do João confia em João*. Esse fato empírico evidencia uma condição para a antecedência de uma anáfora e demonstra que a localidade mais acima exerce uma função na teoria. A formulação para essa noção de localidade é denominada c-comando. Formalmente temos:

Um nó A c-comanda um nó B se e somente se:

- (i) A não domina B e B não domina A;
- (ii) Qualquer nó ramificado que domine A domina igualmente B.

A partir da noção de c-comando, derivamos o *Domínio* de c-comando:

O domínio de c-comando de um nó A é o conjunto dos nós que A c-comanda.

As definições e os termos apresentados nessa seção serão de grande utilidade para entendermos as propostas dos trabalhos que serão apresentados em nossa revisão bibliográfica.

1.3 – RESULTADOS QUANTITATIVOS DE SUJEITO NULO NO PB

No PB, o fenômeno do *sujeito nulo* foi bastante discutido por autores como Duarte (1993, 1995), Tarallo (1993) e Menon (1994), sob o ponto de vista da Gramática Gerativa. Segundo esses estudiosos, por ter sofrido uma mudança paramétrica, o PB estaria deixando de apresentar *sujeito nulo* na direção de uma língua *não-pro-drop*. Como principais características apontadas para essa mudança, esses autores apresentam o fato de o paradigma verbal do PB ter reduzido o seu número de flexões e a sensível diminuição da ordem verbo-sujeito.

Uns dos trabalhos pioneiros no estudo da ordem VS, no PB, é o de Berlinck (1989). Nesse estudo a autora aponta para diminuição da ocorrência de sujeito nulo paralela à diminuição da ordem VS. Tarallo (1993) confirma tal afirmação e aponta para uma hipótese de um enrijecimento no padrão canônico de ordem das palavras em direção a SV,

com uma proporção decrescente para a ordem VS⁴. O estudo diacrônico de Berlink (2000) *Brazilian Portuguese VS order: a diachronic analysis* lida com a inversão verbo/sujeito, apresentando uma análise quantitativa cuidadosa, com base em um *corpus* que compreende três períodos: séculos 18,19 e 20. Os resultados mostram a tendência da diminuição da ordem VS, restrita no estágio atual da língua a verbos inacusativos.

Com a expansão do uso do “você” e do uso do “a gente” como pronomes pessoais e com a perda da 2ª pessoa no paradigma verbal no PB, a terceira pessoa verbal se generalizou, ocasionando três paradigmas. O primeiro com quatro posições (*eu canto; ele/você/ a gente canta; nós cantamos; eles/vocês cantam.*); o segundo com três posições (*eu canto; ele/você/ a gente canta, ele/vocês cantam*); um terceiro com duas posições – dos menos escolarizados ou não escolarizados que não aplicam a concordância verbo-nominal – (*eu canto, ele/ você/ a gente/ eles/ vocês canta*).

A mudança do PB de *língua pro-drop* para uma língua com restrições de sujeito nulo marcaria uma diferença de parâmetro para o PE. Vale aqui ressaltar que a teoria gerativa concebe a *mudança lingüística* como substituição de uma gramática por outra e essa substituição é realizada através da mudança paramétrica. E essa mudança paramétrica é entendida como um fenômeno que ocorre na aquisição da linguagem, quando uma criança marca o valor de um parâmetro de forma diferente da geração anterior.

No entanto, essa posição de que o PB está deixando de ser uma língua de sujeito nulo não é aceita por outros estudiosos da lingüística. Nicolau (1995, 1997), em sua análise, questiona a assertiva de que a realização do sujeito no PB leva a indícios de uma nova gramática. A autora expõe que trabalhos como os de Paredes da Silva (1988), Oliveira (1990) e Nicolau (1994) registram altos índices de *sujeito nulo* no PB.

Nicolau afirma que os autores que defendem que o PB está deixando de ser uma língua *pro-drop* se equivocaram na interpretação dos dados obtidos. Um exemplo seria o trabalho de Duarte (1993), no qual o fato de a frequência do *sujeito nulo* ter diminuído nos períodos investigados pela autora (1845 a 1992), não exclui a possibilidade da língua apresentar *sujeito nulo*.

⁴No presente trabalho não abordaremos a inversão do sujeito por uma questão de delimitação e recorte de nosso estudo, mas pretendemos, em trabalhos futuros, analisar tal propriedade.

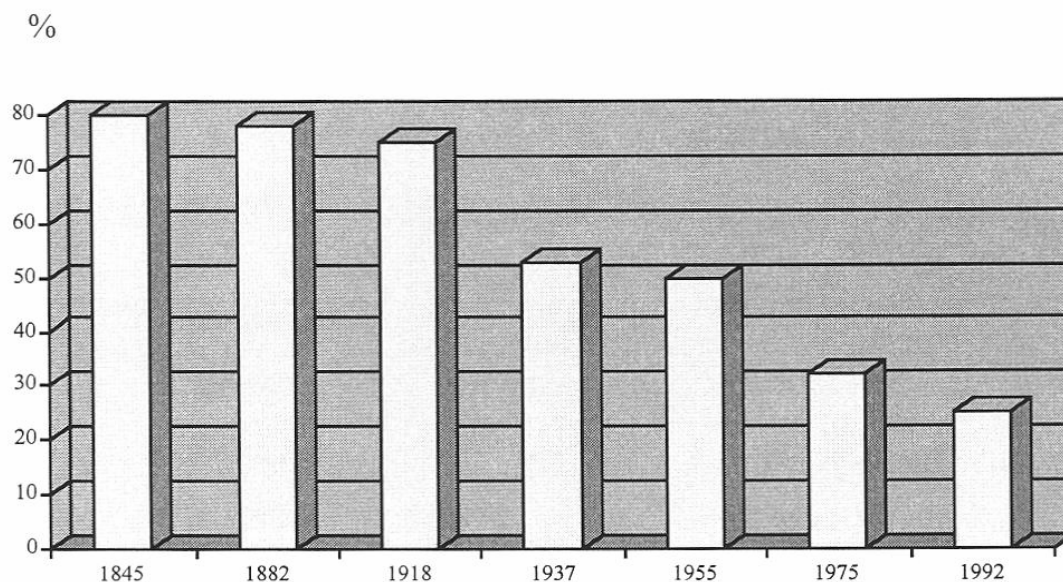


Figura 2: Gráfico do decréscimo do uso do sujeito nulo no PB.
Fonte: Duarte, 1993.

A diminuição do uso do sujeito nulo, apresentado no trabalho de Duarte, deixa claro que esse fenômeno sofreu alteração no PB, no decorrer do tempo. Em sua tese, Duarte (1995) evidencia que, em contrapartida ao uso decrescente do sujeito nulo, há o aumento do uso do sujeito pronominal realizado. E para a autora esse gráfico demonstraria a mudança na marcação de parâmetros no PB.

Pelos resultados encontrados por Duarte (1995), considera-se incontestável a alteração no uso de sujeito nulo, no decorrer do tempo no PB. No entanto, não se pode afirmar categoricamente que seja uma mudança no sentido de uma língua de sujeito nulo para uma língua de sujeito não nulo. Ao mesmo tempo, o fato de o PB ainda apresentar uma certa quantidade de sujeito nulo em sua construção, não é suficiente para se afirmar que o PB ainda seja uma língua marcada com o valor positivo em relação ao parâmetro de sujeito nulo, como afirma Nicolau (1997). Pelo menos, dentro do quadro gerativista e da teoria de mudança que seguimos nesse trabalho, o fato de uma variante ainda poder ser produzida em uma gramática, não implica em dizer que uma língua não tenha sofrido mudanças. A presença de duas variáveis em um mesmo contexto lingüístico nos textos é caracterizada pela *competição de gramáticas*, definida por Kroch (1994).

Uma questão intrigante, para Duarte (1993), foram os altos índices de *sujeito nulo* de terceira pessoa encontrados em sua pesquisa. Se o quadro da colocação do sujeito pronominal aumentou em relação a épocas anteriores, o pronome de terceira pessoa teria que apresentar a maior porcentagem de preenchimento, pois esse, no paradigma atual, seria o principal responsável pelas ambigüidades no contexto. Daí a necessidade do preenchimento pronominal, pressuposto que não acontece.

Figueiredo Silva (1996) aponta como resposta a essa indagação o fato de que a marcação de *sujeito nulo* no PB seria diferente das demais línguas com essa parametrização. A presença do *sujeito nulo* não estaria relacionada com a concordância verbal – riqueza flexional – mas dependeria da presença de um antecedente na frase ou no discurso. Tal aspecto tem sido relacionado com a caracterização do PB como língua de *Tópico* (cf. Pontes 1987, Galves 1987 e Negrão e Müller 1997). Ou seja, o uso do sujeito nulo no PB não estaria ligado a questões de licenciamento, mas sim a questões de identificação.

No presente trabalho consideraremos outras formas de preenchimento do sujeito, diferentes do pronominal, talvez, a falta de análise dessa variante tenha sido um dos prováveis motivos para Duarte (1993) ter encontrado um comportamento diferenciado no uso de sujeito nulo de terceira pessoa. Em seu estudo, a autora considerou apenas a oposição entre sujeito nulo e sujeito pronominal preenchido, não levando em consideração outras estratégias de preenchimento de sujeito, como o sujeito lexical anafórico. Assim, ao não se levar em consideração outras formas de preenchimento obteve-se um alto índice de sujeito nulo na terceira pessoa.

1.4 – A INTERPRETAÇÃO DO SUJEITO NULO NO PB

A diferença do sujeito nulo do PB foi inicialmente apontada por Galves (1987) na comparação com o sujeito nulo do PE. Esse trabalho propõe que existem diferenças de interpretação no sujeito nulo de terceira pessoa do singular entre essas duas línguas. Essas diferenças de interpretação, segundo a autora, se relacionam com as diferenças no uso do clítico *se* e do pronome pessoal *ele*, o que coloca em jogo a alternância determinação/indeterminação nessas línguas de forma distinta. Segundo a autora, teríamos o seguinte quadro:

	PE	PB
• Determinado	usa saia	ela usa saia
• Indeterminado	usa-se saia	usa saia

A autora argumenta que o fato de o sujeito indeterminado no PB não utilizar o clítico *se*, não significa que todo sujeito nulo de terceira pessoa deva ser considerado como indeterminado. A interpretação da categoria vazia sujeito será determinada pelo contexto em que aparece:

(7)

a) *João disse que viria.*

Segundo Galves (1987), os falantes brasileiros interpretam o sujeito nulo de *viria* como “João”, sendo “João” o controlador referencial da categoria vazia do verbo em questão. Já para os falantes portugueses, essa interpretação não é obrigatória e nem única, pois em PE a interpretação determinada do sujeito nulo nesse contexto é independente da presença de um “controlador”. Assim o sujeito de *viria* pode ser diferente de *João*.

A partir dessas reflexões, Galves (1987) faz as seguintes considerações:

O elemento de concordância da 3ª pessoa não é mais suficiente para atribuir referência determinada ao sujeito nulo. Na ausência de sintagma nominal que possa servir de antecedente, usa preferencialmente o pronome lexical *ele*, que deixa visíveis os traços pronominais que a flexão não tem mais, e chega desempenhar o próprio papel de concordância ao ser empregado junto com o SN lexical sujeito. (...) O enfraquecimento da concordância não resulta no abandono do sistema de sujeito nulo – como numa língua românica como o francês – mas numa reorganização da sentença em torno do tópico que pode ser o antecedente direto de objetos nulos e de sujeito nulo de orações infinitivas. (Galves, 1987, p. 35).

Essa concepção de análise do sujeito nulo no PB tem sido retomada e formulada no quadro da gramática gerativa. Trabalhos como Figueiredo Silva (1996), Negrão (1997), e Modesto (2000) têm analisado os ambientes sintáticos nos quais o sujeito nulo pode ser legitimado e identificado em PB.

Ao contraste apontado por Galves (1987) a respeito da interpretação do sujeito nulo de orações subordinadas, Negrão (1997) acrescenta os seguintes dados:

(8)

*PB – a) [O amigo do Pedro₂]₁ disse que $cv_{1/*2/*3}$ ganhou na loto.*

PB – b) [O amigo do Pedro₂]₁ disse que $ele_{1/2/3}$ ganhou na loto.

PE – c) [O amigo do Pedro₂]₁ disse que $cv_{1/2/3}$ ganhou na loto.

O contraste entre *a* e *c* mostra que o sujeito nulo no PB só pode receber a interpretação referencial de um DP que o c-comande - ver definição na seção 1.2, exemplo (6) - diferentemente do que acontece nas línguas *pro-drop*, ou do que se verifica nas orações com sujeito pleno. A comparação de *a* e *c* com *b* mostra que a categoria vazia (*cv*) sujeito é diferente em PB e PE. Enquanto no PE o sujeito nulo recebe todas as interpretações possíveis para o pronome lexical, o sujeito nulo do PB só pode ser correferencial com o sujeito da oração principal. Podemos concluir então, que a categoria vazia do PE é um pronome referencial, independente da existência de um antecedente na sintaxe (definido formalmente na teoria como um SN co-indexado com a categoria vazia e c-comandando esta). Na Literatura gerativista, tal pronome nulo tem sido denominado *pro*. Já no PB, no qual a única interpretação possível se dá na relação de antecedência, verificamos que não se trata propriamente de um pronome nulo (*pro*), mas de outro tipo de categoria vazia.

Figueiredo Silva (1996) distingue sujeito nulo referencial e sujeito nulo não referencial. Os sujeitos nulos não referenciais são sujeitos não-argumentais e “*quasi-argumentais*” como os representados abaixo:

(9)

a) Parece que o João passou por aqui.

b) Isso/ele parece que o João passou por aqui.*

c) Choveu a noite inteira.

*d) *Isso/ele choveu a noite inteira.*

Os exemplos acima mostram que esses sujeitos nunca podem ser realizados por um pronome lexical no PB. No que tange às propriedades a respeito dos sujeitos nulos referenciais, Figueiredo Silva afirma que encontramos outras restrições à sua presença em certos contextos. Observe os exemplos abaixo:

(10)

a) *Comprei um carro ontem.*

b) * *A Maria disse que comprei um carro muito caro.*

c) *Eu, a Maria disse que comprei um carro muito caro.*

Segundo Figueiredo Silva, o que esses dados mostram é que no PB os sujeitos nulos podem ter também um tópico como antecedente. Segundo a autora, esse tópico não precisa estar presente no contexto lingüístico imediato quando o sujeito nulo está numa oração matriz, mas sim quando está numa oração encaixada. Ela argumenta que a relação entre o sujeito nulo de uma oração encaixada e o tópico é bloqueada por elementos – QU intervenientes, e em geral quando o sujeito nulo está num domínio caracterizável como uma “ilha”, como nos exemplos a seguir:

(11)

a) * *A Maria₁, eu achei um carro que cv₁ tem grana para comprar.*

b) * *A Maria₁, o Pedro olha pro chão toda vez eu que cv₁ fala com ele.*

Resumindo, Figueiredo Silva (1996) faz as seguintes considerações a respeito dos ambientes sintáticos em que se encontram sujeitos nulos no PB: ainda existem no PB sujeitos nulos que são obrigatórios, os não referenciais. Por outro lado, uma vez que os sujeitos nulos referenciais não são *pronomes nulos (pro)*, mas outros tipos de categorias vazias, não são interpretados pela morfologia verbal, mas precisam de algum tipo de antecedente. Sobre essa relação de antecedência pesam restrições de natureza sintática que explicam a diminuição da frequência desses sujeitos. Outros pesquisadores, como Barra (2000) e Rodrigues (2004), também estabeleceram contextos específicos de realização do sujeito nulo no PB. A seguir esses contextos serão apresentados e a natureza do sujeito nulo no PB será discutida.

1.5 – RESTRIÇÕES E NATUREZA DO SUJEITO NULO NA SINCRONIA

Nessa seção serão apresentadas e discutidas as restrições e a natureza do sujeito nulo ainda existente no PB, a partir do ponto de vista de três trabalhos: Figueiredo Silva (2000), Barra Ferreira (2000) e Rodrigues (2004). Para esses autores, esses sujeitos nulos presentes no PB seriam ambientes sintáticos de realizações específicas, que não

contemplariam as categorias vazias com um pronome nulo – *pro*. As categorias vazias encontradas são vestígios de movimento e, portanto, variáveis ou anáforas.

Ao tratar das restrições dos contextos de sujeito nulo, os autores têm alguns pontos de convergência e outros de divergência em suas propostas. Um ponto convergente seriam os ambientes sintáticos de orações encaixadas com sujeito nulo, pois, todos concordam com a idéia de que a categoria vazia encontrada nesses contextos possui um antecedente, ou seja, tem características anafóricas.

O Sujeito nulo referencial no PB para Figueiredo Silva (2000) se distingue em dois tipos: anafórico e variável, segundo a posição A ou A-barra do seu antecedente. Em (12a) o antecedente da categoria vazia encontra-se em posição A, é o sujeito da sentença; em (12b) o antecedente da categoria vazia é tópico, logo, encontra-se em uma posição A-barra:

(12)

- a) João_I disse que *cv_I* comprou um carro. (Sujeito nulo anafórico)
- b) A Maria_I, o João disse que *cv_I* que comprou um carro. (Sujeito nulo variável)

A autora afirma que o sujeito nulo em uma oração encaixada será sempre co-referente ao sujeito de uma oração mais alta ou a um tópico. Logo, a sentença (13 a) abaixo seria agramatical. Ao fazer uma referência com um tópico, como na sentença (13b), a mesma sentença torna-se gramatical na proposta da autora:

(13)

- a) * A Maria disse que *cv_I* vendi o carro muito caro.
- b) Eu_I, a Maria disse que *cv_I* vendi o carro muito caro.

Para Barra Ferreira (2000), os sujeitos nulos referenciais em PB devem apresentar as seguintes condições para produzir uma sentença gramatical: estar comandados por um antecedente não cindido localizado na oração imediatamente mais alta.

(14)

- a) * João disse que a Maria acha que não vão viajar.
- b) * João disse que a Maria acha que é esperto.
- c) * A mãe do João acha que é esperto.

Levando em consideração as condições estipuladas pelo autor, a sentença (14a.) é agramatical porque o sujeito nulo referencial tem um antecedente cindido; na (14b.) o sujeito nulo referencial não tem como antecedente o DP localizado na oração imediatamente mais alta; na (14c.) o sujeito nulo referencial não é c-comandado por seu antecedente.

O autor estabelece a noção de c-comando como critério para explicar os contextos de realização de sujeito nulo no PB. A principal diferença em relação à Figueiredo Silva é que, para esta, esses ambientes se dividiriam em dois tipos: variáveis ou anáforas, como vimos, e para Barra Ferreira a categoria vazia nesses ambientes seria sempre vestígio de anáforas. O trabalho de Rodrigues (2004) corrobora as conclusões de Barra Ferreira (2000), ou seja, considera que os sujeitos nulos referenciais de orações encaixadas sejam sempre anafóricos.

Rodrigues (2004) também explora a impossibilidade de sujeito nulo quando se tem um sintagma cindido:

(15)

*a) O João₁ perguntou a esposa se *e₁₊₂/ eles₁₊₂ poderiam ir para a Espanha de férias.*

A sentença se torna aceitável quando o sujeito é preenchido pronominalmente. Quando o sujeito é nulo, por outro lado, a sentença é inaceitável no julgamento da autora.

Os autores consideram em suas propostas que o sujeito nulo no PB não pode estar separado de seu antecedente por fronteiras de *ilhas fortes*, como uma oração relativa:

(16)

a) O João₁ eu conheço a garota que_{cv1} cruzou ontem.*

b)?? João disse que as meninas que encontrou na rua eram estrangeiras.

*c) * O João₁ encontrou a carteira que_{cv1} perdeu.*

As sentenças acima são agramaticais porque os DP's para chegarem na oração matriz cruzam uma fronteira de oração relativa, que é caracterizada como uma ilha forte.

Para que sejam gramaticais, as sentenças devem apresentar um pronome realizado nas posições onde se encontram sujeitos nulos.

(17)

- a) *O João₁ eu conheço a garota que ele₁ cruzou ontem.*
- b) *João₁ disse que as meninas que ele₁ encontrou na rua eram estrangeiras.*
- c) *O João₁ encontrou a carteira que ele₁ perdeu.*

Em “ilhas fracas”, com as extrações feitas em orações completivas verbais, a sentença se torna mais aceitável para Figueiredo Silva (2000):

(18)

- a)? *A Maria o João não sabe para quem vai dar o livro.*

Para Barra Ferreira (2000) o sujeito nulo no PB pode ocorrer no interior de adjuntos finitos:

(19)

- a) *João comeu um pastel quando foi na feira.*

O autor ainda ressalta que sujeitos nulos em PB são possíveis em uma oração interrogativa encaixada somente se o sintagma –QU que ocupa a periferia esquerda desta oração for um adjunto.

(20)

- a) *João não sabe quando leu esse livro.*
- b)? *João não sabe que livro leu na semana passada.*

Barra Ferreira (2000) e Rodrigues (2004) argumentam que um dos principais motivos de o PB não poder se enquadrar na categoria de língua *pro-drop*, seria o fato deste não respeitar o princípio “evite pronome” (categorias vazias têm preferência sobre o pronome pleno). Devido a não utilização desse princípio, sentenças como as apresentadas abaixo, demonstram “ambigüidade” na interpretação.

(21)

- a) *O João₁ disse que ele_{1/2} vendeu o carro.*

Além do princípio “evite pronome”, Barra Ferreira evidencia que não são observados em PB efeitos do princípio de Montalbetti. Este princípio – presente em línguas de sujeito nulo - impede que um pronome lexical seja localmente ligado por uma variável (um quantificador ou um sintagma QU-), se um pronome nulo é possível nesta posição. No PB esse fenômeno não ocorre, como se pode nos exemplos abaixo:

(22)

a) *Nenhum menino₁ t₁ acha que a Maria disse que ele₁ é inteligente.*

b) **Nenhum menino₁ t₁ acha que a Maria disse que _{cv1} é inteligente.*

Em (22 a), o pronome *ele* está localmente ligado pela variável representada por *t₁*, fruto do alçamento do sintagma quantificacional *Nenhum menino* em forma lógica. Seguindo a restrição do princípio de Montalbetti esta sentença deveria ser mal formada, se a possibilidade de inserção de um pronome nulo nessa posição fosse legitimado. No entanto, pela análise de Barra Ferreira, a interpretação de (22 b) não é possível, pelo fato de que, sujeitos expletivos e indefinidos à parte, *pro* sujeito nunca seria licenciado em PB.

Assim, a agramaticalidade de (22 b) mostra que a categoria vazia na posição de sujeito da oração mais encaixada não pode estar localmente ligada pela variável na posição de sujeito da oração matriz. A análise do autor prevê esta impossibilidade, uma vez que a única derivação condizente com a interpretação desejada é aquela durante a qual o sintagma quantificacional é inserido na oração mais encaixada e depois alçado até a oração principal. Isto, entretanto, viola a Condição do Menor Elo, já que Maria na oração intermediária intervém entre os elementos envolvidos na operação:

(23)

Nenhum menino₁ t₁ acha que a **Maria disse que _{cv1} é inteligente.*

\ _____ * _____ /

Seguindo a proposta de Barra Ferreira, a primeira impressão seria interpretar que a sentença (24) deveria apresentar uma má formação, mas tal pressuposto não é averiguado:

(24)

Nenhum menino₁ acha que cv₁ é burro.

A boa formação da sentença (24) é atestada porque, diferente da sentença (23), é possível mover um elemento da posição indicada por cv₁ até a posição que o sintagma quantificacional ocupa na sentença.

Em sua discussão, Figueiredo Silva (2000) prioriza a demonstração de que o sujeito nulo no PB não é de uma categoria pronominal, mas sim uma categoria anafórica. Para sustentar essa idéia, a autora apresenta a descrição de uma “anáfora” para o quadro gerativista e correlaciona com os ambientes de sujeito nulo encontrados no PB:

(25)

A) A anáfora nunca é livre em referência.

- * A Maria₁ disse que cv₁ canto bem.

B) A anáfora não pode fazer referência conjunta a dois sintagmas nominais diferentes, mesmo em se tratando de dois sujeitos.

- * O João₁ disse que a Maria₂ pensa que cv₁₊₂ vão morar juntos.

Para a autora, a agramaticalidade se dá devido à incompatibilidade de antecedência, pois a interpretação é com o sintagma mais baixo “Maria” e não com os dois sintagmas (João e Maria).

C) A anáfora não pode ter um controlador distante:

- * A Maria₁ disse que o Pedro₂ acha que cv₁ vai sair.

Até agora, vimos uma certa homogeneidade entre os autores no que se refere aos contextos com sujeito nulo em orações encaixadas. Ao se tratar de ambientes com orações matrizes, essa homogeneidade de propostas é quebrada e os autores apresentam pontos de vista diversificados.

Barra Ferreira (2000) nem sequer apresenta como possibilidade a existência de sujeito nulo em orações matrizes. O autor inicia sua discussão nas orações encaixadas, convicto de que no PB o sujeito nulo em orações matrizes seja agramatical.

(26)

a) Maria foi ao supermercado. *cv* comprou tudo que queria e *cv* voltou para casa feliz.

Figueiredo Silva (2000) já considera a existência de sujeito nulo no PB em orações matrizes. Entretanto, essa ocorrência tem que se dar de maneira anafórica. É imprescindível a presença de um tópico, para se considerar um sujeito nulo variável.

Em orações interrogativas, o PB atual apresenta sempre pronomes plenos. Com categoria vazia a sentença, nesse contexto, é agramatical no julgamento da autora. A sentença é agramatical, pois apresenta a concorrência de um operador nulo com o Sintagma QU- pela mesma posição.

Abaixo as sentenças (27a) e (27b) exemplificam contextos que seriam agramaticais no PB, segundo a autora:

(27)

- a)* *O que (que) comprei ontem?*
- b) *O João vai trazer a salada?*
- Não, *O VINHO *(ele) vai trazer.*

A impossibilidade de uma categoria vazia na posição sujeito, nessas duas construções, parece sugerir que o sujeito nulo referencial do PB apresenta interferência forte com as estruturas QU-.

Rodrigues (2004) assume que o PB permite apenas o sujeito nulo de 1ª pessoa em orações matrizes. Em contrapartida, os sujeitos nulos referenciais de 3ª pessoa são permitidos apenas em orações encaixadas.

(28)

- a) *cv* *estou sentada aqui.*
- b) *João* ₁ *disse que* _{cv1} *vem amanhã.*

O sujeito nulo de 1ª pessoa se comporta como tópico. Mas em determinados contextos, sua realização como tópico não é licenciada, logo a sentença matriz torna-se

agramatical quando o sujeito é nulo. No PB, os contextos em que se exclui essa realização do sujeito nulo de 1ª pessoa como tópico são os seguintes: orações que iniciam com – QU ou um constituinte topicalizado e dentro de orações relativas.

(29)

- a) *O que *_{cv} / eu fiz?*
- b) *O João, *_{cv} / eu acho que vai ser promovido.*
- c) *Eu comprei aquele vestido que *_{cv} / eu vi ontem.*

A partir das explanações anteriores, Rodrigues (2004) considera o sujeito nulo de 1ª pessoa no PB moderno como um tópico apagado. Tal afirmação tem como base o trabalho de Ross (1982). O autor estipula que em alemão, o pronome *ich* (eu) pode ser omitido em posição inicial de uma sentença, quando é um tópico.

(30)

- a) *(Ich) hab´ ihn schon gesehen.*

‘*(eu) já o vi*’

- b) *Ihn hab *(ich) schon gesehen.*

‘**(eu) já o vi*’

Os exemplos acima reforçam o que foi dito: a posição do sujeito só pode ser nula quando se encontra no início da oração. Assim como no PB, no alemão, o uso nulo do pronome de 1ª pessoa é proibido em orações interrogativas e dentro de orações relativas:

(31)

- a) ** Was machte.*

‘** O que fiz?*’

- b) ** Ich Kenne das mädchen, daß gestern getroffen habe.*

‘**Eu conheço a garota que encontrei ontem.*’

A inaceitabilidade de sujeito nulo nos contextos acima apresentados pode ser explicada pelo efeito de minimalidade de Rizzi (1990). O movimento de constituintes para o spec de CP bloqueia o movimento do sujeito pronominal para a posição de tópico, daí

como o spec vai estar preenchido, não permitirá a subida do pronome, logo este não poderá ser apagado.

Para Rodrigues o comportamento do PB é equiparado ao alemão, que, por sua vez, também não é uma língua de sujeito nulo. Logo, em ambas as línguas, o pronome de primeira pessoa só pode ser apagado se este estiver em posição de tópico. E a aplicação desse apagamento só pode ocorrer quando a morfologia do verbo é rica o suficiente para recuperar os traços do sujeito pronominal apagado.

Sendo coerente com sua proposta, a autora diz que ao contrário do sujeito de primeira pessoa, os sujeitos nulos referenciais de 3ª pessoa são vestígios anafóricos do movimento.

(32)

a) O João₁ disse que_{cv 1} estava cansado.

Retornando à discussão de Barra Ferreira (2000), vemos que o autor afirma que o hiperalçamento é possível em PB. Construções que são impossíveis em línguas como o inglês e mesmo em línguas de sujeito nulo, como o espanhol, são bem formadas em PB. Temos aqui mais um indício da peculiaridade da ocorrência de sujeito nulo no PB.

(33)

a) O João parece que comprou um carro novo.

b) João tentou parecer que tinha saído.

Rodrigues apresenta a questão da “localidade” como um fator de alteração na interpretação dos falantes de uma língua de sujeito nulo e o PB. Para demonstrar essa diferença de interpretação, apresenta os seguintes exemplos:

(34)

*a) [O irmão da minha esposa₁]₂ estava tão feliz que e_{*1/2} não pode dormir.*

*b) O João₁ me contou que o Pedro₂ pensa que e_{*1/2} ganhou na loto.*

Em gramáticas “pro-drop”, temos a seguinte configuração:

(35)

a) [O amigo do Pedro₁]₂ disse que pro_{1/2} ganhou na loto.

- b) *O Pedro₁ disse que o Paulo₂ acredita que pro₁ ganhou na loto.*
c) *E do senhor e queixo-me, porque e abusou da minha proteção.*

O exemplo (34) mostra a interpretação de um falante de uma língua não pro-drop. A localização das categorias vazias revela que a gramaticalidade das sentenças está ligada com as propriedades anafóricas. Em (34. a) todo o DP c-comanda a categoria vazia, daí apenas o índice “2” ser gramatical. O mesmo ocorre em (34b): Pedro é a única interpretação possível para a categoria vazia. No exemplo (35), a autora retoma os dados apresentados por Negrão (1997), nele se vê um comportamento estritamente pronominal da categoria vazia. Logo os exemplos apresentados são interpretações de uma língua caracterizada como pro-drop.

1.6 – RESUMO DO CAPÍTULO

Nesse capítulo apresentamos o quadro teórico no qual essa dissertação se insere. Foram apresentadas as vertentes da teoria gerativa na qual as análises dos dados serão pautadas. Por se tratar de um estudo diacrônico, optou-se por seguir as acepções propostas por Kroch (1994), principalmente sua idéia de “competição de gramáticas” nos dados históricos. Outro conceito que será bastante utilizado nesse trabalho é a idéia de dicotomia língua-I e língua-E. Buscaremos a partir da língua-E (os enunciados dos textos) encontrar indícios da língua-I (gramática adquirida) dos falantes das épocas estudadas. Ainda partindo dessa concepção de dicotomia entre língua-I e língua-E, a proposta de periodização do PB que mais se aproxima do quadro teórico dessa dissertação é a proposta de Lobo (2001). Além de atribuir uma justificativa com aspectos mais lingüísticos do que puramente históricos em sua divisão, a autora ainda leva em consideração para seu estudo que os dados escritos de um texto são os reflexos de uma gramática de uma época anterior.

O construto teórico a respeito do sujeito nulo para a gramática gerativa também se faz presente em nosso referencial. A diferenciação entre pronome, anáfora e variável, a categoria vazia *pro*, a noção de antecedência e de c-comando são essenciais para se compreender as revisões bibliográficas que seguem neste capítulo.

Inicialmente apresentamos os trabalhos quantitativos a respeito do sujeito nulo no PB, contrapondo as idéias de Duarte (1995) e Nicolau (1995). A primeira acredita que o PB teria deixado de licenciar o sujeito nulo e a segunda argumenta o oposto, que o PB

ainda seria uma língua com todas as características do parâmetro do sujeito nulo. Concordamos parcialmente com Duarte (1995), pois as evidências de mudança no PB, em relação ao uso de sujeito nulo, são bastantes contundentes. Nosso trabalho se pauta na hipótese de que apesar de haver mudança o PB não deixou de licenciar o sujeito nulo. Ele continuaria sendo uma língua de sujeito nulo, mas não nos moldes de Nicolau (1995), mas sim uma língua de sujeito nulo com ambientes restritos. Alguns autores, como Rodrigues (2004) chamam esse fenômeno de língua *parcialmente* pro-drop. Optamos por chamar o sujeito nulo do PB como *Sujeito Nulo Diferente*, isso porque tal terminologia seria mais enxuta e sem possibilidades de ambigüidades como a anterior.

Logo em seguida, apresentamos trabalhos mais teóricos, que discutem questões de interpretação do estatuto teórico do sujeito nulo, defendendo que o sujeito nulo no PB não é uma questão de licenciamento, mas sim de identificação. Um trabalho pioneiro nesse sentido é o de Galves (1987). E por último, apresentamos os trabalhos de três autores que defendem a idéia de que o PB seria uma língua de sujeito nulo, mas com restrições de contextos: Figueiredo Silva (2000), Barra Ferreira (2000) e Rodrigues (2004). Esses autores definiram suas hipóteses a partir de análises sincrônicas de dados de intuição. Um dos nossos objetivos nesse trabalho será nos pautar nos contextos apontados por eles como “contextos restritivos” e observar se tais restrições acontecem nos dados diacrônicos.

CAPÍTULO 2

APRESENTAÇÃO DO *CORPUS* E CLASSIFICAÇÃO DOS DADOS

2.1– COMPOSIÇÃO DO *CORPUS*

O *Corpus* desse trabalho é constituído por três periódicos: *O Recreador Mineiro*, o *Jornal Mineiro* e o jornal *Tribuna de Ouro Preto*, que circularam na cidade de Ouro Preto na primeira e na segunda metade do século 19 e na primeira metade do século 20, respectivamente.

A organização desse material, para o estudo aqui proposto, foi um processo bastante cauteloso e criterioso. Primeiramente, obteve-se, por empréstimo, os originais microfilmados do periódico *O Recreador Mineiro* no Centro de Estudos Literários Luso-brasileiro no Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto. Em seguida, foram feitas cópias digitalizadas desse material e devolvidos os originais. *O Jornal Mineiro* e o *Tribuna de Ouro Preto* foram digitalizados dos originais microfilmados da Biblioteca Nacional do Rio do Janeiro, que disponibilizou cópias em CD – Rom para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Após a fase de digitalização, foram selecionados vários artigos de cada jornal e feita a transcrição desse material em formato XML. Esse procedimento se fez necessário para que, futuramente, esse material seja disponibilizado na rede mundial de computadores, possibilitando uma maior facilidade de acesso desse *corpus* a todos os pesquisadores interessados. Por último, para se efetuar as classificações e obter os resultados quantitativos das análises, todas as orações foram colocadas em planilhas do excel. Cada sentença do *corpus* foi gerada em uma linha da planilha (recurso possível devido à marcação etiquetada no XML); logo, foi elaborada uma classificação manual em frente a cada uma dessas orações.

A classificação das orações será apresentada e justificada na segunda parte deste capítulo. Na primeira parte, os três periódicos que servem de base empírica a esse estudo serão descritos detalhadamente, com o intuito de contextualizar de maneira precisa a

natureza da língua – E dos dados que serão analisados no terceiro capítulo dessa dissertação.

2.2– APRESENTAÇÃO GERAL DE CADA PERIÓDICO DO *CORPUS*

Nessa seção é feito um trabalho de reconhecimento dos redatores dos jornais. A pesquisa engloba aspectos biográficos, no intuito de se verificar o período e a situação sócio-econômica desses autores. Tal abordagem é de grande relevância, pois as datas de publicação dos textos nos remetem aos enunciados da Língua-E desses falantes; logo, para tentar identificar a língua – I dos mesmos, necessita-se saber a data de nascimento para localizar o período de aquisição da linguagem desses redatores em comparação à sua geração anterior.

Daí a importância de sabermos sobre os periódicos e principalmente esboçarmos o perfil dos redatores que escreviam nesses jornais. Além das datas de nascimento, buscamos informações importantes como a escolaridade, pois como se trata de textos escritos, a escolaridade influencia no estilo de escrita dos autores. Essa última informação irá nos possibilitar diferenciar o conhecimento lingüístico do falante de sua competência lingüística, nos termos de Galves (2008).

2.2.1– O Recriador Mineiro



Figura 3: Foto da primeira página do periódico O Recreador Mineiro

A literatura mineira do século XIX ganhou um grande impulso com o estabelecimento da imprensa periódica. Esta, além de instituir a circulação periódica do texto, confirmou de certa forma a existência de um público leitor, ainda que incipiente.

A primeira publicação do *Recreador Mineiro* ocorreu em 1º de janeiro de 1845, em tamanho 14 x 20, sendo este de circulação quinzenal ininterrupta até 15 de junho de 1848, em um total de 84 números. Cada edição ocupava um espaço de 16 páginas sendo que alguns viriam acompanhados por nítidas estampas litografadas (litogravuras). O

conjunto de doze edições semestrais formava um tomo. Assim, o periódico apresentava sete tomos com numeração contínua em suas páginas.

Dentro da cidade de Ouro Preto, a assinatura do *Recreador Mineiro* era vendida a 6: 000 rs anuais, e a 3:000 rs semestrais. Fora da cidade, a assinatura era de 7:000 rs anuais ou de 3:5000rs semestrais. Essa quantia deveria ser paga adiantada, pois o porte do correio já estava incluído nesse valor. Por essas informações podemos traçar o perfil dos leitores do jornal. Pelos valores dos periódicos vemos que os redatores escreviam para a elite colonial da época.

O periódico era composto por três seções que foram subdividas pelo autor, demarcando a diferenciação entre história, filosofia e poesia:

1ª Secção – MEMÓRIA: *Historia*

2ª Secção – RAZÃO: *Philosophia*

3ª Secção – IMAGINAÇÃO: *Poesia*

INDICAÇÃO	
DAS MATERIAS CONSIGNADAS NO 1.º TOMO DO	
RECREADOR MINEIRO	
PROGRAMMA	
2.ª SECÇÃO - MEMÓRIA.	
HISTÓRIA.	
DESCRIÇÃO PHYSICA E POLITICA.	ESTATISTICA.
Monumento geographico e historico tributado á Província de Minas Geraes pag. 2	Ouro das Minas de Brasil 13
Sebastianopolis pag. 22	CHRONOLOGIA.
TRINOMIA.	Liberdade Ultramarina 16
Indicação do Chronologo. 38	Suppl. de 1.ª Leza de Casca. "
TRINOMIA.	Desenvolvimento do Rio de Janeiro. "
Vila de Nollia 142	Procedimento da casa fundida. 21
Estado de Minas. 14	Chamamento geral a guerra. 21
CHRONOLOGIA.	Conjunctura das epochas de M. de Geraes. 14
Quarta Supplemento da Província de Minas Geraes. 38	CHRONOLOGIA.
Mapa de Minas. 42	Mapa geographico da Província de Minas Geraes. 14
	Mapa geographico da Província de Minas Geraes. 14

Figura 4: Foto do Programa do Recreador Mineiro – Secção Memória - História

A seção *Memória* é a que compreende a maior quantidade de textos dentro de cada exemplar do periódico. Encontram-se textos a respeito de topografias, botânica, agricultura, geografia física, estatísticas, mineralogia, medicina, economia doméstica, etimologias históricas, indústria, veterinária, memórias biográficas, arquivos, e tantos outros assuntos relacionados a essas áreas.

[illegible]

Figura 5: Foto do Programa do Recreador Mineiro –Secção Razão - Philosophia

A seção *Razão* compreende áreas como moral, crítica, pensamentos, meditações, pedagogia, filosofia, etimologia gramatical, instruções dogmáticas, sátira, física, decifrações de enigmas, charadas, logogrifos e adivinhações. Esta seção tematiza textos e discussões de ordem moral e intelectual. São reflexões sobre o como e o para que agir; o ideal da conduta de todos os membros da sociedade.

VI	
Os Dates da poesia	III
PEDAGOGICA	
Contextura de hum periodico literario popular	7
PHYSICA.	
Intelligencia d'especie nas diferentes raças humana:	52
PHILOLOGIA.	
Comunicado: O enigma e a charada observações do <i>Recreador Mineiro</i>	43
sobre o precedente	
Communicado: Analyse a humana	44
Charada	159
Resposta ao artigo supra	58
ETYMOLOGIA GRAMMATICAL.	
Significação de nomes femininos	190
DECIFRAÇÃO.	
— d'enigmas	32, 144
— de charadas, 48, 96, 112, 128, 144, 161, 176, 192	
— de logographos, 64, 80, 192	
— de adivinhações, 96, 128, 176, 192	
3.ª SECÇÃO. — IMAGINAÇÃO.	
POESIA	
EPICA.	
Charada anachoreta	32
Orgulhador	75
Argumentos de hum pequeno ensaio poetico	93
Assemblea dos ratos	127
Enigma enigmatico	128
De ao Nabalho do Principe Imperial do Brasil	143
Enigma	158
Propheta fundada na opinião publica	176
Logographos	192
Charadas, 32, 112, (1.ª e 2.ª) 192	
LYRICA.	
Enigma	8
A flor denominada	14
Enigma	45
Verdades singelas	110 e 174
A visita das primilhas	191
Dialogo entre Fileno e Melibee	191
Charadas, 48, 80, 96, 112, (3.ª, 4.ª e 5.ª) 128, 144, 159, 176.	
Logographos	48, 64, 176
Adivinhações	80, 112, 159, 176
CANTIGAS.	
A Euphrosina	63
Adeos a Fiezezinha	157
GRAVURAS.	
Visita da Imperial Cidade do Ouro Preto	pag. 6
Visita da Cidade do Rio de Janeiro	109

Figura 6: Foto do Programa do Recreador Mineiro –Secção Imaginação - Poesia

A seção *Imaginação* dedica-se à poesia e está subdividida em Épica, Lírica e Cantigas. É interessante ressaltar que as charadas, logografos e adivinhações se enquadram dentro da subdivisão “Lírica”; no entanto, suas respectivas decifrações estão na seção Razão/Filosofia. Percebe-se, dessa forma, que há um intercâmbio entre essas duas seções. A *Imaginação* apresenta uma proposta, algo ligado à criação. Assim, a solução dessa criação só será resolvida em outra seção, ou seja, na *Razão*, parte esta responsável pelo raciocínio e pela lógica. Assim, o conceito *Imaginação* restringe-se à poesia e os outros gêneros são enquadrados dentro das outras duas seções. A partir das definições efetuadas sobre cada seção do periódico, ressaltamos que os textos escolhidos, para classificarmos os

dados, foram basicamente da seção *Memória e Razão*.

O índice, ou Programa, do *Recreador Mineiro* era distribuído gratuitamente a cada seis meses. Ele continha o título de todos os textos que seriam publicados naquele semestre, ou seja, naquele Tomo. Os textos eram catalogados de acordo com a seção em que eles se encaixassem melhor: histórica, filosófica ou poética. É importante ressaltar que essas seções não apareciam demarcadas, divididas dentro do periódico. Os textos apareciam misturados, e a forma de identificar a que seção o texto pertencia era pelo seu Programa ou analisando seu conteúdo.

Esse periódico foi pioneiro para sua época, pois apresentava uma variedade ainda não vista. A permanência desse jornal por três anos e meio em circulação pode ser atribuída à variedade que este trouxe à imprensa mineira da época. Isso porque, até então, predominava quase que exclusivamente o discurso político.

- Os Redatores do *Recreador Mineiro*

Durante todo o período de tiragem do jornal *o Recreador Mineiro* tem como diretor, redator, editor, tipógrafo e dono, a mesma pessoa: Bernardo Xavier Pinto de Souza. É claro que ele não era o único que escrevia no jornal. Nos textos assinados encontramos nomes de bispos, vereadores e demais pessoas influentes e importantes que compunham a elite ouropretana. No entanto os artigos escritos por Bernardo correspondiam à maioria.

Bernardo Xavier Pinto de Souza nasceu em Coimbra, Portugal, no dia 27 de Novembro de 1814. Veio para o Rio de Janeiro em 1835, aos 21 anos. Após sua vinda, estabeleceu-se no Brasil, naturalizando-se em 1839, quando foi nomeado para exercer o cargo de primeiro oficial da secretaria do governo provincial de Minas Gerais.

Mais tarde, desejando dedicar-se à vida do comércio, pediu exoneração do cargo que exercia e passou logo a aperfeiçoar a arte tipográfica, muito atrasada em Minas Gerais, em relação à Europa, na primeira metade do século 19. Introduziu, em Ouro Preto, uma tipografia denominada “Typografia Imparcial”, que era localizada à Rua do Jiló (atual rua Paraná) Nº 9, na qual realizou alguns trabalhos, entre eles o periódico literário *O Recreador Mineiro*.

Como dito anteriormente, Bernardo Xavier não era o único a escrever artigos para seu jornal. Há vários artigos assinados por outras pessoas. Seleccionamos os outros autores que assinaram os textos que foram utilizados para constituir nosso *corpus*:

Agostinho Antonio Tassara de Pádua: Nasceu na Bahia no ano de 1790 vindo para Vila Rica com apenas 3 anos de idade. Casou-se a primeira vez em 1811 com Cândida Rosa do Espírito Santo. Com a morte da esposa, voltou a se casar em 1817 com Carlota Olinda Soares do Couto. Permanecendo em Vila Rica, tornou-se um influente escritor e professor na cidade.

Antonio Alves Pereira Coruja: Nasceu em 31 de Agosto de 1806, em Porto Alegre. De pais pobres, fez seus primeiros estudos com os professores de que Porto Alegre então dispunha: Maria Josefa, Antônio D'Ávila (o *Amansa-Burros*), padre Tomé Luís de Sousa e padre João de Santa Bárbara. Para auxiliar na sua subsistência era sacristão na Igreja Nossa Senhora Mãe de Deus, onde se tornou amigo do padre Tomé Luís de Sousa, com quem aprendeu, mais tarde, latim. Foi habilitado sucessivamente para dar aulas de primeiras letras, Gramática Latina e Filosofia Racional e Moral em Porto Alegre. Seu primeiro emprego foi em uma escola pública, mantendo, à noite, aulas particulares. No Rio, em 1839, ingressou no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), onde ocupou por muitos anos o cargo de tesoureiro e escreveu vários artigos sobre o Rio Grande do Sul na *Revista Trimensal* do Instituto, além de contribuir com artigos para outros periódicos da época de outros estados, como Minas Gerais. No mesmo ano era secretário da Sociedade Literária do Rio de Janeiro. Em 1849 fundou sua primeira escola, o *Liceu Minerva*, foi também professor particular de prestígio na corte. No Rio publicou vários livros didáticos e gramáticas, além de ter presidido a *Sociedade Imperial Amante da Instrução* no Rio. Faleceu em 1889.

Manoel José Pires da Silva Pontes: Natural de Minas Gerais, faleceu no mesmo estado no ano de 1850, com avançada idade. Naturalista e literato, serviu muitos anos no cargo de guarda-mor das minas. Foi nomeado presidente da província do Espírito Santo em carta datada de 25 de setembro de 1832. Exerceu a presidência desse estado até a data de 5 de maio de 1835. Foi deputado na segunda legislatura da assembleia provincial mineira, sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, além de deixar vários trabalhos inéditos na

área de etnografia. Muitos de seus trabalhos foram publicados na Revista do mesmo instituto de que era sócio.

Manoel Machado Nunes: Brasileiro, nasceu em 1799 e faleceu no ano de 1876. Foi um grande político e obteve bastante destaque nacional. Foi presidente das províncias de São Paulo de 11 de julho de 1839 a 6 de agosto de 1840, e de Minas Gerais, de 7 de junho a 16 de julho de 1841.

A partir da pesquisa acima efetuada, vemos que O Recriador Mineiro foi um jornal que teve artigos escritos tanto por brasileiros quanto pelo português Bernardo Xavier Pinto de Sousa. É portanto necessário comparar a sintaxe do autor português com a dos autores brasileiros, para saber se eles apresentavam comportamentos divergentes na escrita. Assim separamos os textos brasileiros dos portugueses e analisamos os resultados desses, independentemente. Os resultados foram os seguintes:

Do universo total de 825 orações que apresentavam sujeito nulo X sujeito pronominal realizado, 46%, ou seja 380 orações, são de autores brasileiros e 54%, isto é, 445 orações são do autor português. Após separar os textos de cada autor, averiguou-se a quantidade de sujeitos nulos e sujeitos pronominais encontrados nesses textos; para uma melhor visualização, efetuamos o seguinte quadro comparativo:

Quadro Comparativo

	Textos Brasileiros	Textos Portugueses
Sujeito Nulo	294 / 77%	330 / 75%
Sujeito Pronominal	86 / 23%	115 / 25%
Total	380 / 100%	445 / 100%

Esse resultado indica que não existem divergências no uso da variante sujeito nulo/sujeito pronominal nos textos publicados no Recriador Mineiro. Ou seja, a língua – E desses falantes, quanto ao fenômeno de sujeito nulo, parece ser a mesma. Logo, os textos podem ser analisados em conjunto sem necessidade de separá-los. Para exemplificar esses

resultados, temos dois artigos: um escrito pelo português Bernardo Xavier Pinto de Sousa e outro escrito pelo brasileiro Antonio Alves Pereira Coruja:

Recreador Mineiro

Tomo 1º

15 de Março de 1845

Nº 06

Pág. 95

O Macaco no baile

Buffon tinha hum macaco, hum respeitavel orangotango, que lhe servia de criado grave. Querendo o historiador da natureza divertir-se em hum entrudo, ao baile da opera **conduzio** o animal, vestido com todo o garbo e decencia. **Poz-lhe** hum engraçado chinó, casaca de seda, luvas, etc, e desta maneira **tornou-o** hum figurao importante. Apresenta-se Buffon com o seu Africano; hum criado o ajuda descer da rege; e ambos vão procurar aventuras. Ninguém dá fé do escriptor; todas as atensões são para o mono, em quatro que este com estrema indifferença olha para todos os loucos do baile.

Seu porte majestoso e grave, e nao **sei** que de original, atrahem todos os olhos sobre o novo mascarado. Todos se affeioam ao mico todos o festigao, e lhe **dirigem** a palavra. Mas cresce cada vez mais a admiração; porque o incognito animal a ninguem responde. **É** hum principe estrangeiro diz hum; **é** hum sabio incoberto, diz outro. Talvez **seja** hum diplomata, opina este; **é** hum grande do reino, assevera aquelle; todos porem o contemplam e o admirao, todos aspirao á sua amisade. Um mascarado lhe aperta a mão, outro lhe introduz furtivamente hum bilhete de amores de certa dama de importancia. O mono finalmente rouba todas as atensões: ninguém mais ouve as orquestras, e não se comversa se não no grande homem, que não diz nada.

Então buffon, aborrecido de tanta sandice, tirando a mascara ao seu macaco, exclama:., oh gente imprudente e leviana, vende o objeto da vossa admiração, e do vosso culto. O que **tendes** por grande personagem não é mais que hum ediondo orango-tango. Agora **acabo** de crer que não ha quem melhor possa inculcar-se por importante do que huma besta que se póde calar.

Tradução de Bernardo Xavier Pinto de Sousa

Observa-se pelos ambientes sintáticos em que há a ocorrência de sujeito nulo, sua presença tanto em orações matrizes quanto em orações encaixadas. O texto também apresenta sujeito nulo de primeira, segunda e terceira pessoa. Os pronomes de primeira e segunda pessoa não foram realizados lexicalmente em nenhum momento do texto, mas são sempre utilizados como sujeito nulo no texto, o que significa que não precisam de

referência (externa). Os sujeitos nulos de terceira pessoa não têm referentes imediatamente muito próximos, a categoria vazia não precisa estar ligada e nem c-comandada para ocorrer.

Recreador Mineiro

Tomo 1º

15 de Maio de 1845

Nº 10

Pág. 159

COMUNICADO

Ilm. Sr. Redactor do Recreador Mineiro

Como patriota, e como assignante deste periodico, **tenho** de agradecer-lhe o trabalho, que toma por desempenhar sua incumbência; sendo certo que cousas uteis tem apparecido; e, entre as agradaveis, algumas. **Li** o nº 8 de 15 do corrente; **decifrei** as charadas; e não me foi preciso adivinhar a letra – M- de que faz menção o soneto; por que é a de ha muito sabido. A charada que começa – Nas notas de muzica – e que quiz dizer sobejo; hade ter paciencia, e dizer solbejo; por que ainda que os modernos mudarão ut para dó, ainda não **mudárão** o sol, para só; mas o A . **procurarão** de Joaquim Rossini etc.

Acobertado com o allegorico, que **tomei**, ir-me-hei communicado com v.s, e transmittindo minhas ideas; mas sempre persuadindo, que cada huma d’ellas reproduz duas sandices em litteratura, o que V.S não extranhará, por que lhe **assevero**, que o nome que **tomei**, é a valer, e não a brincar. **Tendes** sempre a publicar as charadas no final. **São** vistas por ultimo, mas as primeiras a serem recordadas. Por esta vez lhe **digo** que são minhas as charadas, adivinhas, versos etc. que não levarem declaração do autor.

Antonio Alves Pereira Coruja

Contrapondo o texto acima, escrito por um brasileiro com o texto anterior, escrito por um português, vê-se que os ambientes sintáticos para o uso de sujeito nulo são praticamente os mesmos. O sujeito nulo ocorre tanto em orações matrizes quanto em orações encaixadas e são vistos exemplos de sujeito de primeira e segunda pessoa com o pronome nulo, mesmo sem realizá-los lexicalmente no contexto. Nas orações com sujeito nulo de terceira pessoa não há uma relação anafórica, nas condições gerativistas. Devido a

tais características, vê-se que o sujeito nulo na primeira metade do século 19 tem uma tendência mais pronominal nos dois textos apresentados.

2.2.2 – Jornal Mineiro

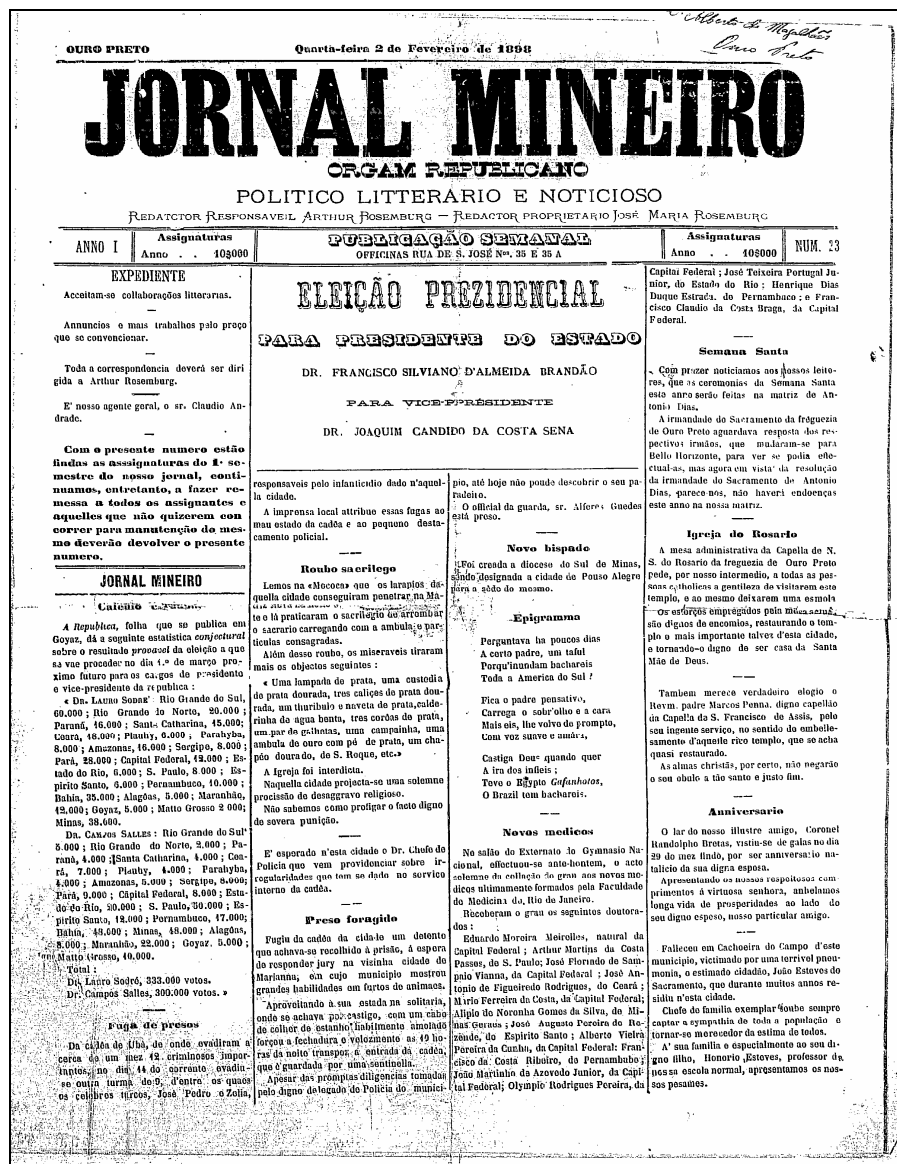


Figura 7: Foto da primeira página do periódico Jornal Mineiro

O periódico *Jornal Mineiro* – *orgão republicano, político, literário e noticioso* teve sua primeira publicação em um domingo, no dia 14 de Novembro de 1897. Saía continuamente duas vezes por semana, aos domingos e às quartas ou quintas-feiras. A última publicação que temos deste jornal é de uma quinta-feira, 8 de fevereiro de 1900,

totalizando 140 números do periódico.

O jornal era composto por quatro páginas, numeradas sempre de 1 a 4. Diferentemente do *Recreador*, o *Jornal Mineiro* não teve número de páginas contínuo durante o tempo de sua publicação. Nessas páginas eram apresentados conteúdos bastante diversificados. Como o próprio subtítulo do jornal diz, os artigos tratavam dos temas de política, literatura e notícias importantes sobre a cidade de Ouro Preto, além de conter muitos anúncios publicitários. A temática religiosa era também bastante abordada e o mais interessante é que estas abordagens estavam sempre ligadas a questões políticas relacionadas à cidade. O jornal era de caráter totalmente elitista e governista, deixando em evidência suas preferências eleitorais, preferências essas totalmente de direita, uma vez que apoiava a elite oligárquica que detinha o poder político da época. Exemplo disso pode ser visto no número 23, datado de 2 de fevereiro de 1898, onde, logo na primeira página e bem no centro de forma bastante destacada com letras bordadas e grandes, há um quadro com os seguintes dizeres:

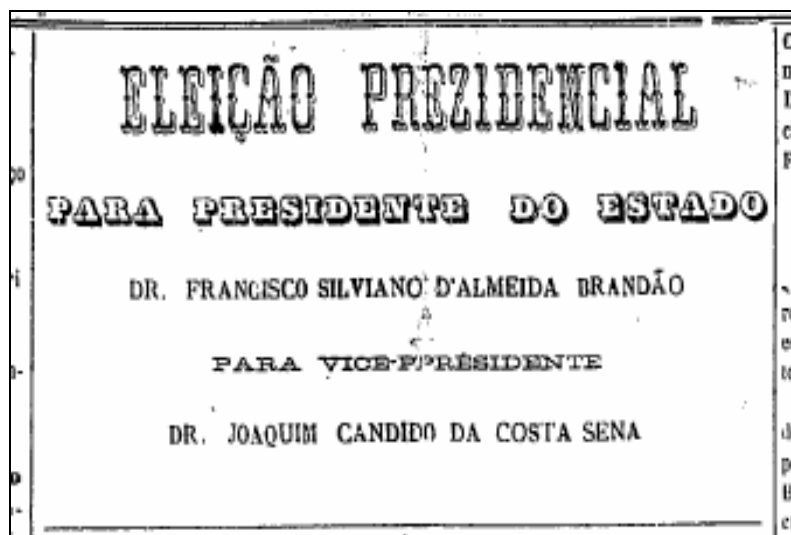


Figura 8: Foto de uma propaganda política estampada no Jornal Mineiro

O Dr. Francisco Silviano D’Almeida Brandão, que era médico e já havia sido senador, ganhou a eleição daquele ano e governou como presidente do estado de Minas Gerais até o ano de 1902, data em que se tornaria vice-presidente do Brasil, quando veio a falecer e foi substituído por Afonso Pena. Este trecho nos mostra o quanto o jornal era bem conceituado e o prestígio que tinha perante a sociedade ouropretana da época.

A publicação do periódico ocorria duas vezes por semana nas oficinas da Rua São José nº 35 e 35 A. O nome do dono - ou dos donos – dessas oficinas não é mencionado, o que demonstra que tais estabelecimentos eram responsáveis apenas pela impressão, não efetuavam nenhum outro serviço para o jornal, fossem elas contribuições de artigos ou mesmo qualquer trabalho de revisão.

O valor da assinatura anual - 10\$000 - vinha escrito no canto esquerdo da primeira página, mas também eram aceitas assinaturas semestrais. Como o *Recreador Mineiro*, o *Jornal Mineiro* recebeu a contribuição de várias pessoas em sua redação e editoração. Nos primeiros números do jornal o redator responsável era Arthur Rosemburg e o redator proprietário José Maria Rosemburg, ambos nascidos em Ouro Preto e formados pela escola de Minas.

A partir do segundo semestre de produção do jornal, a direção e a redação foram entregues a Alcides Medrado e com ele permaneceram até a última publicação. Alcides Catão da Rocha Medrado nasceu em 27 de setembro de 1857 na cidade de Lençóis no estado da Bahia. Sua formação se deu na área de engenharia, ligada à mineração, tendo feito seu curso na escola de Minas na cidade de Ouro Preto, com data de ingresso no ano de 1882. Trabalhou na Escola de Minas como bibliotecário e desempenhou várias comissões dos Ministérios do interior, Viação e Agricultura. Além do *Jornal Mineiro*, Alcides Medrado foi editor de outros periódicos mineiros como a *Revista Industrial de Minas Gerais*.

Além de Alcides Medrado, o periódico tinha como redatores Américo Werneck, Augusto de Lima e João Pandiá Calógeras. Como esses autores contribuíram significativamente para a produção do jornal e muitos dos textos produzidos por eles são analisados em nosso estudo, levantaremos seus dados biográficos, assim como levantamos os dados de Alcides Medrado, para compor um perfil das pessoas que escreviam no jornal. Esses dados serão relevantes para nossas análises no capítulo 3.

Por ordem cronológica, Américo Werneck é o primeiro de nossa apresentação. Nasceu no dia 13 de março de 1855 na cidade de Freguesia de Bemposta, no Município de Paraíba do Sul, Província do Rio de Janeiro. Fez os preparatórios no Colégio Kopke, de Petrópolis, e no Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro, e o curso superior na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, pela qual se diplomou em 1877. Foi colaborador de outros

jornais mineiros, como Gazeta de Petrópolis, Jornal do Comércio, Gazeta de Notícias, O País e A Época. Participou da vida política do estado, assumindo a Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas de Minas Gerais e assumindo interinamente o cargo de prefeito de Belo Horizonte. Faleceu no dia 16 de setembro de 1927.

Augusto de Lima nasceu no dia 5 de abril de 1859, na cidade de Congonhas de Sabará – MG (hoje Nova Lima, em sua homenagem). Iniciou o seu curso de humanidades no Seminário de Mariana, onde teve como professor de Latim o então padre Silvério Gomes Pimenta, mais tarde arcebispo de Mariana. Seguiu depois para o Seminário do Caraça. Desistindo da vida sacerdotal, foi prestar os exames preparatórios em Ouro Preto, em 1877. Em 78, ingressou na Faculdade de Direito de São Paulo, onde foi amigo, entre outros, de Raimundo Correia, Afonso Celso Júnior, Silva Jardim, Valentim Magalhães, Teófilo Dias, Pinheiro Machado e Assis Brasil. Fundou, em 1880, com Raimundo Correia, Alexandre Coelho e Randolfo Fabrino, a Revista de Ciências e Letras. Obteve o título de bacharel em 1882, tendo, durante o curso, exercido o jornalismo, no qual se mostrou propagandista das idéias da República e da Abolição. Passou a colaborar na imprensa, sobretudo no jornal *O Imparcial*, às vezes sob os pseudônimos I, Lívio e Lauro. Foi Governador de Minas Gerais, juiz e membro da Academia Brasileira de Letras. Faleceu no dia 22 de abril de 1934.

João Pandiá Calógeras, nasceu no dia 19 de junho de 1870, na cidade do Rio de Janeiro. Fez os primeiros estudos com professores particulares alemães, ingressando aos 14 anos no Colégio Pedro II, onde completou o curso secundário. Matriculou-se em seguida na Escola de Minas de Ouro Preto (MG), pela qual se formou engenheiro em 1890. Seu primeiro trabalho depois de formado foi a realização de pesquisas geológicas em Caraguaba-SC. É um reconhecido político mineiro por exercer cargos de eminência no cenário político brasileiro, desde Deputado Estadual de Minas a Ministro da Fazenda. Além disso, seu nome é atrelado a importantes momentos da história nacional, como o movimento Tenentista. Faleceu no dia 21 de abril de 1934.

2.2.3 – Tribuna de Ouro Preto



Figura 9: Foto da primeira página do periódico Tribuna de Ouro Preto

O jornal *Tribuna de Ouro Preto* está “sob os auspícios da Sociedade Amigos de Ouro Preto” (SAOP). Essa Sociedade foi fundada em 1933 e possuía como lema a ausência de “cor política”. Apesar de tal lema, muitos dos seus membros pertenceram e presidiram partidos políticos, como por exemplo, o redator do jornal Moacyr do Amaral Lisboa, que esteve à frente do Partido Republicano.

A Sociedade era composta por importantes membros da elite mineira da época. Prefeitos, vereadores, intelectuais, engenheiros, advogados e outros promoveram eventos sobremodo significativos como o apoio à criação da UFOP relatada na primeira página do 8º número desse jornal.

Figuras como o Cônego Raimundo Trindade, que deixou importantes escritos históricos sobre Ouro Preto e região e foi diretor do Museu da Inconfidência; Antônio José Alves de Souza – diretor da Produção Mineral do Brasil e membro do Conselho federal do Comércio Exterior – compunham a lista dos associados da SAOP.

Essa associação designava uma Comissão Orientadora do Jornal *Tribuna de Ouro Preto* da qual fez parte o Dr. Albino Sartori, vice-presidente da SAOP em 1945. Dentre outras funções, Dr. Sartori era Diretor de Clínica da Santa Casa de Ouro Preto em 1946. Também foi fiscal federal da Escola de Farmácia de Ouro Preto e prefeito dessa cidade.

O primeiro número do Jornal *Tribuna de Ouro Preto* foi publicado em 3 de junho de 1945; até o nono número sua publicação era quinzenal e a partir do 10º número, o jornal passou a ser publicado semanalmente⁵.

Apesar de *Tribuna de Ouro Preto* ter tido um menor período de circulação ao compará-lo com os outros dois jornais, ele contou com uma equipe de redação bastante numerosa entre os anos de 1945 a 1947:

Luis Ferreira da Silva

Benedito dos Santos Saraiva

⁵ No entanto, essa tiragem não foi ininterrupta. O número 23 do periódico foi publicado no dia 10 de março de 1946 e o próximo número, o 24, só foi publicado no ano seguinte, com data de 19 de março de 1947. Em sua primeira página, o destaque é justamente o “reaparecimento” do jornal, no qual o autor explica que o motivo do desaparecimento do periódico se deu por problemas de impressão, pelo fato da Sociedade dos Amigos de Ouro Preto não possuir uma oficina própria. O último número encontrado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro é de 7 de Setembro de 1947, totalizando 44 números do periódico.

João Batista Magalhães Gomes

Moacyr do Amaral Lisboa

Brito Machado

Antônio Luciano Santos Silva

Antônio Guimarães de Oliveira

A. Junqueira Ferreira

Washington Moraes Andrade

Antônio Pinheiro Filho

Waldemar de Moura Santos

Vicente Elena Trópia

José Lopes Bayão

Edmundo José Vieira

Leoni Soares

Reinaldo Alves Brito

Com o propósito de se realizar uma pesquisa biográfica dos redatores do jornal, selecionamos, da lista acima, os nomes mais recorrentes e importantes que aparecem em nossos dados. A preferência foi dada aos redatores que mais escreveram textos que nos serviram de fonte de dados para essa pesquisa. Para facilitar o entendimento e agilizar a compreensão, por se tratar de um número maior de autores, apresentamos seus dados biográficos em forma de fichas:

Nome: Moacyr do Amaral Lisboa

Data de Nascimento: 9 de maio de 1909

Local de Nascimento: Maripá, município de Guarará, MG.

Escolaridade: Fez seus cursos primário e secundário em Leopoldina, no Grupo Escolar Ribeiro Junqueira e no Ginásio Leopoldinense.

1935 – graduação em Engenharia de minas e civil pela Escola Federal de Minas de Ouro Preto.

Cargo no jornal: aparece como redator em alguns números e em outros como redator-chefe. Durante a publicação do jornal aparece sempre envolvido na redação do jornal.

Período em que exerceu o cargo: dos números 4 (29/07/1945) até o 14 (11/11/1945) consta como participante da redação do jornal, porém no número 40 (3/08/1947) volta a constar como redator.

Observações:

- Foi um dos fundadores e presidente da Sociedade Amigos de Ouro Preto.
- Um dos reorganizadores e presidente de 1945 a 1964 do Partido Republicano.
- Professor no Colégio Ourpretano Alfredo Baeta.
- Vendia músicas para se manter durante os estudos.
- Fundador da Academia Ouropretana de Letras
- Escreveu dois livros de poemas: - “O Canto da Saudade”; homenagem ao seu filho mais velho que faleceu com doze anos de idade;
- 1959 – um dos criadores do curso de Geologia da escola de Minas
- Especializou-se em Botânica e foi fundador da Sociedade de Botânica do Brasil.
- Recebeu o título de cidadão ouropretano.
- 3/02/1976: Faleceu em Ouro Preto, vítima de enfarte.

Nome: Artur de Brito Machado

Data de Nascimento: 14 de julho de 1887.

Local de Nascimento: Ouro Preto, na rua Direita nº110.

Escolaridade: Fez seus estudos primários com a educadora mineira D. Amália Bernhausen de Lima. Coursou os preparatórios no antigo Colégio Mineiro em Ouro Preto concluindo-os em Belo Horizonte, onde, em 1908, matriculou-se na antiga Faculdade Livre de Direito, cursando até o 3º ano.

Cargo no Jornal: Redator

Período em que exerceu o cargo: aparece como redator até o número 5 do jornal, porém há textos dispersos em muitos números dos jornais.

Observações:

- Exerceu o magistério secundário de 1903 até 1961, Lecionou na Escola Normal Estadual D. Veloso, no colégio Alfredo Baeta e no Arquidiocesano.

- Foi um dos iniciadores da Escola Técnica de Ouro Preto.
- Publicou livros de poesia: “Sombras e Luz”, “Domus Áurea”, “Poemas do Céu e da Terra” e “Sinos de Ouro Preto”. Deste último recebeu do Papa Pio XII uma homenagem.
- Recebeu a medalha da Inconfidência em 21 de abril de 1959, sendo o primeiro ouropretano a receber tal condecoração.
- Foi eleito várias vezes Juiz de Paz e Inspetor Escolar.
- 5/04/1961: faleceu em Ouro Preto.

Nome: Washington Moraes de Andrade

Data de Nascimento: 13 de abril de 1911

Local de Nascimento: Rio Branco (Hoje Visconde de Rio Branco), MG.

Escolaridade: Fez seus estudos secundários no Ginásio de Viçosa;
1934 – graduou-se em Engenharia de Minas e Civil pela escola de Minas.

Cargo no Jornal: redator

Período em que exerceu o cargo: durante vários números.

Observações:

- Foi presidente da Sociedade Amigos de Ouro Preto.
- Foi membro do Conselho Deliberativo da sociedade amigos de Ouro Preto
- Sócio Fundador do Rotary Club de Ouro Preto.
- Diretor da Escola de Minas em 1973.
- Catedrático da Escola de Minas.
- 21/06/1945: Vai ao Rio de Janeiro juntamente com outras autoridades tratar da federalização da Escola de Minas.
- 1946 – Vice-Provedor da Santa Casa de Ouro Preto
- Chefe dos Serviços de Obras da prefeitura Municipal de Ouro Preto.
- Representante da Chefia do 3º Distrito da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional na região de Ouro preto e Mariana.
- 8/07/1974 – faleceu em Ouro Preto.

Nome: Antônio Pinheiro Filho

Data de Nascimento: 26 de setembro de 1906.

Local de Nascimento: Crato, Ceará.

Escolaridade: 1932 - graduado como engenheiro de minas e civil pela Escola de Minas de Ouro Preto.

Cargo no Jornal: redator

Período em que exerceu o cargo: seu nome aparece como redator dos números 6 ao 12 do jornal.

Observações:

- Fez parte da Diretoria da Sociedade Amigos de Ouro Preto.
- Professor da Escola de Minas.
- Engenheiro da prefeitura em Crato.
- Professor de História e Filosofia da Educação e Sociologia Educacional na Escola Normal Oficial de Ouro Preto.
- Trabalhou na direção, como Engenheiro, do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em Ouro Preto.
- 1946 – Provedor da Santa casa de Ouro Preto
- Foi reitor da UFOP de agosto de 1969 a setembro de 1971.
- 3/09/1975 – Faleceu em Ouro Preto.

Nome: Reynaldo Otávio Alves de Brito

Data de Nascimento: 29 de setembro de 1912.

Local de Nascimento: Ouro Preto, MG.

Escolaridade:

Estudou humanidades em sua terra natal.

1937 - graduado como engenheiro de minas e civil pela Escola Nacional de Minas e Metalurgia da Universidade do Brasil.

Cargo no Jornal: redator

Período em que exerceu o cargo: seu nome aparece como redator do número 39 ao 43 (24/08/1947).

Observações:

- Foi presidente da Sociedade amigos de Ouro Preto.
- Docente da Escola de Minas.
- Foi o primeiro presidente da Casa do Estudante de Ouro Preto.
- 1/11/1947 - Faleceu tragicamente durante uma excursão de campo com seu alunos da Escola de Minas.

Nome: Vicente Elena Trópia

Data de Nascimento: 21 de novembro de 1917.

Local de Nascimento: Ouro Preto - MG

Escolaridade: 1946 – graduado como farmacêutico pela Escola de Farmácia de Ouro Preto.

Cargo no Jornal: gerente e diretor-gerente.

Período em que exerceu o cargo: nº27 (13/04/1947) ao 39º (08/07/1947) exerce o cargo de Gerente e a partir do nº40 (3/08/1947).

Observações:

- Sócio e vice-presidente do centro farmacêutico de Minas Gerais.
- Foi vereador à Câmara Municipal de Ouro Preto
- Fundador e Diretor Superintendente da Companhia Telefônica de Ouro Preto.
- Foi presidente da Casa do Estudante de Ouro Preto.
- Diretor da Escola de Farmácia de 1966 a 1970.

Nome: Leoni Soares

Data de Nascimento: 15 de setembro de 1886

Local de Nascimento: Ouro Preto - MG

Escolaridade: 1912 – graduado como farmacêutico pela Escola de Farmácia de Ouro Preto.

Cargo no Jornal: redator

Período em que exerceu o cargo: aparece como redator do número 40 ao 44 (7/09/1947)

Observações:

- Catedrático de Farmácia Galênica.
- Exerceu a profissão de farmacêutico em várias localidades do estado de Minas Gerais.

Nome: José Lopes Bayão

Data de Nascimento: 9 de abril de 188

Local de Nascimento: Ouro Preto - MG

Escolaridade: 1917 – graduado como farmacêutico pela Escola de Farmácia de Ouro preto.

Cargo no Jornal: redator

Período em que exerceu o cargo: um dos redatores do número 26 ao 28 (20/04/1947).

Observações:

- Exerceu a profissão de farmacêutico durante alguns anos
- Lecionou em Belo Horizonte.

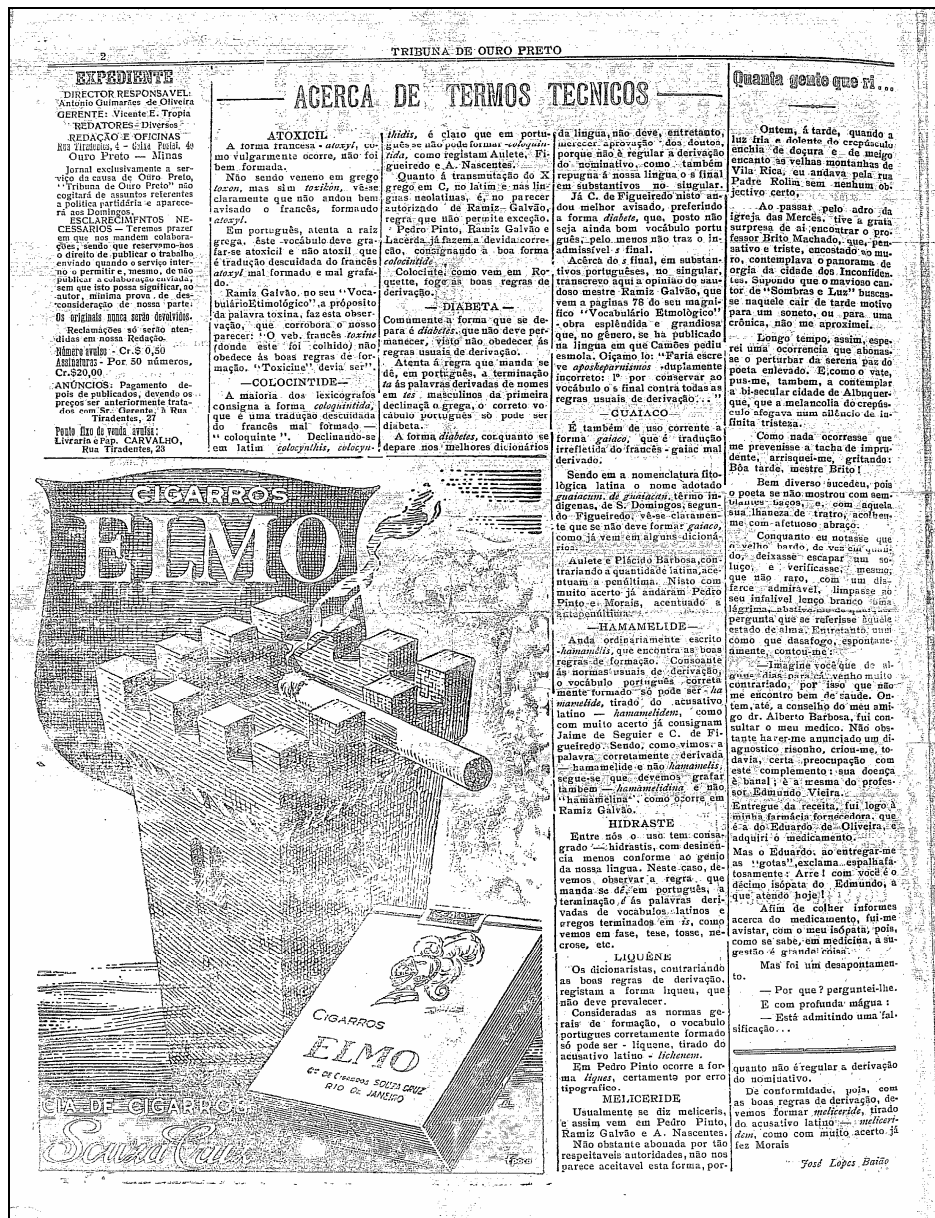


Figura 10: Foto da última página de uma edição do periódico Tribuna de Ouro Preto

2.3- METODOLOGIA

A classificação das orações com vista ao estudo da realização do sujeito nulo no *corpus*, leva em consideração as discussões e análises de Maria Cristina Figueiredo Silva (1996; 2001); Marcelo Ferreira Barra (2000) e Cilene Rodrigues (2004), apresentadas no

capítulo 1 dessa dissertação. As afirmações e argumentações feitas por esses autores sobre os contextos em que pode ou não ocorrer sujeito nulo no PB atual servirão de base para verificarmos o processo de mudança na marcação do parâmetro, ocorrido em nossa língua entre o século 19 e 20.

Os três autores concordam que o PB e o PE correspondem a línguas com gramáticas distintas. E uma dessas diferenças estaria na realização do sujeito nulo nessas línguas. O PE teria propriedades de língua “pro-drop” e o PB teria perdido a maioria dessas propriedades, ficando apenas alguns contextos específicos de realização de sujeito nulo.

2.3.1 – Metodologia de classificação dos dados no *corpus*

Como vimos anteriormente no capítulo 1, são vários os contextos de análise e ao trabalhar com textos escritos na diacronia não sabemos, *a priori*, se todos os contextos expostos serão encontrados. Dessa forma, para melhor desenvolver as análises dos ambientes sintáticos, estabeleceremos critérios de forma sintética e relevantes para o estudo do sujeito nulo no PB.

Inicialmente é importante esclarecer os termos utilizados na classificação dos dados seguindo a tradição gramatical. São classificadas de “oração” as frases que contenham verbos e como “período” um conjunto de frases e/ou orações finalizado por alguma pontuação. A única exceção a essa definição de período é em orações com marcas de discurso direto, como exemplificado abaixo:

(36)

a) [] *Para o enterro de hum escrivão! respondeo elle.* (Recreador Mineiro, Tomo 1, 1 de Janeiro de 1845, N 1 Pág.14)

Nesses casos, mesmo havendo um ponto de exclamação intermediário, consideramos o ponto final como o final da oração.

Foram classificadas todas as orações com verbos finitos existentes no *corpus*. As orações com verbos no infinitivo, gerúndio e particípio foram descartadas, bem como os verbos inexistentes, como haver no sentido de existir e fazer no sentido de tempo decorrido.

O fato de o PB ser classificado como língua de sujeito nulo diferente, ou mesmo de ser denominado por alguns autores de parcialmente “pro-drop”, se deve às evidências fornecidas por contextos em que ainda temos a ausência de pronomes realizados. Mas um dos fatores que o torna ainda mais peculiar e consagra como adequada essa terminologia para essa língua, é o fato de existirem expletivos nulos no PB nos mesmos ambientes sintáticos de línguas propriamente “pro-drop”, como o italiano.

Esses ambientes a que me refiro, além dos impessoais já citados, são os verbos que representam fenômenos da natureza, como chover, trovejar, nevar, etc., e verbos inacusativos, ou seja, verbos que não selecionam seus argumentos externos, como parecer, cumprir, etc. Estes são contextos clássicos de sujeito nulo (expletivos nulos) e não representam contextos de alternância de realização pronominal ou nula, sendo assim, essas orações serão descartadas de nossas análises. Abaixo exemplificamos com períodos do *corpus*, orações com expletivos nulos:

(37)

a) [] **Cumpre** ter ideias mais justas da instrução que recebemos, e dos resultados que della pretendemos obter. (JORNAL MINEIRO Organ Republicano Político Litterario e Noticioso Ano 1 - NUM. 1 Ouro Preto, Quarta-feira, 2 de fevereiro de 1898 Redactor Responsavel Arthur Rosemburg Redactor Proprietario José Maria Rosemburg p.01)

b) [] **Parece**, em verdade, incrível que haja homens tão pouco reflexivos, ou tão preocupados que dêem peso a tão inutil objecção. (Tribuna de Ouro Preto Sob os Auspícios da Sociedade de Ouro Preto Ano 1 - NUM. 1 Ouro Preto, 3 de junho de 1945 Redação – Rua Tiradentes, 19 Diretor- Luis Ferreira da Silva Gerente- Benedito dos Santos Saraiva p.01)

Verbos no tempo imperativo também são ambientes categóricos de sujeito nulo, em todas as línguas, logo não serão contabilizados em nossos estudos.

(38)

a) [] Agora, meu amigo, **faça** como eu fiz, e enriquecerá como eu enriqueci. (Recreador Mineiro, Tomo 1, 1 de Fevereiro de 1845, N 3 Pág.59)

b) [] Mas não nos **enganemos**, confundindo as idéias que estas palavras exprimem. (Recreador Mineiro, Tomo 1, 15 de Janeiro de 1845 , N 2 Pág. 17)

Por último, os verbos acompanhados pelo clítico “se” só serão considerados quando estes forem inerentes, reflexivos ou recíprocos. Isto porque o sujeito nulo das

construções com “se” como índice de indeterminação do sujeito e como indicador de passiva não é um sujeito referencial específico, ou seja, não é um contexto de variação com um sujeito pronominal realizado.

Nesse estudo serão considerados tanto os sujeitos pós-verbais, quanto os sujeitos pré-verbais. As orações foram classificadas da seguinte maneira:

- Oração Absoluta: quando o período for simples, construído em torno de um só verbo;

(39)

a) [] *Elles têm a independencia do escrutório na soberania da urna.* (JORNAL MINEIRO Orgam Republicano Político Litterario e Noticioso Ano III - NUM. 102 Ouro Preto, Sexta-feira, 18 de Agosto de 1899 Direção e Redacção de Alcides Medrado p.01)

b)[] *Não tendes o direito de tapar a bocca da urna que a Constituição entregou franca ao municipio.* (JORNAL MINEIRO Orgam Republicano Político Litterario e Noticioso Ano II - NUM. 99 Ouro Preto, Quinta-feira, 3 de Agosto de 1899 Direção e Redacção de Alcides Medrado p.01)

- Oração Principal: oração que tem seu sentido inteirado por outras a ela subordinadas:

(40)

a) [] *Avisado, porém, por um mascarado de que "se formava hu motim com o animo de o matarem", tratou ele de se pôr a salvo, "e desde húa eminencia, onde está huma ermida de Santa Quileria, esteve com toda a paciencia, vendo marchar o motim para sua caza".* (Tribuna de Ouro Preto Sob os Auspícios da Sociedade de Ouro Preto Ano 1 - NUM. 1 Ouro

Na classificação dos dados da dissertação iremos unir tanto a oração Absoluta quanto a oração Principal e estas serão chamadas de **Orações Matrizes**.

- Oração coordenada: quando apesar de independente a oração estiver coordenada à outra;

(41)

a) [] *Ele lança no ostracismo as inteligencias mais brilhantes, rúe as moradas mais custosas e admiraveis , destrói a beleza das donzelas, a energia dos moçose o idealismo dos velhos.* (Tribuna de Ouro Preto Sob os Auspícios da Sociedade de Ouro Preto, Ano 1 - NUM. 1 Ouro Preto, 3 de junho de 1945 Redação – Rua Tiradentes, 19 Diretor- Luis Ferreira da Silva Gerente- Benedito dos Santos Saraiva p.01)

Observação: coordenadas diretas não serão contabilizadas em nossos dados :
[] Os deveres do homem nascem e morrem com a sua intelligencia. (Recreador Mineiro Tomo 1
15 de Janeiro de 1845 N 2 Pág. 17)

- Oração encaixada completiva verbal: orações subordinadas que complementam um verbo.

(42)

a) [] *mas **digo** eu que elle os **pode annular** ou declarar nullos , e isto é velho como a Sé de Braga e a praxe portuguesa, e é direito vigente na Republica.* (JORNAL MINEIRO Orgam Republicano Político Litterario e Noticioso Ano III - NUM. 133 Ouro Preto, Quinta- Feira, 11 de janeiro de 1900 Direção e Redacção de Alcides Medrado p.01)

b) [] - *Ria quanto quizer, proseguio o velho dos polvilhos, mas siga o conselho que lhe vou dar, e **terá o que prometto**.* (Recreador Mineiro, Tomo 1, 1 de Fevereiro de 1845, N 3 Pág.59)

- Oração encaixada completiva nominal: oração subordinada que complementa um nome.

(43)

a) [] *Nem ha **duvida** que elles **animem** os industriaes ha annos dedicados á restauração das minas, o factor mais efficaç da prosperidade e da riqueza.* (JORNAL MINEIRO Orgam Republicano Político Litterario e Noticioso Ano II - NUM. 90 Ouro Preto, Domingo, 15 de Junho de 1899 Direção e Redacção de Alcides Medrado p.03)

b) [] _ *Sim, meu Imperador, respondeu finalmente Romeuf (sic) hesitando; mas com a **condição de que não haveis** de perder esses bocados.* (Recreador Mineiro, Tomo 1, 15 de Abril de 1845, N 8 Pág. 123)

- Oração – Wh: as orações classificadas como wh, podem ser subdivididas em orações relativas/clivadas e em orações interrogativas.

i) Orações relativa/clivada: oração encaixada que utilize operadores de retomada, como “que”; “cujo”; “o qual”, “no qual”, “onde” entre outros e orações que sejam clivadas.

(44)

a) [] *Composto de elementos técnicos de grande expressão, com vasto tirocínio no desenvolvimento material do Estado, **para o qual têm eles** cooperado de fôrma decisiva, os seus vários departamentos são a maior garantia de êxito da Empresa,...* (Tribuna de Ouro Preto Sob os Auspícios da Sociedade de Ouro Preto Ano 1 - NUM. 9 Ouro Preto, 7 de outubro de 1945 Redação – Rua Tiradentes, 19 Diretor - Luis Ferreira da Silva Gerente – Benedito dos Santos Saraiva p.04)

b) [] *Foi na abertura desta mesma estrada **que tive ocasião** de fazer experiencia em mim mesmo de huma fruta, que tem toda a semelhança e gosto da noz moscada da India, e que suppunha pela mesma razão dever fazer igual effeito...* (Recreador Mineiro, Tomo 3º, 15 de Março de 1846 N°30 Pág. 459-467)

ii) Oração Interrogativa: orações com operadores interrogativos.

(45)

a) [] *Onde **estão eles?*** (JORNAL MINEIRO Orgam Republicano Político Litterario e Noticioso Ano II - NUM. 97 Ouro Preto, Domingo, 23 de Julho de 1899 Direção e Redacção de Alcides Medrado p.01)

- Oração com outro conectivo: orações que apresentassem valores diferentes dos que foram elucidados anteriormente, como as orações com adjunto finito, as orações consecutivas, comparativas e proporcionais.

i) Oração com adjunto finito

(46)

a) [] *Porem, mais cordial se torna a nossa sollicitude **quando ella se converte** em irrecusavel homenagem para com aquelles que optinamente hão merecido da Litteratura Republica, assim como em serviço spontaneo, e puro aos que anbelantes aspirao a tão claro merito.* (Recreador Mineiro, Tomo 1, 1 de Janeiro de 1845, N 1 Pág. 03)

ii) Oração comparativa

(47)

a) [] *Vivemos contigo, Ouro-Preto a gloriosa tradição de mais de dois séculos de existencia nobre , desejosos de merecer **como tu mereces** das delícias da nobre cidadã.* (Tribuna de Ouro Preto Sob os Auspícios da Sociedade de Ouro Preto, Ano 1 - NUM. 1 Ouro Preto, 3 de junho de 1945 Redação – Rua Tiradentes, 19 Diretor- Luis Ferreira da Silva Gerente- Benedito dos Santos Saraiva p.01)

iii) Oração conformativa

(48)

a) [] *Conforme já noticiamos, passou a residir em Belo Horizonte, para onde fôra transferido, o Cirurgião -Dentista e funcionário postal-telegráfico, Benedito dos Santos Saraiva que, por isto...* (Tribuna de Ouro Preto Sob os Auspícios da Sociedade de Ouro Preto, Ano 1 - NUM. 6 Ouro Preto, 24 de junho de 1945 Redação – Rua Tiradentes, 19 Diretor- Luis Ferreira da Silva Gerente- Benedito dos Santos Saraiva p.04)

2.4- RESUMO DO CAPÍTULO

O presente capítulo é fundamental para as descrições e análises que serão apresentadas no próximo capítulo. As explicações sobre a composição do *corpus* aqui estudado são necessárias para compreender a origem das informações lingüísticas, isto é, a origem da língua – I dos redatores dos jornais que serão analisados.

Além das explicações sobre a composição do *corpus*, foi feita uma pesquisa biográfica a respeito dos redatores dos periódicos estudados nesse trabalho. Pelo levantamento dos dados, foi visto que todos os jornais possuem redatores brasileiros. A partir dessa constatação, podemos dizer que o presente estudo se trata de um estudo histórico do PB.

Apresentamos também a metodologia utilizada para classificar os dados que serão analisados e quantificados nessa dissertação. Optou-se por efetuar uma classificação nos moldes da tradição gramatical e adaptá-la, em um segundo momento, de maneira sintética e relevante para o estudo do sujeito nulo no PB. No capítulo seguinte serão apresentados os resultados e as discussões encontradas.

Capítulo 3

Resultados e Análises

Nesse capítulo serão apresentados os resultados encontrados no *corpus* organizado para esse trabalho. Esse *corpus*, como vimos, é composto por três jornais mineiros que circularam na cidade de Ouro Preto em três épocas distintas: primeira e segunda metade do século 19 e primeira metade do século 20. O conjunto total de nosso banco de dados é de aproximadamente 150.000 palavras, composto por 5.135 orações.

Seguindo a metodologia apresentada no capítulo anterior dessa dissertação, contabilizamos 1.704 orações que constituem contextos de variação sujeito nulo/ sujeito pronominal realizado. Após a apresentação dos resultados efetuaremos a discussão e as análises dos dados.

3.1 – RESULTADOS DOS CONTEXTOS DE VARIAÇÃO

3.1.1 – Resultados Iniciais

Inicialmente serão apresentados todos os dados encontrados no universo de cada jornal:

O Recreador Mineiro (1845 -1848)

Tabela 2

Variação sujeito nulo/ pronominal realizado em todas as orações analisadas no Recreador Mineiro

Variantes	Suj. nulo	Suj. Pronominal	Outros Sujeitos⁶	Total
Quantidade	688	137	860	1685
Porcentagem	41%	8%	51%	100%

⁶ Foram classificados como “Outros Sujeitos” os sujeitos lexicais e os sujeitos que não se enquadraram na

No periódico “O Recreador Mineiro”, foram encontradas **825** orações com sujeito pronominal ou nulo. Desse total, 688 orações apresentaram sujeito nulo e 137 orações apresentaram sujeito pronominal realizado, o que corresponde a 41% e 8% respectivamente, ou seja, metade do *corpus*.

Jornal mineiro (1898 – 1900)

Tabela 3

Variação sujeito nulo/ pronominal realizado em todas as orações analisadas no Jornal Mineiro

Variantes	Sujeito nulo	Suj. Pronominal	Outros Sujeitos	Total
Quantidade	419	95	1321	1835
Porcentagem	23%	5%	72%	100%

Ao considerar todas as orações desse jornal, foram encontradas **514** orações de um total de 1835, sendo que 95 de sujeitos pronominais realizados e 419 de sujeitos nulos. Matematicamente, equivale dizer 23% desses e 5% daqueles. Logo, a soma das duas variantes representa um terço dos dados.

Tribuna de Ouro de Preto (1945-1947)

Tabela 4

Variação sujeito nulo/ pronominal realizado em todas as orações analisadas no Tribuna de Ouro Preto

Variantes	Sujeito nulo	Suj. Pronominal	Outros Sujeitos	Total
Quantidade	312	53	1250	1615
Porcentagem	18%	3,5%	78,5%	100%

metodologia explanada no capítulo 2 dessa dissertação.

O periódico “Tribuna de Ouro Preto”, em um universo de 1615 orações, apresentou apenas **365** orações com contexto de variação. 312 corresponde ao número de orações com a presença de sujeito nulo, isto é, 18% e quanto ao sujeito pronominal realizado, foram encontradas 53 orações, o que corresponde a 3,5%. A soma das variantes chega a um quinto do *corpus*. O que significa dizer que na maior parte das orações desse período não há nem sujeito nulo nem sujeito pronominal preenchido.

Quando inserimos os resultados dos contextos de variação dentro de todo o conjunto do *corpus*, identificamos dois aspectos de grande relevância para o nosso estudo: o primeiro é que apesar do número de orações analisadas em todos os períodos manter uma certa homogeneidade quantitativa (1685; 1835 e 1615 respectivamente), o número de orações averiguadas com a variação aqui estudada é cada vez menor (825; 514 e 365 respectivamente); o segundo é o fato de que, analisando todo o conjunto dos textos, o número de sujeitos nulos cai de 41% para 18% e o número de sujeitos pronominais realizados também cai, de 8% para 3,5% .

Ao considerar todo o universo de dados, vemos que há um fenômeno ocorrendo: tanto o número de sujeito nulo quanto o número de sujeitos pronominais estão decaindo. Logo, que variante está aumentando nesses textos? Para responder essa pergunta, iremos a partir de agora, analisar quantitativamente os dados passo a passo para localizar a variante em questão.

Ao considerar a totalidade dos dados, dentro do subconjunto da variação, foram obtidos os seguintes resultados:

Tabela 5

Variação sujeito nulo/ pronominal realizado no Recreador Mineiro

Variantes	Quant.	%
Sujeito Nulo (SN)	688	83%
Sujeito Pronominal Realizado (SPR)	137	17%
Total	825	100%

Tabela 6

Variação sujeito nulo/pronominal realizado no Jornal Mineiro

Variantes	Quant.	%
Sujeito Nulo (SN)	419	81%
Sujeito Pronominal Realizado (SPR)	95	19%
Total	514	100%

Tabela 7

Variação sujeito nulo/ pronominal realizado no Tribuna de Ouro Preto

Variantes	Quant.	%
Sujeito Nulo (SN)	312	85%
Sujeito Pronominal Realizado (SPR)	53	15%
Total	365	100%

As três tabelas apresentadas acima nos mostram que a porcentagem de sujeito nulo é constante. À primeira vista, tal informação nos levaria a conclusão de que não há alterações em seu uso no decorrer do tempo. Uma das razões que poderiam ser apontadas para essa constância seria o fato de o *corpus* ser composto por textos de natureza altamente formal.

Logo, a escrita por apresentar-se mais conservadora - ainda mais em textos considerados formais - não refletiria as variações lingüísticas esperadas. Foi partindo dessa pressuposição que muitos pesquisadores buscaram para seus estudos diacrônicos gêneros textuais considerados “menos formais”, como cartas pessoais ou mesmo textos literários históricos de peça de teatro. As peças de teatro contêm diálogos, mesmo não sendo os verdadeiros representantes da fala coloquial, essa forma de escrita é o que mais se aproxima dela, uma vez que em um diálogo o autor busca expor a fala de uma personagem, muitas vezes, da maneira que acredita ser a mais próxima da realidade do contexto colocado em cena.

Não discordamos da metodologia adotada por esses pesquisadores. Entretanto, no estudo da variação e mudança em línguas pretéritas, não se deve descartar um conjunto de documentação por apresentar uma modalidade diferente. É claro, que não é todo fenômeno que poderá ser analisado em um *corpus* dessa categoria. A falta de concordância, por exemplo, não será refletida. Para o estudo do sujeito nulo, mostraremos que mesmo com uma modalidade formal, os resultados apresentados serão parecidos com os dos textos menos formais, ou seja, apontaram para uma alteração no uso do sujeito nulo no PB.

Assim como em qualquer estudo de *corpus*, seja ele de gênero mais formal ou menos formal, para interpretar os resultados de maneira correta teremos que antes analisar as orações mais de perto. Isto é, observar aprofundadamente seus contextos de realização, no que tange ao tipo de sentença e principalmente à pessoa do discurso. Na próxima seção, trataremos justamente desses aspectos que estão “mascarando” a variação em nossos dados.

3.1.2 – Contextos de realização do sujeito nulo x sujeito pronominal realizado

Passemos então para um estudo mais aprofundado da variação do sujeito nulo/sujeito pronominal realizado, considerando os diversos contextos sintáticos em que os dados são encontrados:

Tabela 8

Variação do sujeito nulo/ pronominal em relação ao tipo de oração no Recreador Mineiro

Tipos de Oração	Sujeito Nulo		Sujeito pronominal		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Orações coordenadas	310	90%	34	10%	344	100%
Orações matrizes	133	76%	40	24%	173	100%
Orações – wh	120	83%	24	17%	144	100%
Orações encaixadas com outro conectivo	92	73%	34	27%	126	100%
Orações encaixadas completivas verbais	19	82,5%	4	17,5%	23	100%
Orações encaixadas completivas nominais	14	93%	1	7%	15	100%

A tabela 8 nos mostra que o sujeito nulo é o preferencial em todos os tipos de oração. O sujeito pronominal realizado apresenta menos de 30% em todos os contextos.

Tabela 9

Variação do sujeito nulo/pronominal em relação ao tipo de oração no Jornal Mineiro

Tipos de Oração	Sujeito Nulo		Sujeito pronominal		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Orações coordenadas	146	84%	27	16%	173	100%
Orações matrizes	117	90%	13	10%	130	100%
Orações – wh	62	68%	29	32%	91	100%
Orações com outro conectivo	78	83%	16	17%	94	100%
Orações encaixadas completivas verbais	4	34%	8	66%	12	100%
Orações encaixadas completivas nominais	12	85%	2	15%	14	100%

Na tabela 9 vemos que o número de sujeito nulo apesar de continuar

preferencial na maioria dos contextos apresenta uma diminuição na porcentagem de orações –wh. Nas completivas verbais, temos um fenômeno ainda mais interessante: o número de sujeito pronominal se torna superior nesse contexto.

Tabela 10

Variação do sujeito nulo/ pronominal em relação ao tipo de oração no Tribuna de Ouro Preto

Tipos de Oração	Sujeito Nulo		Sujeito pronominal		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Orações coordenadas	90	83%	18	17%	108	100
Orações matrizes	113	86%	18	14%	131	100
Orações – wh	48	94%	3	6%	51	100
Orações com outro conectivo	44	85%	8	15%	52	100
Orações encaixadas completivas verbais	5	62%	3	38%	8	100
Orações encaixadas completivas nominais	12	80%	3	20%	15	100

Na tabela 10, correspondente ao periódico Tribuna de Ouro Preto (1945 a 1947), vemos que o sujeito nulo volta a ser a maioria absoluta nos dados, apenas o contexto de completivas verbais permanece com uma porcentagem um pouco mais baixa. Esses resultados nos mostram que há uma flutuação nos dados, mas não nos indicam ainda nenhum índice de mudança.

O salto dos sujeitos nulos nas orações-wh de 68% para 94%, na primeira metade do século 20, será abordado mais adiante nas discussões desse capítulo. Ao olhar para as porcentagens dos resultados, é necessário ter cautela. Apesar de a porcentagem ter aumentado no ambiente de orações completivas verbais do JM para o TOP, é importante notar que o número total dos dados no contexto analisado diminui de 12 orações para 8.

Independentemente dos tipos de orações analisadas, a observação dos dados e as considerações teóricas a respeito do sujeito nulo nos levam a considerar uma variável

adicional: a pessoa. Ao olhar para a distribuição das pessoas nos três jornais, foram obtidos os seguintes resultados:

Tabela 11

Distribuição das pessoas do discurso pela variação sujeito nulo/pronominal no Recreador Mineiro

Variantes	1ª pessoa (S + P)	2ª pessoa (S + P)	3ª pessoa (S + P)	Total
Suj. Nulo (SN)	195 + 111 = 306	32 + 16 = 48	183 + 151 = 334	688
Porcentagem (%)	45%	7%	48%	100%
Suj. Pron.Real. (SPR)	41 + 15 = 56	5 + 5 = 10	56 + 15 = 71	137
Porcentagem(%)	41%	7%	52%	100%

Tabela 12

Distribuição das pessoas do discurso pela variação sujeito nulo/ pronominal no Jornal Mineiro

Variantes	1ª pessoa (S + P)	2ª pessoa (S + P)	3ª pessoa (S + P)	Total
Suj. Nulo (SN)	92 + 212 = 304	2 + 8 = 10	53 + 52 = 105	419
Porcentagem (%)	72,5%	2,5%	25%	100%
Suj. Pron.Real. (SPR)	14 + 9 = 23	1 + 2 = 3	61 + 8 = 69	95
Porcentagem(%)	24%	4%	72%	100%

Tabela 13

Distribuição das pessoas do discurso pela variação sujeito nulo/ pronominal no Tribuna de Ouro Preto

Variantes	1ª pessoa (S + P)	2ª pessoa (S + P)	3ª pessoa (S + P)	Total
Suj. Nulo (SN)	39 + 198 = 237	17 + 2 = 19	38 + 18 = 56	312
Porcentagem (%)	76%	7%	17%	100%
Suj. Pron.Real. (SPR)	6 + 8 = 14	5 + 1 = 6	29 + 2 = 31	51
Porcentagem(%)	26 %	11%	61%	98% ⁷

Ao apresentar os resultados das pessoas do discurso nos contextos de variação com suas respectivas porcentagens, nota-se que a quantidade de sujeito nulo decresce quando olhamos para a terceira pessoa (48% - 25% - 17%). Diferentemente do que havíamos visto até o momento, a variação nos contextos analisados começa a aparecer de forma um pouco mais clara. As tabelas ainda salientam uma interessante relação quantitativa no uso da primeira e da terceira pessoa no decorrer do tempo. Na tabela 8 vê-se que o uso de sujeito nulo na primeira e na terceira pessoa ocorre de maneira equilibrada - 45% e 48% respectivamente. Entretanto, na tabela 8 vê-se que não há mais equilíbrio entre as pessoas, a primeira pessoa ocorre com 72,5% e a terceira com 25% e essa falta de equilíbrio permanece no TOP, na qual temos 76% e 17% respectivamente. O desequilíbrio apontado pelas tabelas 9 e 10 nos dá indícios de uma diferença gramatical entre a primeira metade do século 19 e os dois períodos subsequentes.

A idéia dessa diferença é confirmada quando olhamos para o mesmo fato sob um prisma diferente: a distribuição da variação do sujeito nulo/sujeito pronominal realizado pelas pessoas do discurso:

⁷A totalidade dos dados soma 98% e não 100% , porque foram encontradas 2% de orações contendo a construção “a gente” no valor pronominal. Apesar deste substituir a 1ª pessoa do plural, a conjugação do verbo aparece na terceira pessoa, logo preferimos não colocar esses dados na mesma tabela, para não interferir na análise.

Tabela 14

Distribuição da variação sujeito nulo/ pronominal pelas pessoas do discurso no Recreador Mineiro

	Sujeito Nulo		Sujeito pronominal		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
1ª pessoa (S + P)	306	82%	66	18%	372	100
2ª pessoa (S + P)	48	83%	10	17%	58	100
3ª pessoa (S + P)	334	82,5%	71	17,5%	405	100

Tabela 15

Distribuição da variação sujeito nulo/ pronominal pelas pessoas do discurso no Jornal Mineiro

	Sujeito Nulo		Sujeito pronominal		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
1ª pessoa (S + P)	304	93%	23	7%	327	100
2ª pessoa (S + P)	10	77%	3	33%	13	100
3ª pessoa (S + P)	105	60%	69	40%	174	100

Tabela 16

Distribuição da variação sujeito nulo/ pronominal pelas pessoas do discurso no Tribuna de Ouro Preto

	Sujeito Nulo		Sujeito pronominal		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
1ª pessoa (S + P)	237	94%	14	6%	251	100
2ª pessoa (S + P)	19	76%	6	24%	25	100
3ª pessoa (S + P)	56	64%	31	36%	87	100

No JM o sujeito nulo de terceira pessoa cai de 82,5% para 60%; o uso pronominal, conseqüentemente aumenta de 17,5% para 40%. No TOP observa-se que as porcentagens permanecem próximas às apresentadas pelo tempo anterior. Mais uma vez, vê-se que o final da segunda metade do século 19 representa um marco na evolução do sujeito nulo. E por esses números, pode-se deduzir que há uma tendência em evitar a terceira pessoa nula à medida que o tempo passa.

Além disso, se consideramos os números absolutos, observa-se que os sujeitos nulos de primeira e terceira pessoa no primeiro tempo estão equilibrados (306 – 334 respectivamente). No segundo tempo, a terceira pessoa (105) cai para quase três vezes menos ao ser comparada com a primeira (304) e no terceiro tempo cai mais ainda, a primeira pessoa apresenta-se quatro vezes superior (237) ao número de terceira pessoa (56). Essa falta de equilíbrio entre a primeira e a terceira pessoa, evidenciada a partir do periódico JM, aponta para uma mudança no uso do sujeito nulo, fazendo suspeitar que alguma coisa mudou na gramática dos falantes. Na próxima seção, discutiremos os altos índices de sujeito nulo na primeira pessoa.

3.2 – O PREPONDERANTE USO DA PRIMEIRA PESSOA

3.2.1– Os altos índices de sujeito nulo de primeira pessoa nos dados.

Ao observar os dados, percebe-se que a primeira pessoa aparece de forma bastante preponderante, influenciando diretamente nos resultados, ou seja, interferindo na visualização da variação.

Nos exemplos a seguir, vê-se que esse uso está ligado a questões de *estilo textual*. Os redatores usam a primeira pessoa do plural de maneira impessoal, como um recurso de elocução, no intuito de passar uma imagem de proximidade com os leitores, inserindo-os no contexto abordado em questão. Além é claro, de ser uma maneira de se eximir de toda a responsabilidade do texto, pois este uso tende a mostrar que o redator falava em nome de toda uma equipe jornalística que ele representa.

Ex.: (49)

a)[] *Em o artigo de "Tribuna" a que nos reportamos, chegamos à conclusão isofismavel: seria, sob, todos os pontos de vista, infeliz a idéia de se transferir, daqui (onde estava muito bem localizada) para Itabirito a Residência em assunto, ao terminarmos o artigo que agóra recordamos, fazíamos um apêlo ao Exmo^o Sr. Cel. Alencastro Guimarães , Diretor da E.F.C.B, para que não se efetivasse a descabida transferência já, então, quasi levada a efeito.* (Tribuna de Ouro Preto Sob os Auspícios da Sociedade de Ouro Preto Ano 1 - NUM. 11 Ouro Preto, 21 de outubro de 1945 Redação – Rua Tiradentes, 19 Diretor - Luis Ferreira da Silva Geremte – Benedito dos Santos Saraiva p.01-04)

b)[] *Sempre fomos e seremos respeitadores das crenças e dos principios que soem ter, mas nunca desceremos ao bucephalismo da phrase ou à intriga pequenina de campanaio para fazermos triumphar principios inconvenientes, pelos quaes, estamos certos, não poderão responder esses que Itaverava até agora ter-se encontrado dizem debaixo de um estado que se esforçam por baptizar - da immoralidade !!! ...* (JORNAL MINEIRO Organ Republicano Político Litterario e Noticioso Ano II - NUM. 72 Ouro Preto, Quinta-Feira 2 de Fevereiro de 1899 Direção e Redacção de Alcides Medrado p.03)

Para fundamentar essa idéia de impessoalidade passada pela primeira pessoa do plural, nos pautamos na proposta de Cavalcante (1999). A autora realiza um trabalho diacrônico com textos de jornais cariocas que circularam nos séculos 19 e 20. Nesse trabalho, o uso do pronome “nós” ou do verbo na primeira pessoa do plural nulo, configuraria em uma estratégia de indeterminação do sujeito.

O estilo nos explica o uso exacerbado de primeira pessoa do plural, no entanto ainda fica uma questão: Por que a preferência pelo sujeito nulo?

Voltaremos a essa questão na discussão da natureza do sujeito nulo no PB. Inicialmente, uma das respostas a essa questão estaria ligada à sua morfologia. Pela

desinência é possível identificar a primeira pessoa sem problemas de ambigüidade. Uma outra hipótese seria considerar esse uso do sujeito nulo como um tópico apagado nos moldes de Rodrigues (2004). Para averiguar essas hipóteses é preciso analisar os ambientes sintáticos dessas ocorrências, que será feito mais adiante.

Independentemente da posição que assumiremos, há um fato marcante em nossos dados: os altos índices de uso de primeira pessoa, possivelmente, “mascaram” nosso resultados. Por isso, passemos agora a considerar os dados sem a sua presença.

3.2.2– Os resultados iniciais sem a primeira pessoa

Abaixo apresentamos as tabelas dos dados sem contabilizar a primeira pessoa:

Tabela 17

Variação sujeito nulo/ pronominal realizado no Recreador Mineiro (sem a 1ª. Pessoa)

Variantes	Quant.	%
Sujeito Nulo (SN)	382	82,5%
Sujeito Pronominal Realizado (SPR)	81	17,5%
Total	463	100%

Tabela 18

Variação sujeito nulo/pronominal realizado no Jornal Mineiro (sem a 1ª. Pessoa)

Variantes	Quant.	%
Sujeito Nulo (SN)	115	61,5
Sujeito Pronominal Realizado (SPR)	72	38,5%
Total	187	100%

Tabela 19

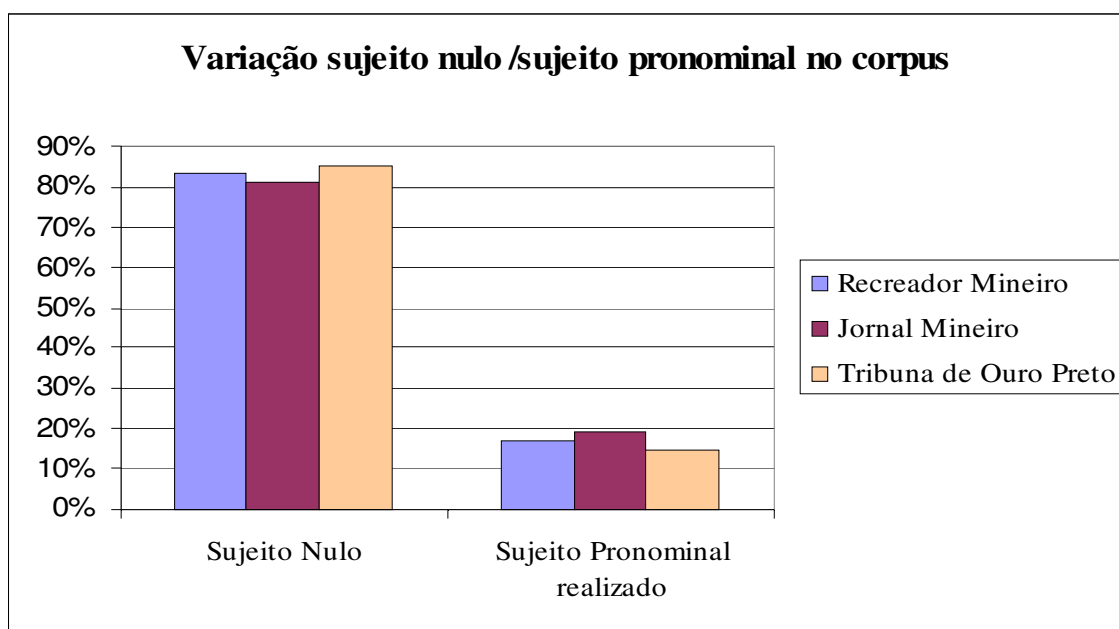
Variação sujeito nulo/ pronominal realizado no Tribuna de Ouro Preto (sem a 1ª. Pessoa)

Variantes	Quant.	%
Sujeito Nulo (SN)	75	63
Sujeito Pronominal Realizado (SPR)	44	37
Total	119	100%

Ao retirar a primeira pessoa, percebe-se que há uma alteração nos resultados. A primeira metade do século 19 continua apresentando sujeito nulo, acima dos 80%, mas os tempos seguintes diferem desse patamar, caindo para a faixa dos 60%. As estatísticas mostram que um dos fatores que mascaravam o decréscimo do sujeito nulo nos dados era o uso demasiado da forma de primeira pessoa.

Os gráficos que seguem nos revelam melhor o panorama das diferenças dos resultados:

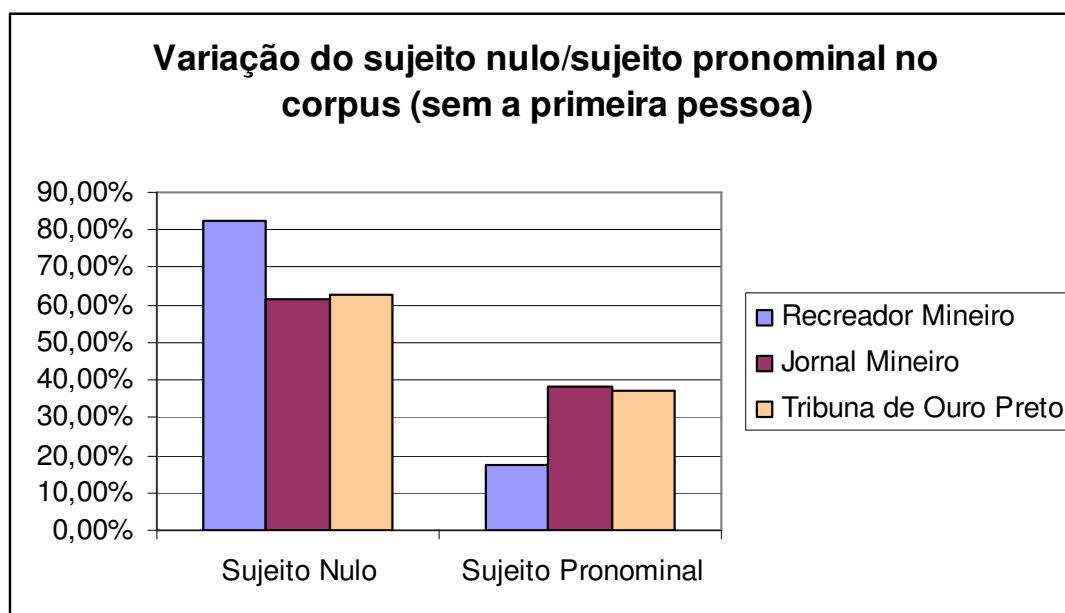
Gráfico 1



O gráfico 1, nos dá a impressão de que há constância nos dados do primeiro ao último período estudado, dando a entender que a quantidade de sujeitos nulos e pronominais realizados não sofreu qualquer alteração no decorrer do tempo, ou seja, que o sujeito nulo seria preponderante em todos os tempos. Tal análise nos levaria a ir contra a idéia defendida por Duarte (1995), e tantos outros pesquisadores, de que uma das características do distanciamento do português brasileiro para o português europeu, seria o fato de o PB ter perdido a capacidade de licenciar sujeitos nulos, preferindo o uso do pronome, perdendo o princípio “evite pronome”. Ou mesmo, nos levaria a pensar que essa mudança se deu mais tarde.

No entanto, ao analisar os dados de forma mais detalhada, percebe-se que essa interpretação é equivocada. Ao retornar aos dados para averiguar essa situação, nota-se que um dos principais responsáveis por essa falsa interpretação é a forte presença da primeira pessoa do discurso (ver tabelas 11, 12 e 13). Esta é utilizada muito repetitivamente, demonstrando às vezes um sentido de impessoalidade, uma forma de elocução usada pelos redatores dos jornais, principalmente os da primeira metade do século 20, a utilizaram de forma estilística para demonstrar uma certa aproximação com o leitor. Essa maneira de escrever permeia todos os textos dos períodos e concluímos que se trata de algo “estilístico” ou mesmo “ilocucionário” para tratar o leitor.

Gráfico 2



Ao retirar a primeira pessoa do discurso, os resultados do gráfico 2 evidenciam uma situação. O percentual de sujeito nulo cai e o número de sujeito pronominal realizado é elevado, corroborando os resultados de Duarte (1995) e outros trabalhos desenvolvidos no âmbito da lingüística diacrônica com *corpora* considerados menos formais.

Assim, da mesma forma que retiramos a primeira pessoa para contabilizar os contextos de variação, também a retiraremos para analisar o uso da variação nos diferentes tipos de orações pesquisadas nesse trabalho:

Tabela 20

Variação sujeito nulo/pronominal em relação ao tipo de oração no Recreador Mineiro (sem a 1ª. Pessoa)

Tipos de Oração	Sujeito Nulo		Sujeito pronominal		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Orações coordenadas	211	95%	20	5%	221	100%
Orações matrizes	47	77%	23	33%	70	100%
Orações – wh	55	77,5%	16	22,5%	71	100%
Orações com outro conectivo	47	73%	18	27%	65	100%
Orações encaixadas completivas verbais	12	80%	3	20%	15	100%
Orações encaixadas completivas nominais	10	91%	1	9%	11	100%

Tabela 21

Variação sujeito nulo/pronominal em relação ao tipo de oração no Jornal Mineiro (sem a 1ª. Pessoa)

Tipos de Oração	Sujeito Nulo		Sujeito pronominal		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Orações coordenadas	51	71%	21	29%	72	100%
Orações matrizes	18	78%	5	22%	23	100%
Orações – wh	21	43%	28	57%	49	100%
Orações com outro conectivo	21	66%	11	34%	32	100%
Orações encaixadas completivas verbais	-	0	5	100%	5	100%
Orações encaixadas completivas nominais	4	66%	2	44%	6	100%

Tabela 22

Variação sujeito nulo/pronominal em relação ao tipo de oração no Tribuna de Ouro Preto (sem a 1ª. Pessoa)

Tipos de Oração	Sujeito Nulo		Sujeito pronominal		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Orações coordenadas	24	65%	13	35%	37	100
Orações matrizes	24	60%	16	40%	40	100
Orações – wh	13	87%	2	13%	15	100
Orações com outro conectivo	14	78%	4	22%	18	100
Orações encaixadas completivas verbais	-		2	100%	2	100
Orações encaixadas completivas nominais	-		2	100%	2	100

Ao retirar a primeira pessoa, percebe-se que na tabela 17, que representa o *Recreador Mineiro*, a predominância do sujeito nulo em todos os tipos de oração é bastante contundente. Nas tabelas dos outros dois periódicos, percebemos um forte decréscimo nessa preferência, a ponto de não encontrar nenhum dado com sujeito nulo em orações completivas verbais e nominais no final do século 19 e no século 20.

Nota-se uma variação interessante no comportamento das orações coordenadas no decorrer do tempo. O número de orações com sujeito nulo cai de 95% para 71% e na primeira metade do século 20 vai para 65%. Nas orações-wh vê-se que, na segunda metade do século 19, o número de sujeitos nulos cai (77,5% para 43%), provocando um acréscimo no número de sujeito pronominal realizado. Entretanto na primeira metade do século 20, acontece algo inesperado, a porcentagem de sujeito nulo volta a ser maioria (87%), com um valor superior ao da primeira metade do século 19, o que é totalmente inesperado. Essa discrepância será explicada mais adiante, quando levaremos em consideração outros fatores para a análise.

Ao observar as orações matrizes, percebe-se que o número de sujeitos nulos vai caindo com o tempo. Tal fato é uma forte evidência para a mudança no uso do sujeito nulo no PB. No conjunto apresentado, apenas as orações com outro conectivo revelaram uma certa constância nos resultados (seriam as orações com adjuntos finitos, as conformativas, as comparativas dentre outras).

3.3 – O SUJEITO LEXICAL ANAFÓRICO

3.3.1 – Apresentação

O fato de nossos resultados apresentarem uma constante de mais 80% de sujeito nulo, claramente nos intrigou, pois pelo contato com os textos do *corpus*, sabíamos da existência de uma variação nesse ambiente sintático. O primeiro passo para encontrar essa variação nos dados foi retirar a primeira pessoa. Como prevíamos, o gráfico da variação mudou substancialmente, evidenciando o decréscimo do sujeito nulo no PB.

Ao retorna aos dados das tabelas 5, 6 e 7 evidencia-se uma forte queda da quantidade de pronomes realizados nos respectivos períodos estudados -17% - 19% - 15%.

Assim voltamos à questão levantada no início desse capítulo: Se o número de sujeitos nulos decresce com o decorrer do tempo juntamente com o número de sujeitos pronominais realizados, que variante está aumentando nesse tipo de texto?

Existem além dos pronomes, outras expressões nominais anafóricas. O decréscimo do número de sujeitos pronominais e nulos nos leva a fazer a hipótese de que essas expressões nominais anafóricas são usadas de maneira mais freqüente. Vejamos:

No *corpus* encontramos três tipos de sujeitos anafóricos:

a) *Retomada anafórica do nome*. Essa foi a classificação mais recorrente. O redator usava um sinônimo, um epíteto ou mesmo substantivava algum adjetivo para retomar a palavra utilizada anteriormente, de forma a manter a mesma referência, mas com o sujeito lexical realizado;

Ex.: (50)

a)[*] Maria Santíssima, a creatura privilegiada de Deus, desde o nascimento predestinada a ser Mãe de Jesus, não podia, pela linhagem donde descendia, ocupar um lugar desconhecido entre os mortais. (Tribuna de Ouro Preto Sob os Auspícios da Sociedade de Ouro Preto Ano 1 - NUM. 11 Ouro Preto, 21 de outubro de 1945 REDAÇÃO – Rua Tiradentes, 19 Diretor - Luis Ferreira da Silva GERENTE – Benedito dos Santos Saraiva p.01)*

[*] A Mãe do Verbo Incarnado não seria, então a creatura humana todavia divinizada pela aureola imaculada, que a elevava acima de todas as grandezas e dignidade da terra. (Tribuna de Ouro Preto Sob os Auspícios da Sociedade de Ouro Preto Ano 1 - NUM. 11 Ouro Preto, 21 de outubro de 1945 REDAÇÃO – Rua Tiradentes, 19 Diretor - Luis Ferreira da Silva GERENTE – Benedito dos Santos Saraiva p.01)*

A Mãe do Verbo Incarnado = Maria Santíssima

b)[*] Em nosso ultimo número, noticiamos a estada entre nós do Dr. Oscar Ricardo Pereira que aqui por determinação do ilustre Secretário da Viação e Obras Públicas, afim de proceder os primeiros estudos sobre a localização da nossa praça de esportes.(Tribuna de Ouro Preto Sob os Auspícios da Sociedade de Ouro Preto Ano 1 - NUM. 15 Ouro Preto, 18 de Novembro de 1945 REDAÇÃO – Rua Tiradentes, 19 Diretor - Luis Ferreira da Silva GERENTE – Benedito dos Santos Saraiva p.01)*

[*] Pela espontaneidade cativante com que S. Excia. Veio ao encontro de sua grande aspiração, a população de Ouro Preto não lhe regateará os aplausos sinceros, fazendo votos para que seja das mais fecundas e felizes a sua promissora administração à frente da Secretaria da Viação e Obras Públicas.(Tribuna de Ouro Preto Sob os Auspícios da Sociedade de Ouro Preto Ano 1 - NUM. 15 Ouro Preto, 18 de Novembro de 1945 REDAÇÃO – Rua Tiradentes, 19 Diretor - Luis Ferreira da Silva GERENTE – Benedito dos Santos Saraiva p.01)*

S. Excia. = Dr. Oscar Ricardo Pereira

b) *Repetição*. Quando o redator usava do recurso da repetição literal do vocábulo para expressar-se;

Ex.: (51)

a)[] Ocupa a atenção dos presentes o **Dr. Gerardo Trintade** em nome da "Sociedade dos Amigos de Ouro Preto", não obstante se tratar de um orador já consagrado nossa opinião foi a de que o **Dr. Gerardo Trintade** desempenhou, de maneira impecável e com grande felicidade, sua missão de orador oficial da solenidade, havendo produzido magnífica peça oratória e sendo que ao terminar referiu-se a D. Helvécio, chamando-o de pelo título , Arcebispo de Mariana , mas, pelo coração, Arcebispo de Ouro Preto. (Tribuna de Ouro Preto Sob os Auspícios da Sociedade de Ouro Preto Ano 1 - NUM. 06 Ouro Preto, 3 de Junho de 1945 REDAÇÃO – Rua Tiradentes, 19 Diretor - Luis Ferreira da Silva GERENTE – Benedito dos Santos Saraiva p.01)

c) *outro tipo de retomada anafórica*. Quando a retomada ocorria de forma diferente de um nome, principalmente com pronomes demonstrativos.

Ex.: (52)

a)[] *Quando a lista foi apresentada a Mr. Currau, perguntou este para que era; respondeo-se-lhe que era para o enterro de Mr. O'Brien, escrivão.?* (Recreador Mineiro Tomo 1, 1 de Janeiro de 1845 N 1 Pág.14)

Como se vê, no exemplo acima o pronome demonstrativo “este” retoma o sintagma nominal “*Mr. Currau*”. Após essa classificação, inserimos esses resultados aos resultados anteriormente encontrados para desenvolver nossas análises.

3.3.2 – Resultados encontrados

Apresentamos a seguir os resultados com a presença do sujeito lexical anafórico:

Tabela 23

Distribuição dos sujeitos nulos/pronominais e sujeitos lexicais anafóricos no Recreador Mineiro

Variantes	Quant.	%
Sujeito Nulo (SN)	688	75%
Sujeito Pronominal Realizado (SPR)	137	15%
Sujeito Lexical Anafórico (SLA)	88	10%
Total	913	100%

Tabela 24

Distribuição dos sujeitos nulos/pronominais e sujeitos lexicais anafóricos no Jornal Mineiro

Variantes	Quant.	%
Sujeito Nulo (SN)	419	71%
Sujeito Pronominal Realizado (SPR)	95	16%
Sujeito Lexical Anafórico (SLA)	79	13%
Total	593	100%

Tabela 25

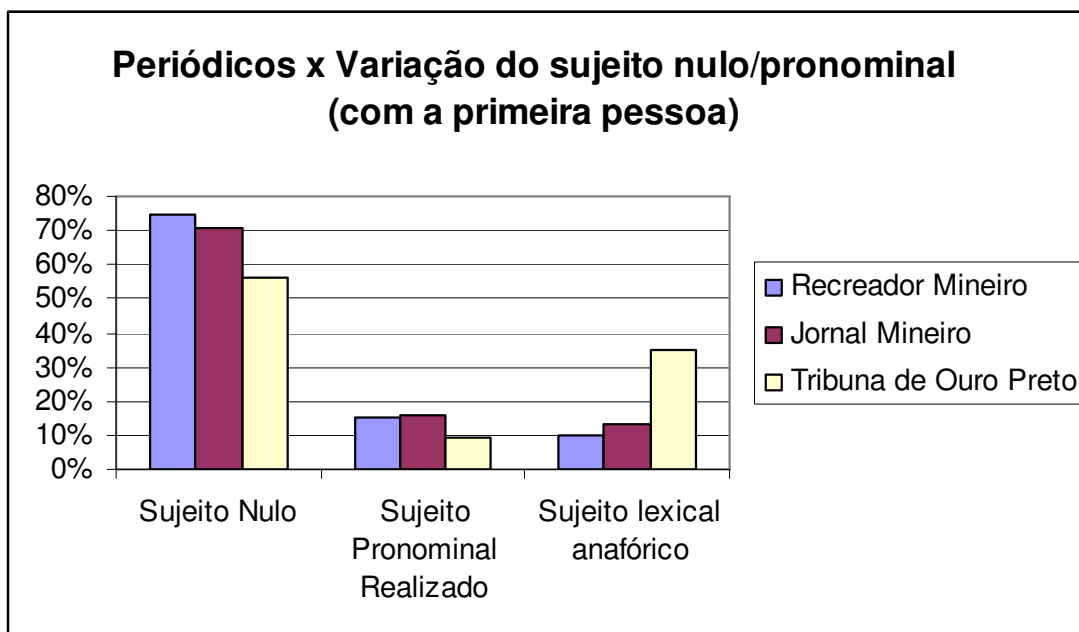
Distribuição dos sujeitos nulos/pronominais e sujeitos lexicais anafóricos no Tribuna de Ouro Preto

Variantes	Quant.	%
Sujeito Nulo (SN)	312	56%
Sujeito Pronominal Realizado (SPR)	53	9%
Sujeito Lexical Anafórico (SLA)	192	35%
Total	557	100%

A inclusão do *Sujeito Lexical Anafórico* na variação sujeito preenchido/ sujeito nulo nos permite definir novas porcentagens para o sujeito nulo. Nota-se que o periódico *Tribuna de Ouro Preto* utiliza essa estratégia de preenchimento preferencialmente ao uso do sujeito pronominal. Por esse motivo nos foi passada uma falsa análise de que na primeira metade do século 20, o uso do sujeito nulo ainda estava muito forte nos textos, atingindo a porcentagem de 85%, como vimos na tabela 3. Quando na verdade, a porcentagem de sujeitos nulos nesse período é de 56%, como vemos na tabela 25. Assim o que se observa no século 20 não é um aumento do sujeito nulo provocado pela diminuição do sujeito pronominal realizado, mas sim uma tendência de substituir o sujeito nulo e o

sujeito pronominal realizado por um sujeito lexical anafórico. O gráfico desses resultados nos mostra a seguinte variação:

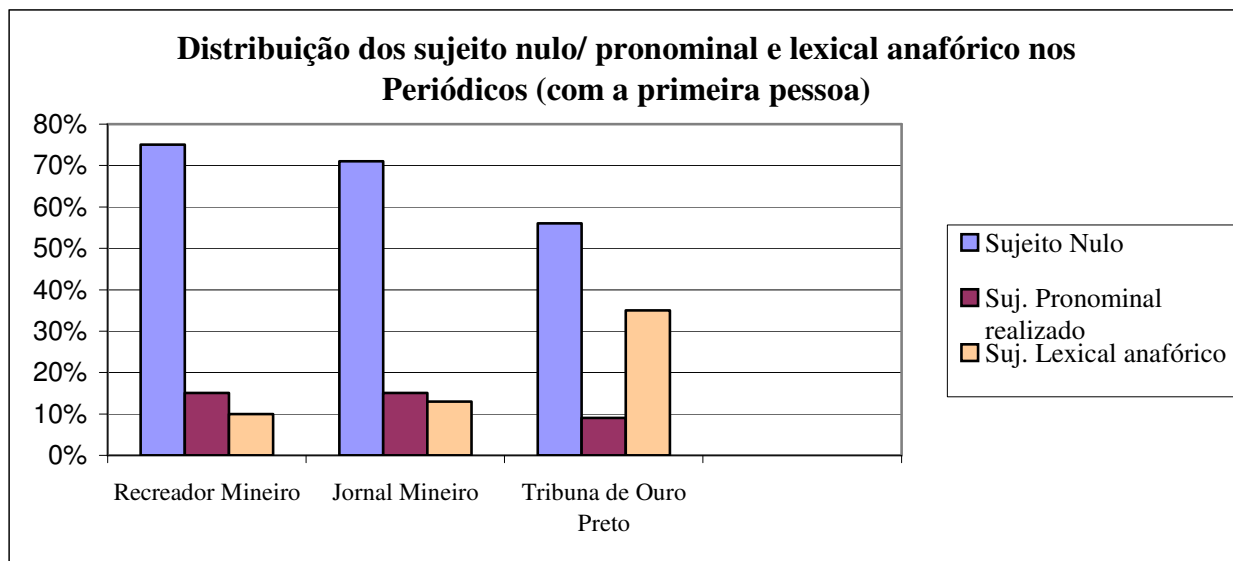
Gráfico 3



O número de sujeito nulo diminui e o número de sujeito lexical anafórico vai aumentando com o decorrer do tempo. O número de sujeitos pronominais realizados e o número de sujeitos nulos no *Tribuna de Ouro Preto* ao ser comparado com os outros periódicos apresentam-se com a menor ocorrência. Ambos diminuem devido ao aumento do número de sujeitos lexicais anafóricos. O que corrobora a hipótese de que o PB com o passar do tempo veio a deixar de ser uma língua de sujeito nulo do tipo do PE ou do italiano.

Os dois gráficos seguintes apresentarão os resultados do gráfico 3 de maneira diversificada. No primeiro veremos a *variação x os periódicos*, para que se veja a quantidade que cada variante apresentou em cada jornal, representante de sua época. No segundo, somaremos as variantes de sujeito pronominal realizado ao sujeito lexical anafórico, para que se veja como se comporta o uso da forma nula do sujeito e o uso da forma preenchida no *corpus*

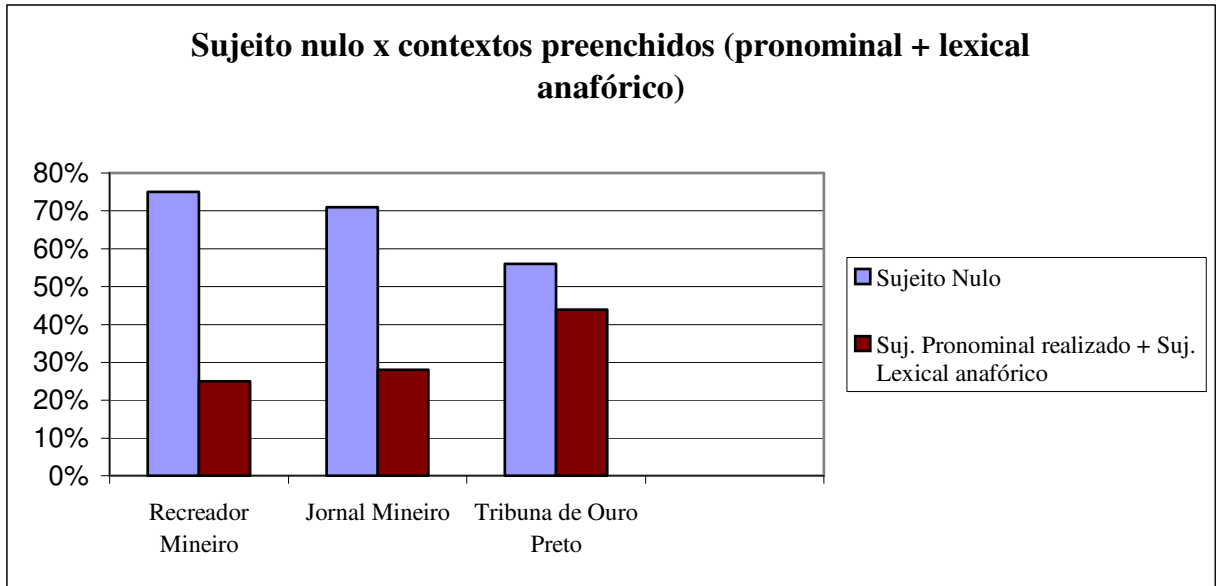
Gráfico 4



O gráfico 4 mostra a diminuição do sujeito nulo e o acréscimo do sujeito lexical anafórico. A variante pronominal apresenta uma pequena flutuação no século 20. Entretanto mesmo com essa flutuação, vemos pelo sujeito lexical anafórico que a tendência é preencher, cada vez mais, o sujeito.

No gráfico seguinte esta tendência ficará ainda mais evidente, pois foram adicionados os números de sujeito pronominal realizado ao sujeito lexical anafórico. Com tal procedimento fica nítida a tendência dos redatores de evitar o sujeito nulo à medida que o tempo passa, culminando com os dados do TOP. Ao comparar a primeira metade do século 19 com a primeira metade do século 20, vê-se um perfil inteiramente mudado:

Gráfico 5



3.3.3 – Ausência da primeira pessoa nos resultados com sujeito lexical anafórico

Desde do início de nossa discussão o uso demasiado da primeira pessoa nos textos - principalmente na primeira metade do século 20 - tem norteado nossas questões, no que tange à falsa impressão de falta de variação nos dados. Com a inclusão do sujeito lexical anafórico, vimos um novo panorama de variação nos dados. Contudo, como apresentado no início deste capítulo a primeira pessoa em nosso *corpus* “esconde”, de certa forma, os nossos *reais* resultados. Assim sendo, a seguir apresentaremos os dados de sujeito lexical anafórico sem a presença da primeira pessoa:

Tabela 26

Distribuição dos sujeitos nulos/pronominais e sujeitos lexicais anafóricos no Recreador Mineiro (sem a primeira pessoa)

Variantes	Quant.	%
Sujeito Nulo (SN)	382	69%
Sujeito Pronominal Realizado (SPR)	81	16%
Sujeito Lexical Anafórico (SLA)	88	15%
Total	551	100%

Tabela 27

Distribuição dos sujeitos nulos/pronominais e sujeitos lexicais anafóricos no Jornal Mineiro (sem a primeira pessoa)

Variantes	Quant.	%
Sujeito Nulo (SN)	115	43%
Sujeito Pronominal Realizado (SPR)	72	27%
Sujeito Lexical Anafórico (SLA)	79	30%
Total	266	100%

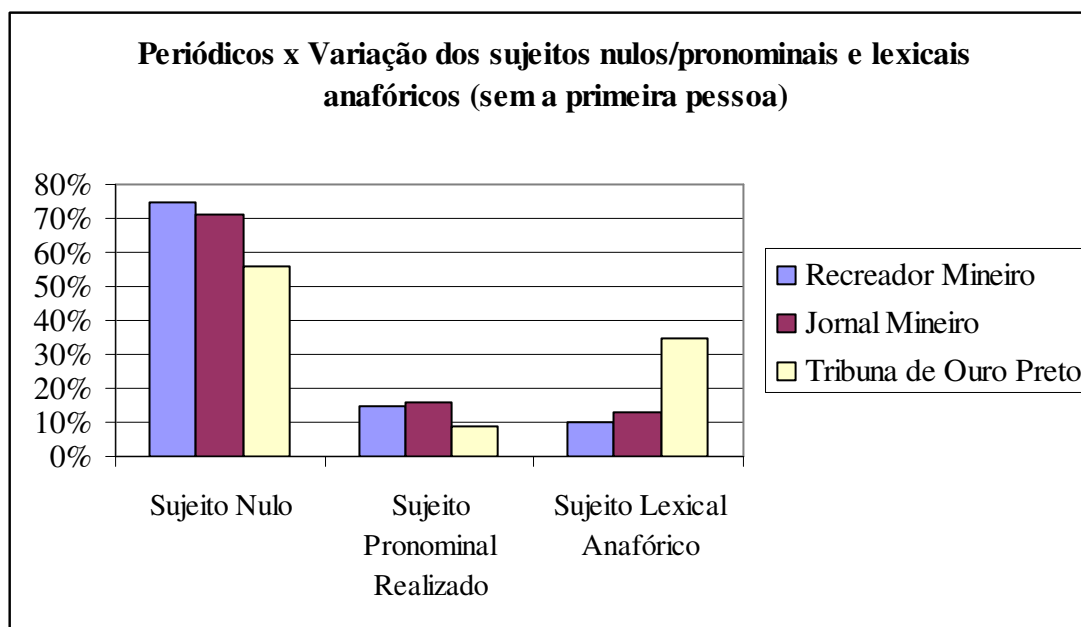
Tabela 28

Distribuição dos sujeitos nulos/pronominais e sujeitos lexicais anafóricos no Tribuna de Ouro Preto (sem a primeira pessoa)

Variantes	Quant.	%
Sujeito Nulo (SN)	75	24%
Sujeito Pronominal Realizado (SPR)	44	14%
Sujeito Lexical Anafórico (SLA)	192	62%
Total	311	100%

Como prevíamos, ao retirar a primeira pessoa temos uma variação ainda mais contundente em nossos resultados. O Sujeito nulo cai de 69% para 24% e o preenchimento do sujeito anafórico apresenta um acréscimo bastante considerável de 15% para 62%. Há praticamente uma inversão nos resultados dos dados, no que se refere a essas duas variáveis: o que se pode notar, comparando os resultados da primeira metade do século 19 com os da primeira metade do século 20. A seguir se vê os resultados obtidos:

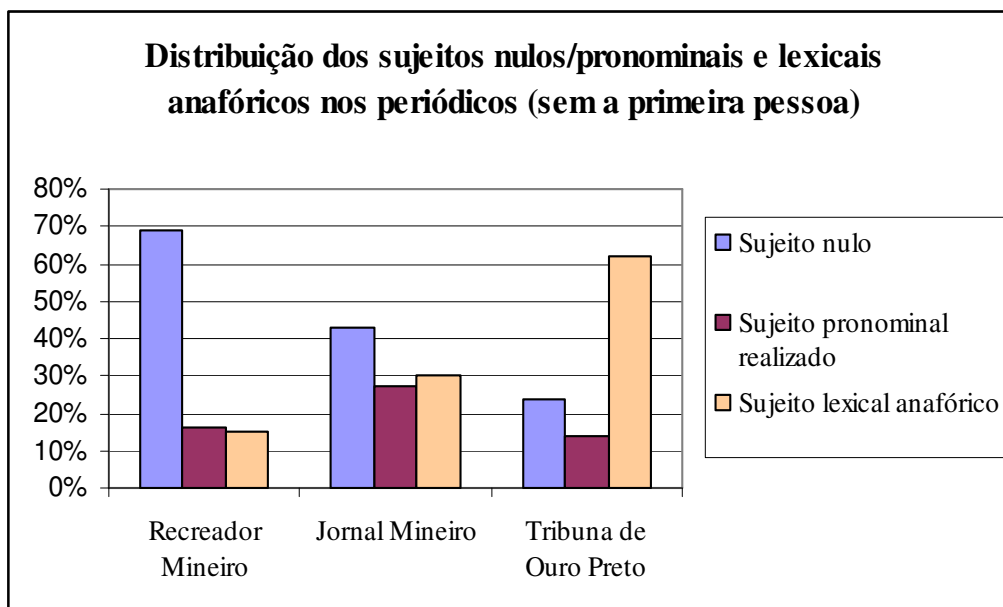
Gráfico 6



O gráfico acima nos mostra de maneira clara o decréscimo do uso do sujeito nulo nos periódicos e o acréscimo de sujeitos lexicais anafóricos. O uso do sujeito pronominal realizado cai na primeira metade do século 20. Há uma flutuação nos dados nesse ambiente sintático. Nota-se também que o número de sujeito nulo nesse período também é baixo. Quando se olha para a porcentagem de sujeito lexicais anafóricos tem-se a resposta para a flutuação no ambiente de pronominais realizados. A tendência desses falantes é evitar o sujeito nulo, daí por ser um texto formal, eles preferem o uso anafórico de forma lexical ao uso do pronome realizado.

A seguir apresentamos o mesmo gráfico apresentado acima, mas agora com as variáveis dos eixos invertidas. Tal procedimento nos faz ver a variação em cada periódico analisado:

Gráfico 7



Esse gráfico é a fotografia das variantes analisadas em nosso *corpus*. No RM temos o uso predominante do sujeito nulo e as formas preenchidas encontram-se praticamente com as mesmas porcentagens. O JM evidencia o porquê de ser tratado como nosso “marco” ao ser averiguada a variação diacrônica. A porcentagem de ocorrência de sujeito nulo diminui e o número de sujeitos preenchidos, tanto pronominais quanto lexicais anafóricos, aumentam em relação ao período anterior. E o TOP confirma a tendência do final do século 19, diminuindo ainda mais o número de sujeitos nulos e aumentando consideravelmente o número de sujeitos lexicais anafóricos.

Os dados encontrados nos apontam indícios para a seguinte conclusão: tem-se uma língua de sujeito nulo na primeira metade do século 19. Na segunda metade, vemos o reflexo de uma gramática em que esse uso de sujeito nulo já não é mais instanciado. Na primeira metade do século 20, é fundamentalmente uma gramática de sujeito preenchido, seja ele pronominal ou lexical anafórico.

É importante enfatizar nesse momento, que apesar de se ver uma “alteração de gramáticas” – uso de sujeito nulo para um uso de sujeito preenchido - não estamos dizendo que o PB não licencia nenhuma ocorrência de sujeito nulo, na primeira metade do século 20. A presença de sujeito nulo ainda é evidenciada, contudo de maneira mais restrita.

Os gráficos abaixo deixam ainda mais explícitas as afirmações feitas acima. Juntamos o sujeito pronominal realizado ao sujeito lexical anafórico e comparamos ao sujeito nulo. O número de ocorrências de sujeito nulo cai consideravelmente e o sujeito preenchido vai para 76% dos dados da primeira metade do século 20. Vemos no gráfico 8 que essa porcentagem supera até mesmo o número de sujeito nulo na primeira metade do 19, que era 69%. No gráfico 9, mais adiante, apresentamos os mesmos dados, mas de um outro prisma: a variação dos sujeitos nulos/ pronominais e lexicais anafóricos.

Gráfico 8

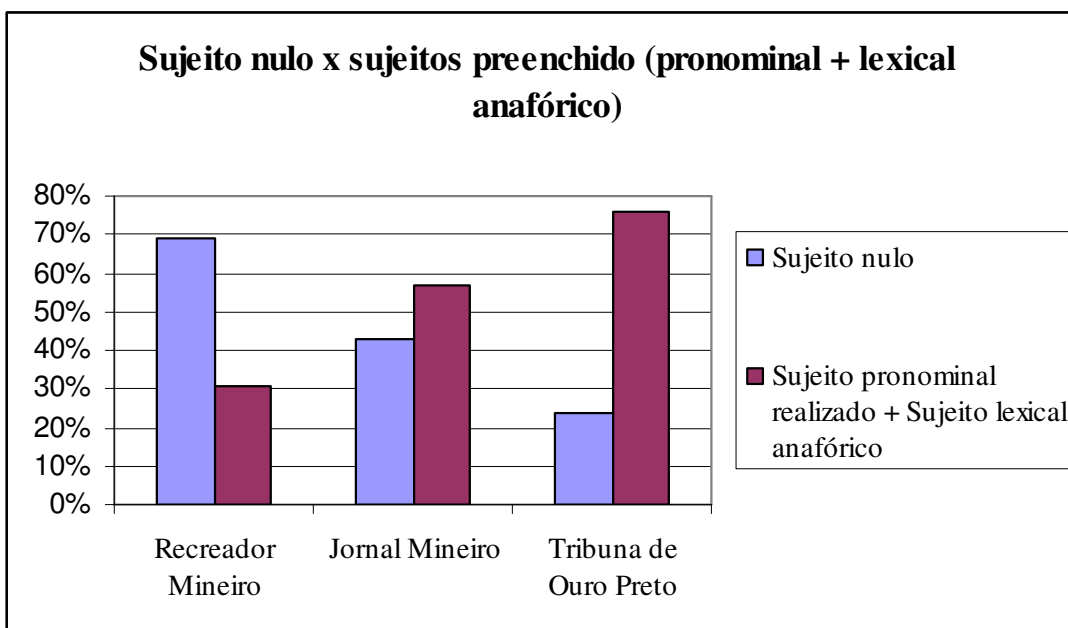
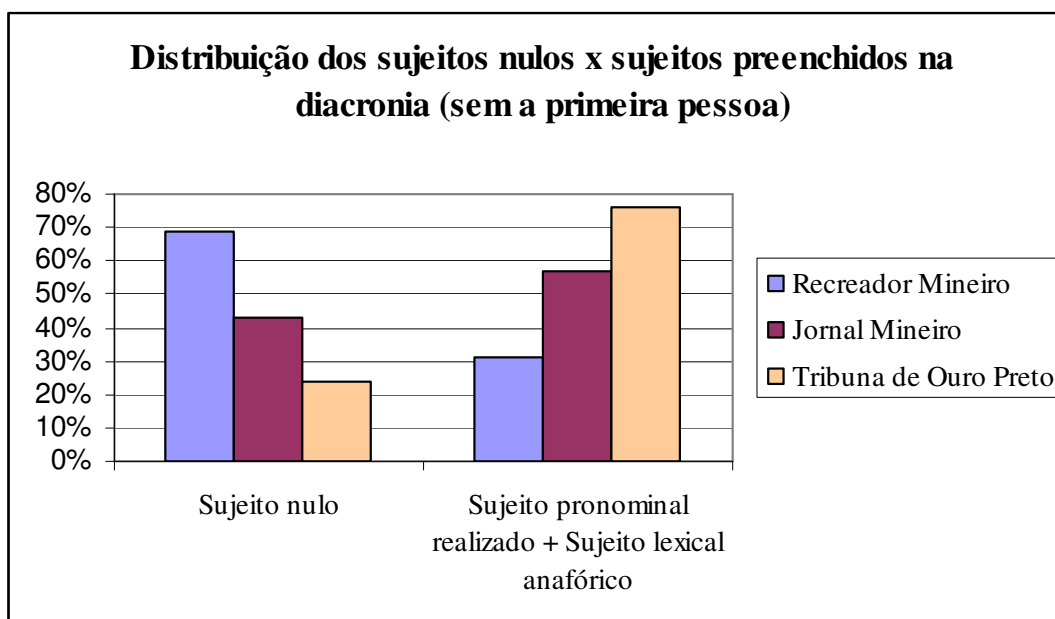


Gráfico 9



Os gráficos acima nos mostram claramente a inversão no uso do sujeito nulo no decorrer do tempo em Minas Gerais: na primeira metade do século 19 tem-se maior ocorrência de sujeitos nulos; na primeira metade do século 20 tem-se maior ocorrência de sujeitos preenchidos. A partir dos resultados quantitativos apresentados, vemos que, embora em menor porcentagem, o PB ainda possui sujeito nulo em sua configuração. No entanto, acreditamos que essa configuração não se enquadra nos critérios da teoria gerativa para caracterizá-la como uma língua “pro-drop”, nos termos de Chomsky (1981). Devido a esse decréscimo no uso do sujeito nulo, faz-se necessária uma análise qualitativa a fim de se identificar qual a natureza desse sujeito nulo ainda presente em PB.

Assumimos a idéia de que o PB atual se configure como uma língua de sujeito nulo, mas de natureza restrita. Seria uma língua com contextos específicos para apresentar sujeitos não preenchidos. Logo, chamamos o PB de língua de *sujeito nulo diferente*. Para realizar as análises e sustentar nossa argumentação nos pautaremos nas hipóteses dos três autores selecionados para essa discussão: Maria Cristina Figueiredo Silva (1996; 2001); Marcelo Ferreira Barra (2000) e Cilene Rodrigues (2004), isso porque o sujeito nulo encontrado nos textos históricos tende a se comportar de acordo com os pressupostos estipulados por eles.

3.4 – DISCUSSÃO

Como vimos no capítulo 1, os autores que se debruçaram sobre o estudo das restrições do sujeito nulo no PB - Figueiredo Silva (2001), Barra Ferreira (2000) e Rodrigues (2004)- chegam, cada qual a sua maneira a uma mesma conclusão: a categoria vazia que se encontra nesse ambiente não é pronominal; o sujeito nulo no PB atual só é possível em ambientes em que um elemento anafórico é legitimado. Contraponemos agora nossos resultados aos ambientes de sujeito nulo existentes na sincronia do PB, segundo essas propostas.

Partindo desses pressupostos, espera-se que com o decorrer do tempo o sujeito nulo nas orações encaixadas tenha cada vez mais características de anáfora ou de variável. No primeiro caso haverá um antecedente c-comandado a categoria vazia num domínio local. No segundo um tópico presente no contexto imediato (cf. Figueiredo Silva (1996;2000)). Os resultados encontrados nesse trabalho apontam que na história do PB houve um decréscimo no uso do sujeito nulo e, conseqüentemente, um aumento no preenchimento dessa categoria. No entanto, o uso do sujeito nulo ainda se faz presente nos dados, mesmo que de maneira mais restrita. Assim, nosso objetivo nessa seção será averiguar, a partir das hipóteses levantadas na literatura sobre o assunto, como ocorrem e qual a natureza dessas restrições de sujeito nulo no PB.

Como se trata de textos escritos e históricos não foi possível encontrar todos os ambientes estipulados pelos autores, uma vez que realizaram trabalho de natureza sincrônica, usando a intuição do falante. A análise que será desenvolvida se pautará basicamente em quatro tipos de orações: as encaixadas –wh, encaixadas completivas verbais, encaixadas com outro conectivo e orações matrizes.

Ressaltamos ainda que não esperamos que todas as ocorrências de sujeito nulo sejam compatíveis com a gramática do PB atual, uma vez que há competição de gramáticas nos textos e as inovações convivem com os resquícios da gramática anterior.

3.4.1 – Orações encaixadas – Orações wh

Os autores consideram que atualmente o sujeito nulo no PB não pode estar separado de seu antecedente por fronteiras de *ilhas fortes*, como uma oração relativa:

Ex.: (53) Figueiredo Silva (2000)

a)* *O João₁ eu conheço a garota que_{cv1} cruzou ontem.*

b) *O João₁ eu conheço a garota que ele₁ cruzou ontem.*

Ex.: (54) Barra Ferreira (2000)

a) ?? *João disse que as meninas que encontrou na rua eram estrangeiras.*

Assim, prevê-se que nessas construções haja uma diminuição dos sujeitos nulos com o passar do tempo. As tabelas abaixo mostram que essa previsão se confirma:

Tabela 29

Distribuição do sujeito nulo/preenchido nas orações –wh/ relativas e clivadas no Recreador Mineiro

Tipos de Oração	Sujeito Nulo		Suj. pronominal + Suj.lexical anafórico		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Orações encaixadas-wh	120	79%	24 + 8 = 32	16% + 5% = 21%	152	100%

Tabela 30

Distribuição do sujeito nulo/preenchido nas orações –wh/ relativas e clivadas no Jornal Mineiro

Tipos de Oração	Sujeito Nulo		Suj. pronominal + Suj.lexical anafórico		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Orações encaixadas-wh	62	56%	29 + 20 = 49	26% + 18% = 44%	111	100%

Tabela 31

Distribuição do sujeito nulo/preenchido nas orações –wh/ relativas e clivadas no Tribuna de Ouro Preto

Tipos de Oração	Sujeito Nulo		Suj. pronominal + Suj.lexical anafórico		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Orações encaixadas-wh	48	62%	3 + 26 = 27	4% + 34% = 38%	77	100%

A tendência de preenchimento nas orações encaixadas-wh corrobora a hipótese a hipótese estipulada pelos autores investigados nesse trabalho. Ao retirar a primeira pessoa dos dados vemos essa tendência de preenchimento ainda mais forte:

Tabela 32

Distribuição do sujeito nulo/preenchido nas orações –wh/ relativas e clivadas no Recreador Mineiro (sem a primeira pessoa)

Tipos de Oração	Sujeito Nulo		Suj. pronominal + Suj.lexical anafórico		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Orações ecaixadas-wh	55	70%	16 + 8 = 24	20% + 10% = 30%	79	100%

Tabela 33

Distribuição do sujeito nulo/preenchido nas orações –wh/ relativas e clivadas no Jornal Mineiro (sem a primeira pessoa)

Tipos de Oração	Sujeito Nulo		Suj. pronominal +Suj.lexical anafórico		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Orações encaixadas-wh	21	30,5%	28 +20= 48	39,5%+30% = 69,5%	69	100%

Tabela 34

Distribuição do sujeito nulo/preenchido nas orações –wh/ relativas e clivadas no Tribuna de Ouro Preto (sem a primeira pessoa)

Tipos de Oração	Sujeito Nulo		Suj. pronominal + Suj.lexical anafórico		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Orações encaixadas-wh	13	32%	2 +26=28	4%+64% =68%	41	100%

Ao contabilizar os sujeitos preenchidos, o sujeito nulo de orações wh apresenta a porcentagem de 62%. Ao retirarmos a primeira pessoa, a porcentagem do sujeito preenchido versus sujeito nulo é praticamente invertida, temos 68% de preenchimento. É importante notar que com ou sem a primeira pessoa a inversão desse preenchimento ocorre no segundo período estudado, ou seja, no JM. Abaixo se pode ver o tipo de construção que predomina a partir da segunda metade do século 19, nas orações encaixadas-wh:

Ex.: (55)

a) [] *Si o eleitorado, esquecido de si mesmo, fizer-se portador de nomes que **elle não conhece** e abdicar de seu direito de intervir , por meio do seu voto consciante, na direcção dos negocios públicos. (JORNAL MINEIRO Organ Republicano Político Litterario e Noticioso Ano II - NUM. 97 Ouro Preto, Domingo, 23 de Julho de 1899 Direção e Redacção de Alcides Medrado p.01)*

b) [] *Onde **estão eles?** (JORNAL MINEIRO Organ Republicano Político Litterario e Noticioso Ano II - NUM. 97 Ouro Preto, Domingo, 23 de Julho de 1899 Direção e Redacção de Alcides Medrado p.01)*

b)[*] Tivemos a grata satisfação de entrevistar o jovem oficial dos "comandos", **Piet Schalken** que, até 1941, era aluno do Colégio Arquidiocesano de Ouro Preto. [*] Holandês de nascimento e residindo, ha muitos anos, no Brasil, **o nosso entrevistado partiu**, em 1941 para o Canadá, como voluntário, afim de receber os primeiros treinamentos de guerra:* (Tribuna de Ouro Preto Sob os Auspícios da Sociedade de Ouro Preto Ano 1 - NUM. 6 Ouro Preto, 3 de junho de 1945 Redação - Rua Tiradentes, 19 Diretor - Luis Ferreira da Silva Gerente - Benedito dos Santos Saraiva p.01)*

[*] era a decisão inabalavel que **o patriota tomara** de, embóra muito moço ainda, ir se unir aos bravos concidadãos seus e aos demais valorosos soldados das Nações Unidas, na luta contra a féra nazista!* (Tribuna de Ouro Preto Sob os Auspícios da Sociedade de Ouro Preto Ano 1 - NUM. 6 Ouro Preto, 3 de junho de 1945 Redação - Rua Tiradentes, 19 Diretor - Luis Ferreira da Silva Gerente - Benedito dos Santos Saraiva p.01)

O termo em negrito “o patriota” é o sujeito lexical anafórico da relativa. Como já explicamos anteriormente foi dado esse nome, porque o sujeito em questão é uma retomada anafórica. Nesse caso específico *o patriota* está fazendo referência ao tenente “Piet Schalken”, referente bem mais acima no texto. Observe que o recurso da retomada anafórica também é utilizado com o verbo “partiu” no mesmo período, nesse caso “Piet Schalken” é substituído por “nosso entrevistado”.

Assim o quadro que vemos é a preferência por preencher o sujeito em orações-wh, mesmo que não seja com pronomes. Ao comparar nossos resultados históricos com os postulados sincrônicos dos autores aqui discutidos, nota-se que há indícios de que tais resultados venham corroborar suas propostas. O aumento significativo de preenchimento do sujeito nas orações-wh pode ser atestado devido ao fato desse ambiente ser uma ilha forte, em que não pode haver extração.

3.4.2 – Orações encaixadas – completivas verbais

As análises de Figueiredo Silva (2001), Barra (2000) e Rodrigues (2004) nos levam também a predizer a existência de uma restrição maior nas ocorrências o sujeito nulo em orações encaixadas completivas verbais. Com efeito, Figueiredo Silva (2000), considera a existência de dois tipos de sujeito nulo referencial: o sujeito nulo anafórico e o sujeito nulo variável. O anafórico seria aquele em que o antecedente se encontrara numa posição argumental dentro de uma oração mais alta e o sujeito variável seria aquele que tem como co-referência um tópico:

(56)

a) João disse que *cv* comprou um carro. (Sujeito nulo anafórico)

b) A Maria, o João disse que *cv* que comprou um carro. (Sujeito nulo variável)

Essa proposta prevê a ausência de orações como a seguinte:

(57)

a) * O João disse que *cv1* comprei a jóia no camelô.

Para Barra Ferreira (2000) os sujeitos nulos referenciais em PB devem estar comandados por um antecedente não cindido localizado na oração imediatamente mais alta. Conseqüentemente o exemplo (57.a) também seria agramatical para esse autor, uma vez que as condições estipuladas por sua proposta não são verificadas.

Para Rodrigues (2004), a agramaticalidade de (57.a) é explicada pelo fato de o sujeito nulo de primeira pessoa só poder ocorrer em orações matrizes e o sujeito nulo de terceira pessoa em orações encaixadas. Em nossos dados, vemos que as predições dos autores são confirmadas. O ambiente apresentado se torna cada vez mais preenchido, se caracterizado como um ambiente de restrição de sujeito nulo.

Na tabela 35, pode-se observar o número de orações encaixadas completivas verbais encontradas em cada período de tempo. É impressionante a mudança atestada nesse ambiente sintático. Na primeira metade do século 19, o uso de sujeito nulo corresponde a 73% enquanto que na primeira metade do século 20, o sujeito preenchido (pronominal + lexical anafórico) corresponde a 60%.

Tabela 35

Distribuição da variação sujeito nulo/pronominal nas orações encaixadas completivas verbais

	RM		JM		TOP	
	N	%	N	%	N	%
Sujeito Nulo	19	73%	4	29%	4	40%
Suj. Pronominal realizado + lexical anafórico	4 + 3 = 7	27%	8 + 2 = 10	71%	3 + 3 = 6	60%
Total	26	100%	14	100%	10	100%

Ao Fazer um paralelo da tabela 35 com as orações encaixadas-wh das tabelas 32, 33 e 34 – aqui retomadas pela tabela 36 – nota-se que quantitativamente a mudança se dá do primeiro para o segundo período. O JM apresenta a mesma inversão no uso do sujeito nulos nesses contextos de encaixadas caracterizados como ambientes restritivos dessa ocorrência:

Tabela 36

Distribuição da variação sujeito nulo/pronominal nas orações encaixadas – wh

	RM		JM		TOP	
	N	%	N	%	N	%
Sujeito Nulo	55	70%	21	30,5%	13	32%
Suj. Pronominal realizado + lexical anafórico	16 + 8 = 24	30%	28 + 20 = 48	69,5%	2 + 26 = 28	64%
Total	79	100%	69	100%	41	100%

Voltando para as orações encaixadas completivas verbais, para uma análise mais aprofundada, examinaremos a localização dos antecedentes dos sujeitos nulos, lembrando que na análise sincrônica, afirma-se que esse contexto só é legítimo se o sujeito nulo estiver ligado por um antecedente, o que implica c-comando. A previsão é que diminua o número de sujeitos nulos nas orações encaixadas completivas verbais quando o antecedente não é o sujeito da oração principal.

Nas 19 orações do Recreador Mineiro, temos a seguinte distribuição: 6 orações com antecedente no mesmo período; 3 orações com antecedente imediatamente no período anterior; 4 orações com antecedente no contexto e 6 orações sem antecedente no texto:

Ex.:(58)

Antecedente no mesmo período:

a)[] *Meia hora depois da criada haver partido, mandou o Doutor a hum criado que montasse a cavallo, e corresse a toda a brida para alcançar a criada, e dizer-lhe que voltasse para traz immediatamente.*(Recreador Mineiro Tomo 1º 1º de Junho de 1845 Nº 12 Pág.186)

b) [] - *Direitinhos para o Ceo, respondeo o criado- Admirado o velho do que ouvia, disse que não podia compreender semelhante linguagem, porém o criado accrescentou com o maior sangue frio: comtudo nada é mais claro, pois estando meu amo a rezar, e eu em perfeito jejum, aonde pensa V.S.^a que se vá ter com jejuns e orações? .(Recreador Mineiro Tomo 1º 1º de Junho de 1845 Nº 12 Pág.186)*

c)[] *Viajando huma occasião a pé o doutor Swift, chegou á tardinha a huma aldêa, aonde se resolveo a passar a noite porem todas as estalagens p.187 ,estavão cheias de gente, em consequencia de ter alli havido huma feira no dia antecedente, o que obrigou o pobre Doutor a ficar n'huma taverna muito immunda , e aonde, por falta de camas, se vio na necessidade de deitar-se com hum arreio: este, não podendo pegar no sonno, entabolou conversação com seu companheiro de cama, e lhe disse, entre outras cousas, que tinha a fortuna de fazer muito bons negocios na feira - (Recreador Mineiro Tomo 1º 1º de Junho de 1845 Nº 12 Pág.186 e 187).*

d) [] *Nós Julgamos conveniente declarar que não podemos dispensar tempo para responder a cartas anonimas. (Recreador Mineiro Tomo 1º 15 de Maio de 1845 Nº 10 Pág. 159)*

e)[] *Mas todas as palavras nós vemos que reunidas apresentam quatro, por que a palavra Januario contem hum diphthongo, isto é huma só syllaba em ua. (Recreador Mineiro Tomo 1 1 de Fevereiro de 1845 N 3 Pág.44)*

f) [] - *Ria quanto quizer, prosequio o velho dos polvilhos, mas siga o conselho que eu vou lhe dar, e terá o que prometto.* (Recreador Mineiro Tomo 1 1 de Fevereiro de 1845 N 3 Pág.59)

Os exemplos acima nos mostram que o antecedente do sujeito nulo do verbo da oração completiva verbal não estava localizado necessariamente na posição sujeito da oração anterior, como se pode ver na (58.a) em que o antecedente do sujeito nulo do verbo “voltasse” não é o sujeito da oração mais acima, mas sim o objeto. Esse exemplo nos aponta indícios de que na primeira metade do século 19, o sujeito nulo de orações encaixadas completivas verbais tivesse uma interpretação mais independente da questão anafórica e mais próxima da realização com características pronominais. Pela discussão apresentada na literatura, o sujeito nulo atual do PB, só será legitimo nesse ambiente, se for caracterizado como uma anáfora, cujo antecedente esteja no período imediatamente mais acima c-comando a categoria vazia.

Em nossos dados, acontece que a partir da segunda metade do século 19, os sujeitos nulos das orações encaixadas completivas verbais ficam essencialmente restritos a primeira pessoa.

No JM, o número de ocorrências de sujeito nulo em orações completivas verbais diminui drasticamente para 4 realizações: 1 oração com antecedente no mesmo período, 2 orações com antecedente no contexto e 1 oração sem antecedente no texto.

Ex.:(59)

Antecedente no mesmo período:

a)[*Si Nemo diz que eu só tinha o direito de requerer remoção e cv declara que exerci esse direito, sem que ninguém o obstasse, como pode dizer que o direito exercido não se objectivára?* (JORNAL MINEIRO Orgam Republicano Político Litterario e Noticioso Ano III - NUM. 133 Ouro Preto, Quinta- Feira, 14 de janeiro de 1900 Direção e Redacção de Alcides Medrado p.01)

Seguindo a proposta de Figueiredo Silva, a realização lexical do pronome de primeira pessoa mais acima pode ser considerada como um tópico discursivo e o sujeito nulo do verbo “exerci” seria uma variável. Na análise de Rodrigues (2004) essa construção é agramatical no PB atual, uma vez que, para autora, o sujeito nulo de primeira pessoa só é licenciado em orações matrizes. De qualquer forma, o exemplo (58) é o único encontrado em nossos dados, o que evidencia que essa construção com sujeito nulo foi evitada pelos redatores na segunda metade do século 19.

No periódico TOP foram encontradas, assim como no JM, 4 orações completivas verbais: 1 oração com antecedente no contexto e 3 orações sem antecedente no texto, sendo estas todas com sujeito nulo de primeira pessoa. Não foi encontrada nenhuma oração completiva verbal com o antecedente no mesmo período. Evidencia-se que essa construção que já foi evitada pelos redatores na segunda metade do século 19 continua sendo evitada na primeira metade do século 20. Sendo que nas poucas vezes em que é utilizada o uso de sujeito preenchido é superior ao uso de sujeito nulo:

Ex.:(60)

Antecedente no mesmo período:

[] *Seus soldados, segundo continua a informar o entrevistado, foram os mais sacrificados na luta, só havendo tido folga de 4 dias, durante os quais, para reajustamento, foi mandado para a retaguarda, o que não impediu que esses bravos sofressem o efeito mortífero das bombas alemãs fazia parte do Pelotão de Remuniciamento, cujas penosas tarefas eram:* (Tribuna de Ouro Preto Sob os Auspícios da Sociedade de Ouro Preto Ano 1 - NUM. 6 Ouro Preto, 3 de junho de 1945 Redação - Rua Tiradentes, 19 Diretor - Luis Ferreira da Silva Gerente - Benedito dos Santos Saraiva p.01)

Ainda na primeira metade do século 20, temos um único exemplo de uma oração completiva verbal em um caso bastante peculiar com o uso da primeira pessoa do singular:

Ex.: (61)

a) [] *Não faz muito que ouvi a irradiação de um disco contendo a belíssima composição de Carlos Gomes, cuja letra começa por êstes dois versinhos tão expressivos :* (Tribuna de Ouro Preto Sob os Auspícios da Sociedade de Ouro Preto Ano 1 - NUM. 1 Ouro Preto, 3 de junho de 1945 REDAÇÃO – Rua Tiradentes, 19 Diretor- Luis Ferreira da Silva GERENTE- Benedito dos Santos Saraiva p.01)

Orações como a mostrada no exemplo acima são consideradas agramaticais para Figueiredo Silva(2000) e Barra Ferreira (2000). Isso porque para que tal construção ocorra seria necessária a presença de um antecedente, mesmo que em forma de tópico. Rodrigues (2004) é ainda mais radical com esse tipo de ambiente, para a autora seria uma oração inaceitável porque não haveria sujeito nulo de primeira pessoa em orações encaixadas. Assim, o fato de se encontrar apenas uma ocorrência desse tipo de construção nos leva a evidenciar que, no mínimo, tal construção já era evitada nessa época.

Concluimos que na primeira metade do século 19, o uso de orações completivas verbais com sujeito nulo tinha características mais livres. Isto é, sua ocorrência independia de pessoa ou de localização de antecedentes. Já a partir da segunda metade do século 19, sua ocorrência diminui. Tal fato é interpretado como consequência da alteração da realização do sujeito nulo no PB.

3.4.3 - Orações com adjuntos finitos

Segundo Barra Ferreira (2000), as orações com adjuntos finitos são ambientes de realização de sujeito nulo no PB:

Ex.: (62)

a) João comeu um pastel quando foi na feira.

No corpus analisado, esse contexto apresentou características fortes para licenciar o sujeito nulo. Mesmo nos textos da primeira metade do século 20, quando temos uma gramática com o sujeito mais preenchido, o uso do sujeito nulo nessa construção foi constante:

Ex.: (63)

a)[*Eles não sabem **quando deverão** ficar de pe ou de joelhos!* (Tribuna de Ouro Preto Sob os Auspícios da Sociedade de Ouro Preto Ano 1 - NUM. 1 Ouro Preto, 3 de junho de 1945 REDAÇÃO – Rua Tiradentes, 19 Diretor- Luis Ferreira da Silva GERENTE- Benedito dos Santos Saraiva p.01)

b)[*Depredada a casa do Ovidor, passam os mascarados, com o mesmo tropel do povo, às em que assistia o conde, **quando vinha** a Villa Rica, entendendo que á ellas se havia o Ouvidor retirado .* (Tribuna de Ouro Preto Sob os Auspícios da Sociedade de Ouro Preto Ano 1 - NUM. 1 Ouro Preto, 3 de junho de 1945 REDAÇÃO - RUA TIRADENTES, 19 Diretor- Luis Ferreira da Silva GERENTE- BENEDITO DOS SANTOS SARAIVA p.01)

Nossos dados corroboram a idéia de que em ambientes sintáticos com adjuntos finitos, o sujeito nulo no PB ainda estaria propenso a ocorrer. Em nossa classificação, tais construções estão inseridas no subconjunto de “orações com outro conectivo”. Separando apenas as orações com os contextos estudados nessa seção, temos a seguinte situação:

Tabela 37

Distribuição da variação sujeito nulo/preenchido nas orações encaixadas com adjuntos finitos

	RM		JM		TOP	
	N	%	N	%	N	%
Sujeito Nulo	47	74%	39	80%	22	78%
Suj. Pronominal realizado + 17 lexical anafórico		26%	10	20%	6	22%
Total	64	100%	49	100%	28	100%

A tabela 37 nos mostra que não houve variação neste contexto para a ocorrência do sujeito do sujeito nulo, a porcentagem apresenta-se constante em todos os períodos.

3.4.4-Orações matrizes

Como discutido no capítulo 1, os autores consultados para desenvolver essa pesquisa diferem em relação à questão do uso de sujeito nulo em oração matrizes. Barra Ferreira (2000) julga como agramatical qualquer sentença matriz com presença de sujeito nulo. Figueiredo Silva (2000) afirma que para uma oração matriz com sujeito nulo ser gramatical é imprescindível a presença de um tópico na sentença, ligando a categoria vazia como uma variável. Rodrigues (2004) admite a possibilidade de sujeito nulo em orações matrizes, mas restringe a pessoa. Para a autora, orações matrizes com sujeito nulo só são gramaticais quando ocorrem com a primeira pessoa, com o uso de terceira pessoa seria agramatical.

Ex.: (64)

- a)* *Embarcou no trem.*
- b) *Ele₁ disse que_{cv1} embarcou no trem.*
- c) *e estou sentada aqui.*

Para a autora, a possibilidade de ocorrer sujeito nulo em orações matrizes estaria ligada ao fato da possibilidade do sujeito ocupar uma posição de tópico. A primeira pessoa seria a única capaz de realizar um sujeito nulo nessa posição, pois ela pode ser apagada (cf. capítulo 1, seção 1.5). Com a terceira pessoa tal topicalização e apagamento não seria possível, daí ser um ambiente agramatical.

A seguir serão apresentados os resultados encontrados em cada jornal, com acréscimo do número de sujeito lexical anafórico encontrado nas orações matrizes. Tal procedimento será feito com o intuito de averiguar como se dá nos textos históricos a hipótese de Rodrigues (2004): A única possibilidade de sujeito nulo em orações matrizes é com o uso de primeira pessoa, sujeito nulo de terceira pessoa seria agramatical para a autora, nessa construção. Assim, espera-se ver um aumento no preenchimento de sujeito de oração matriz, maior na terceira pessoa do que na primeira pessoa:

Tabela 38

Sujeito realizado(pronominal + lexical anafórico) x sujeito nulo nas orações matrizes do Recreador Mineiro

	Sujeito nulo		Suj. Pronominal + Suj. Lexical anafórico		Total	
	N	%	N	%	N	%
1ª. Pessoa	86	83%	17	17%	103	100%
2ª. Pessoa	7	70%	3	30%	10	100%
3ª.Pessoa	40	51%	20 + 18=38	26% +23%= 49%	78	100%

Tabela 39

Sujeito realizado (pronominal + lexical anafórico) x sujeito nulo nas orações matrizes do Jornal Mineiro

	Sujeito nulo		Suj. Pronominal Suj. Lexical anafórico		Total	
	N	%	N	%	N	%
1ª. Pessoa	99	92%	8	8%	107	100%
2ª. Pessoa	2	100%	-	-	2	100%
3ª.Pessoa	16	35%	5 +25=30	11% +54%=65%	46	100%

Tabela 40

Sujeito realizado (pronominal + lexical anafórico) x Sujeito nulo nas orações matrizes do Tribuna de Ouro Preto

	Sujeito nulo		Suj. Pronominal + Suj. Lexical anafórico		Total	
	N	%	N	%	N	%
1ª. Pessoa	89	97%	2	3%	91	100%
2ª. Pessoa	5	55%	4	45%	9	100%
3ª. Pessoa	19	15%	12 +92=104	10%+75%=85%	123	100%

Abaixo são apresentados os gráficos com os resultados significativos das tabelas expostas:

Gráfico 10

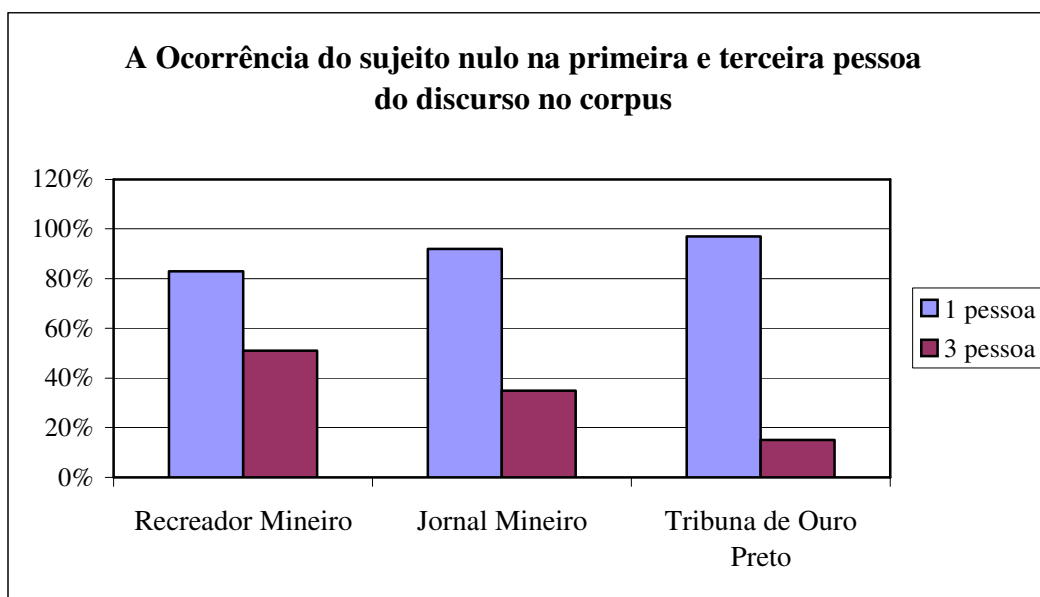
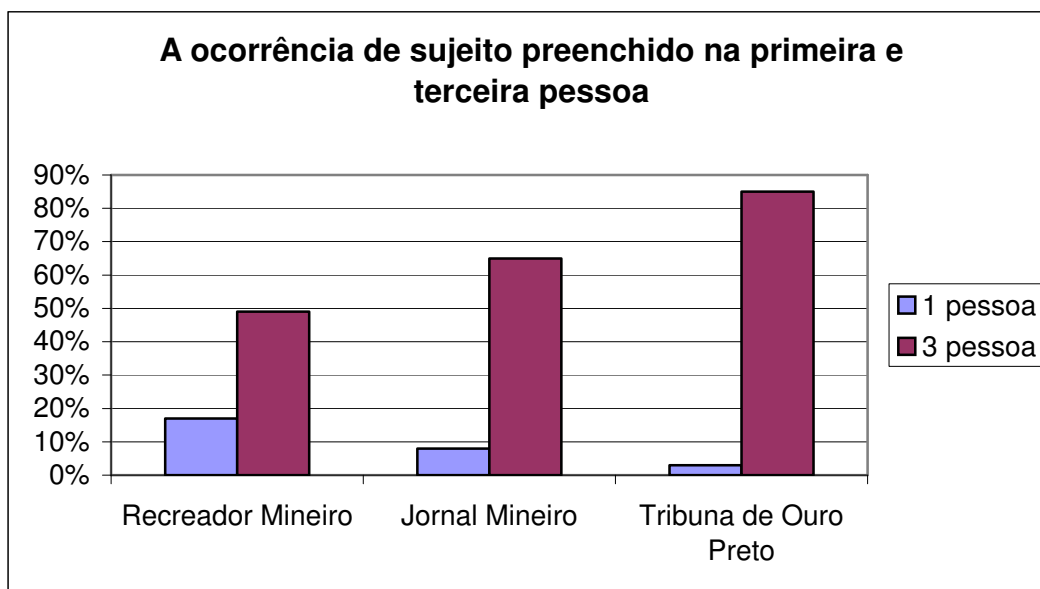


Gráfico 11



O gráfico 10 aponta para o aumento do uso de sujeito nulo na primeira pessoa nos textos. O gráfico 11 aponta para a supremacia do preenchimento do sujeito quando este é de terceira pessoa nas orações matrizes. Como se pode ver, esse uso diferenciado do sujeito nulo nas orações matrizes, ao se levar em conta a pessoa do discurso, aproxima nossos resultados da hipótese de Rodrigues (2004). A autora diz que, no PB, em se tratando de orações matrizes, temos o uso de sujeito nulo apenas com a primeira pessoa. O uso de sujeito nulo de terceira pessoa nesse contexto caracterizaria, segundo a autora, uma sentença agramatical na língua.

Nesse momento voltamos aqui à seguinte questão: em nossos dados encontramos um número preponderantemente alto para a primeira pessoa do discurso. E essa pessoa encontra-se prioritariamente nula. Que tipo de sujeito nulo se tem nesses contextos?

Ex.: (65)

[] Sempre **fomos** e **seremos** respeitadores das crenças e dos princípios que soem ter, mas nunca **desceremos** ao bucephalismo da phrase ou à intriga pequenina de campanaio para

fazermos triumphar principios inconvenientes, pelos quaes, *estamos* certos, não poderão responder esses que Itaverava até agora ter-se encontrado dizem debaixo de um estado que se esforçam por baptizar - da immoralidade !!! ... (JORNAL MINEIRO Orgam Republicano Político Litterario e Noticioso Ano II - NUM. 72 Ouro Preto, Quinta-Feira 2 de Fevereiro de 1899 Direção e Redacção de Alcides Medrado p.03)

Apesar de se considerar o alto uso da primeira pessoa nos textos como algo estilístico, exemplo (65) acima, seu uso preponderantemente na forma de sujeito nulo foi algo que nos intrigou. A interpretação para esse uso estilístico da primeira pessoa caracterizaria um sujeito indeterminado em textos jornalísticos, nos termos de Cavalcante (1999). Como foi visto, os resultados encontrados caminham ao encontro da hipótese de Rodrigues (2004). Segundo a autora o sujeito nulo existente nessas formas seria um tópico apagado.

3.5– Resumo do capítulo

Nesse capítulo apresentamos os resultados obtidos nos nossos dados. Seguindo a metodologia de classificação, chegamos a um impasse no qual não se verifica variação no conjunto dos dados, quando se considera apenas os contextos de sujeito nulo x sujeito pronominal realizado.

Ao levar em conta todo o universo de orações do corpus, descobre-se que tanto o número de sujeitos nulos quanto o número de sujeitos pronominais realizados diminuem com o decorrer do tempo. Assim, surge a questão: Se ambos diminuem, qual a variante que está aumentado no corpus? A resposta para essa pergunta é o sujeito lexical anafórico (SLA). Um sujeito é classificado como tal, quando em sua configuração ele pode ser substituído ou por um sujeito nulo ou por um sujeito pronominal realizado.

Além da constatação do aumento dessa variável em nossos dados, também se verifica que o uso da primeira pessoa, principalmente na forma de sujeito nulo, foi usada de maneira muito preponderante. Notamos que a grande quantidade de uso de primeira pessoa do plural nos dados se fez de maneira impessoal. A preferência por deixar esse ambiente nulo, acredita-se que seja pelo fato da grande quantidade de orações matrizes presente no corpus, cujo uso de sujeito nulo de primeira pessoa é atestado pela hipótese de Rodrigues (2004).

Após a apresentação dos resultados obtidos, fez-se as análises dos contextos encontrados, contrapondo-os com as afirmações sobre restrições de sujeito no PB de Maria Cristina Figueiredo Silva (1996;2000), Marcelo Barra Ferreira (2000) e Cilene Rodrigues (2004). Para poder realizar essa tarefa, apresentamos os resultados por contextos sintáticos (separando as tipologias das orações) e localizando a antecedência dos sujeitos nulos, quando necessário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho foi elaborado um estudo diacrônico a respeito do uso do sujeito nulo no PB, a partir de um *corpus* composto por jornais que circularam na primeira e segunda metade do século 19 e na primeira metade do século 20 na cidade de Ouro Preto no Estado de Minas Gerais. Nossos resultados nos levaram à conclusão de que no decorrer do tempo além do preenchimento pronominal, o PB utilizou-se de outras estratégias para não deixar o sujeito sem realização lexical. A estratégia de preenchimento observada nesse trabalho foi denominada de *Sujeito Lexical Anafórico*.

Como dito anteriormente, os dados analisados foram retirados de jornais, logo sabemos que os textos foram escritos numa modalidade formal. Há, de certa forma, uma preocupação com a escrita. Vimos em nossos dados que, à medida que buscamos contextos de variação entre sujeito nulo e sujeito pronominal realizado, estes vão ambos diminuindo com o tempo. Uma hipótese para o aumento da variante lexical anafórica seria o fato de ser textos formais. O PB, principalmente na primeira metade do século 20, apresentaria uma gramática com a tendência a preencher mais o sujeito; no entanto na modalidade escrita formal, o uso contínuo de pronomes pessoais não é bem aceita por causar uma certa redundância ou mesmo uma idéia de oralidade na escrita. Assim, para evitar tal construção, optou-se pelo sujeito lexical anafórico.

Após a constatação do declínio do uso de sujeito nulo e a quantificação de estratégias de preenchimento do sujeito nos dados, buscou-se analisar a natureza do sujeito nulo ainda existente nos textos. Os ambientes de restrições desse tipo de sujeito o caracterizam como um *Sujeito Nulo Diferente*. Nos dados históricos analisados, a ocorrência de sujeito nulo mostrou-se sensível a dois fatores: tipologia da oração e pessoa do discurso.

Tendo como respaldo teórico as propostas de Figueiredo Silva (1996; 2000), Barra Ferreira (2000) e Rodrigues (2004) elaboramos nossas análises. Os ambientes de orações wh, completivas verbais e com adjuntos finitos foram de grande relevância em nosso estudo, pois a restrição de sujeito nulo nesses contextos no decorrer do tempo apresentou-se de maneira bastante preponderante.

O sujeito nulo nas orações –wh, segundo as análises sincrônicas, não pode ficar separado de seu antecedente por fronteiras de ilhas fortes, como uma oração relativa, por exemplo:

(66)

a) *A *Maria*₁ eu conheço o garoto que cruzou_{cv1} ontem.

Após as análises em nossos dados diacrônicos verificou-se que esse contexto apresentou um grande preenchimento de sujeitos lexicais anafóricos na primeira metade do século 20. O número de preenchimento foi muito maior do que o número de sujeitos nulos nesse período. Esses resultados nos levam à conclusão de que apesar de não ser com pronomes realizados, o quadro que temos é o preenchimento, logo esse contexto foi caracterizado como um ambiente de restrição de sujeito nulo.

O uso do sujeito nulo nas orações completivas verbais também sofreu um decréscimo com o decorrer do tempo. Ao analisar os contextos sintáticos de orações completivas verbais, a literatura atual diz que só é possível ocorrer um sujeito nulo nesse ambiente se o antecedente for o sujeito da oração mais acima. Ao debruçarmos sobre nossos dados diacrônicos, verificou-se que este foi um ambiente bastante evitado, pois não foram encontradas muitas orações com essa tipologia. Pelas nossas análises, percebeu-se que na primeira metade do século 19, o uso de orações completivas verbais com sujeito nulo tinha características mais livres, ou seja, mais pronominais. Isto é, sua ocorrência independia da pessoa do discurso ou da localização de seu antecedente. Mas a partir da segunda metade do século 19, o número de orações com esse contexto diminuiu consideravelmente e se restringe. Este comportamento corrobora as propostas dos autores aqui estudados, uma vez que tal contexto é visto como um ambiente onde se espera que haja um maior preenchimento do sujeito, como no exemplo abaixo:

(67)

a) O João disse que eu comprei o carro.

Diferentemente das orações encaixadas apresentadas acima, as orações encaixadas com adjuntos finitos não configuraram em nossas análises como um ambiente de restrição de sujeitos nulos. O número de ocorrências de orações com sujeito nulo nesse

tipo de oração é o mais estável e o que ocorre com maior frequência em nossos dados. As orações com adjuntos finitos foram classificadas em nossos dados como *orações com outro conectivo* e correspondem a orações como a apresentada abaixo:

(68)

a) *João comeu um pastel quando foi na feira.*

Em orações matrizes nossos dados demonstraram um comportamento bastante curioso e peculiar, mas que se aproxima da proposta de Cilene Rodrigues (2004). A autora afirma que nessa tipologia de oração, o sujeito nulo só seria gramatical quando estivesse na primeira pessoa. Orações matrizes com sujeito nulo de terceira pessoa teria caráter agramatical para sua proposta:

(69)

a) *Vi a primeira estrela no céu.*

b) **Viu a primeira estrela no céu.*

Em nossas análises, vimos o uso preponderante de primeira pessoa nas orações matrizes. Já nesse ambiente com sujeito preenchido, as maiores porcentagem foram encontradas com o uso de terceira pessoa. E dentro dessa alta ocorrência de sujeitos preenchidos de terceira pessoa, a maior porcentagem foi a de sujeitos lexicais anafóricos. As orações matrizes foram as que apresentaram o maior número de ocorrência de sujeitos lexicais anafóricos, ao se comparar com outros ambientes sintáticos.

Pelo que foi apresentado, a restrição de sujeito nulo em orações matrizes se dá pela pessoa do discurso. O Sujeito nulo de terceira pessoa teria um caráter de agramaticalidade na língua; já o uso de sujeito nulo de primeira pessoa legitima a gramaticalidade da sentença.

Por toda discussão apresentada, vê-se que o estudo histórico aqui realizado demonstra que a natureza do sujeito nulo encontrado nos dados tem uma tipologia anafórica e em determinados ambientes de um tópico apagado. Até o final da primeira metade do século 20, o uso do sujeito nulo ainda que licenciado passou a ser bem mais restrito ao ser comparado com o século anterior. Essa restrição é atestada quando se analisa o contexto-tipologia da oração - e a pessoa do discurso em que se encontra o verbo.

A partir dos resultados encontrados, vimos que o periódico *Jornal Mineiro* da segunda metade do século 19 foi um marco para apontar as mudanças, ou pelo menos o começo da mudança no uso das variantes estudadas nesse trabalho. O panorama do uso gramatical no final do século 19 é bem diferente do final da primeira metade desse século. Pela pesquisa biográfica realizada no segundo capítulo dessa dissertação, os redatores do *Recreador Mineiro* nasceram no final do século 18 e/ou início do século 19; já os redatores do *Jornal Mineiro* nasceram em meados da primeira metade do século 19. Se o início da mudança é refletido nos dados no final da primeira metade do século 19, tal fato nos dá indícios para afirmar que a língua-I dos redatores do JM e do RM não era a mesma. Essa constatação nos faz considerar a Periodização proposta por Lobo (2001) a mais condizente com a realidade encontrada em nossos dados, uma vez que a autora estipula a data de 1850 como um marco para uma nova fase na língua do português brasileiro.

Além da evidência de estratégias de preenchimento do sujeito na história do PB e a natureza mais anafórica do sujeito nulo em orações encaixadas, essa dissertação apresenta uma grande contribuição para futuros estudos com *corpora* históricos: a desmistificação de que textos escritos em modalidades mais formais, como os de jornais, não revelam mudanças lingüísticas por serem conservadores na modalidade formal escrita. É claro, que esse tipo de texto não revelará todo e qualquer tipo de variação, como variação de concordância, por exemplo.

Apesar de concordar que os textos como *cartas pessoais* e *peças de teatro* (*diálogos*), de certa forma se aproximam mais de uma linguagem mais livre e principalmente sem preocupações de correções, não se pode de maneira alguma dizer que sejam representantes da fala da época, por maior que seja a informalidade que o autor da peça queira passar, este está retratando seus enunciados sintáticos em sua escrita, sua língua-E. Acreditamos a partir disto que, quando temos uma alteração de parâmetro, ou seja, uma mudança lingüística, mesmo em textos considerados “formais” haverá marcas dessa mudança.

Esta foi uma das principais idéias que defendemos nessa dissertação. Ao se tratar de lingüística histórica, todos os documentos pretéritos, principalmente os anteriores a primeira metade do século 20, são de grande importância para os estudos lingüísticos independente de sua tipologia, formal ou menos formal. A impossibilidade de se obter

registros de fala desses períodos é um desafio para o pesquisador que busca entender a gramática dessas gerações. Assim, este deve dispor de toda documentação confiável encontrada para realizar suas pesquisas deve – abrir o leque de possibilidades e não utilizar apenas alguns tipos de gêneros, pois, pode estar deixando para trás pistas lingüísticas importantes sobre essas gerações.

É claro que o fato de “abrirmos o leque” não implica em perdermos os critérios de pesquisa para um trabalho diacrônico, como por exemplo, colocar em um mesmo pacote uma carta pessoal de uma zona rural, ou mesmo uma peça de teatro com um documento notarial. Nossa proposta partiu do pressuposto que da mesma forma que alguns gêneros considerados menos “formais” são pesquisados e através deles consegue-se montar um certo panorama lingüístico da época em questão, os gêneros considerados mais “formais” também sejam priorizados nos estudos desses fenômenos lingüísticos.

Discutimos e apresentamos essa questão, a fim de demonstrar que o gênero aqui estudado, o jornalístico, nos mostrou um resultado quantitativo diacrônico bastante próximo dos resultados da literatura sobre sujeito nulo com outros tipos de gêneros textuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSEN, Henning. “Abductive and deductive change”. In: *Language* . 1973, p.765 – 793.

BARRA FERREIRA, Marcelo. *Argumentos nulos em Português Brasileiro*. Dissertação de mestrado – Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas. 2000. 113p

BERLINK, R. “A Construção V SN no português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem” in: *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas/ SP Pontes Editores, 1989 p.95 – 112.

_____. “Brazilian Portuguese VS Order: a diachronic analysis”. In: Mary A. Kato; Esmeralda V. Negrão. (Org.). *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. 1 ed. Frankfurt/ Madrid: Vervuert-Iberoamericana, 2000, v. , p. 175-195.

BORER. H. Anaphoric AGR In O. Jaegli & K.J. Safir (eds) *The Null Subject*. Dordrecht: 1989.p369

CASTRO, Ivo. *Curso de história da língua portuguesa*. Lisboa, Universidade Aberta, 2.v. 1991.

_____. *Introdução à História do Português*. 2ª edição, Edições Colibri, Lisboa, 2006.p.73-148

CAVALCANTE, Silvia R. A indeterminação do sujeito na escrita padrão: a imprensa carioca do século XIX e XX. Dissertação de Mestrado em Letras Vernáculas. Rio de Janeiro – UFRJ, faculdade de Letras, 1999, 117p.

CLARK, Robin & ROBERTS, Ian. “A computational model of language learnability and language change”. In: *Linguistic Inquiry*. Vol 24, 1993. p.299-345.

CINTRA, Luis Felipe Lindley. *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. Lisboa, 1983.

CHOMSKY, Noam. *Lectures on government and binding*. Dordrecht, The Netherlands: Foris Publications.1981

_____. Some Concepts and Consequence of theory of Government and Binding.Cambridge. 1982.

_____. *Knowledge of Language, its nature, acquisition and use*. Nova Yorque: Praeger. 1985

_____.; LASNIK,H. “The theory of Principles and Parameter”. In: JACOBS, J; WATECHOW, A; STERNEFELD, W & VENNEMANN, T (orgs). *Syntax: An Internacional Handbook of contemporany Research*. Berlin: Walter de Gruyter, 1993.

DUARTE, M. E.L. *Variação e Sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil*. . Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1986, 73p.

_____. “Do pronome nulo ao pleno: a trajetória do sujeito no Português do Brasil”. In: M.Kato & Roberts (eds) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas/SP, editora da Unicamp, 1993.p.107-128.

_____. *A Perda do Princípio “Evite Pronome” no Português Brasileiro*. Tese de Doutorado – Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas, 1995, 141p.

FIGUEIREDO SILVA, M.C. La position sujet em Portuguais Brésilien (dans les frases finies et infinitives). Université de Genève. Ph.D. Dissertation. 1994.

_____. *A posição sujeito no português brasileiro: frases finitas e infinitivas*. Campinas – SP Editora da UNICAMP.1996 , 201p.

_____. Main and embedded null subjects in Brazilian Portuguese. In: NEGRÃO, E. & KATO,M. *Brasilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Editora: Vervuet-Iberoamericana. 2000. p.127-145.

GALVES, C. A Sintaxe do Português Brasileiro. In: OLIVEIRA, Marco Antônio. & NASCIMENTO, Milton. (orgs.). *Ensaio de Lingüística*. Caderno de Lingüística e Teoria da Literatura. Editora da UFMG – 1987 p.31- 48.

_____. “O enfraquecimento da concordância no português brasileiro”. In: I. Roberts & M.A.Kato (orgs.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, SP, Ed. UNICAMP, 1993 p.387 - 408

_____.*Padrões Rítmicos, Fixação de Parâmetros & Mudança Lingüística Fase II*. Projeto FAPESP , processo 1998/03382-0 publicado em http://www.ime.usp.br/~tycho/prfpml/projeto_completo.html

_____.; SOUSA, Maria C. Paixão de; NAMIUTI, Cristiane. “Novas perspectivas para antigas questões: revisitando a periodização da língua portuguesa”. In: *Anais do Congresso de Lusitanistas Alemães*, 6. Leipzig: University of Leipzig, 2005.

_____. “A língua das caravelas: periodização do português europeu e origem do português brasileiro” In: CASTILHO, A; MORAIS, M; LOPES, R & CYRINO, S.(orgs.). *Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro*. Editora : Pontes. Campinas, 2007 p.513-528.

HUANG, J. On the distribution and reference of empty pronoms. *Linguistic Inquiry*, 531p. 1984.

JAEGGLI, O. & SAFIR, K. “ The null subject parameter and parametric theory”. In: O. Jaeggli & K. Safir (eds). *The Null Subject Parameter*, Dordrecht, Kluwer, 1987.

Kato, M et al. Preenchedores sintáticos nas fronteiras de constituintes. In: Ataliba T. Castilho (Org.). *Gramática do Português Falado: as abordagens*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993, v. 3, p. 235-271.

KROCH, Anthony. “ Reflexes of grammar in patterns of change”. In: *Language Variation and Change*. 1989 p.199-244.

_____. “ Morphosyntactic variation”. In: *Proceedings of Annual Meeting of the Chicago Linguistics Society*. V2, 1994 p.180-201

_____. “Sintaxe Change” in BALTIN, M. & COLLINS, C. (orgs.) *Handbook of syntax*. New York: Blackwell. 2001

LIGHTFOOT, David. *How to set parameter : Arguments from language change*. Cambridge, MA: MIT Press. 1991

_____. *The development of language: Acquisition, change, and evolution*. Malden, MA : Blackwell. 1999.

LOBO, Tânia. *Para uma Sociolinguística Histórica do Português no Brasil*. Vol: 1. Tese de doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, USP, 2001, p. 1-87

MARTINS, Ana Maria. *Clíticos na história do português*. Tese de doutorado – Faculdade de letras da Universidade de Lisboa, 1994.

MATEUS, M. BRITO, A. DUARTE, I. FARIA, I. *Gramática da Língua Portuguesa*. Ed. Caminho S/A Coleção Universitária. 5ª edição Série Lingüística, Lisboa 2003. 1127p.

- MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia . Para uma caracterização do português arcaico. *DELTA - Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, São Paulo, n. 10, 1994,p. 247-276.
- MIOTO, C. FIGUEIREDO SILVA, M.C. LOPES, R.E.V. *Novo Manual de Sintaxe*. Editora: Insular, Florianópolis, 2004, p.280.
- MENON, O. P. S. *Português Língua de sujeito nulo?* Comunicação Apresentada no I Congresso Internacional da ABRALIN. Salvador / BA, 1994.
- MODESTO, Marcelo. Null Subject without ‘rich’ agreement. In: NEGRÃO, E. & KATO,M. *Brasilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Editora: Vervuet-Iberoamericana. 2000. p.147-174.
- MONTEIRO, Norma de Góis (coord.). *Dicionário Biográfico de Minas Gerais: Período Republicano 1889/1991*. v.2, Belho Horizonte, MG: Asembléia Legislativa do estado de Minas Gerais.
- NEGRÃO, E.V. *O Português Brasileiro: uma língua voltada para o discurso*. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo. 1999.
- NEGRÃO, E.V. & MÜLLER, A L. As mudanças no sistema pronominal brasileiro: substituição ou especialização de formas. *D.E.L.T.A.* 1997. 12: 125-52.
- NICOLAU, Eunice das Dores. *Resultados de análises quantitativas da representação do sujeito no PB: indícios de uma nova gramática?*. In : caderno de lingüística da Unicamp, 1997.p.24 –64.
- OLIVEIRA, Dercir Pedro de. “O preenchimento, a supressão e a ordem do sujeito e do objeto em orações do Português do Brasil: Um estudo quantitativo”.in: *Caderno de Estudos Lingüísticos*, Campinas/SP, 1990 p.51-63
- PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. *Língua barroca: sintaxe e história do português nos 1600*. Tese de doutorado, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 2004.
- PAREDES SILVA,Vera. *Cartas Cariocas: A variação do sujeito na escrita informal*. Tese de doutorado, UFRJ, 1988.
- PESSOA, Marlos de Barros. *Formação de uma variedade urbana e semioralidade na primeira metade do século XIX*. O caso do Recife, Brasil. Tese de doutorado – Neuphilologischen Fakultät Tübingen. 1997.
- PONTES, Eunice. *O Tópico no Português do Brasil*. Campinas, editora Pontes, 1987.
- RAPOSO, Eduardo. *Teoria da Gramática. A faculdade da linguagem*. Editora: Caminho, coleção universitária, série Lingüística, Lisboa, 1992. 527p

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, V. XIV. Belo Horizonte, MG, 1970.

RIBEIRO, Ilza. *Questões sobre a ordem dos constituintes no português arcaico e no português clássico*. Em: boletim ABRALIN 17, 1996, p.23-31.

RODRIGUES, Cilene A. N. *Effects of Loss of Morphology in Partial pro-drop Languages*. Tese de Doutorado - University of Maryland, UMD, Estados Unidos. 2004

_____. The status of Null subjects in Brazilian Portuguese. Revista da ABRALIN, v. 02, 2005, p. 42-72.

ROSS, J. R. Pronoun Deletion in German. Paper presented at the annual meeting of *The Linguistic Society of America*. San Diego, California. 1982.

SANTOS, Paulo C. M. (Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo). A MINERAÇÃO NO BRASIL NAS PÁGINAS DA REVISTA “BRAZILIAN ENGINEERING AND MINING REVIEW”.

Disponível em: <http://www.ige.unicamp.br/simposioensino/artigos/065.pdf>

SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victoriano Alves. *Dicionário bibliográfico Brasileiro*. Volume 6, Rio de Janeiro. Imprensa Nacional. 1900.

SILVA NETO, Serafim. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 5 ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro. (1986 [1950])

TAMM, Paulo. Augusto de Lima. In: Revista de História e Arte. Janeiro, Fevereiro e Março de 1963. Belo Horizonte, MG.

TARALLO, F.L. “Diagnosticando uma gramática brasileira”, in: M.Kato & I.Roberts (eds), *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas/SP, Editora da Unicamp, 1993.p. 69-105.

TEYSSIER, Paul. *História da Língua Portuguesa*, Lisboa: Sá da Costa, 1982.

TORRES MORAES, Maria Aparecida. *Do português clássico ao português moderno: um estudo da cliticização e do movimento do verbo*. Tese de Doutorado, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. 1995.

TRINDADE, R. *Velhos Troncos Mineiros*. Volume II. Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais – LTDA. São Paulo. 1955.

VASCONCELOS, José Leite de. *Filologia Barranquenha*. Lisboa, 1955.

VASQUEZ CUESTA, Pilar. & LUZ, Maria Albertina Mendes da. *Gramática da Língua Portuguesa*, tradução de Ana Maria Brito e Gabriela de Matos. Lisboa: Edições 70, Livraria Martins Fontes, 1980.